

PIR LIM PIM PIM

1

PIR LIM PIM PIM
LIM PIM PIR LIM PIM
PIR PIR PIM LIM
LIM PIR PIM PIM
LIM PIM PIM PIM
LIM PIR PIM PIM
LIM PIM PIR PIM
LIM PIM PIR PIM
LIM PIM PIR PIM



REVISTA DA
FUNDAÇÃO
NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL
E JUVENIL

*A biblioteca
infanto-juvenil é
o tema
abordado neste
primeiro número.*

*Artigos, relatos
e entrevistas
apontam alguns
dos muitos
problemas,*

*contribuindo
para que sua
atuação seja,
de fato,
renovadora.*

No. Lat. _____

No. Adq. _____

No. Sist. _____

Tipo de Adq. _____

Fecha _____

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Arnaldo Niskier · presidente
Affonso Romano de Sant'Anna
Alfredo Machado
Alfredo Weiszflog
Celina Dutra da Fonseca Rondon
Ferdinando Bastos de Souza
Dill Márcio
Helena de Miranda Rosa e Souza
Henrique Sérgio Gregory
Horácio Macedo
José Mindlin
Mário Brockmann Machado
Mônica Rector
Sérgio Lacerda
Werner Klatt
Wladimir Murtinho

CONSELHO DIRETOR

Tereza Bulhões de Carvalho da Fonseca
Nelson Fernandes Guimarães
Ana Maria Oliveira Filgueiras

CONSELHO CURADOR

EFETIVOS

Henrique Luz
Paulo Adolfo Aizen
Therezinha Saraiva

SUPLENTES

Ítalo Viola
Márcio Tavares do Amaral
Maria do Carmo Marques Pinheiro

SECRETARIA GERAL

Eliana Yunes · secretária geral
Elizabeth D'Angelo Serra · secretária de
administração
Sonia Salomão Khéde · secretária de
planejamento

REPRESENTANTES DA FNLIJ

ACRE Maria José Mansour
ALAGOAS Maria Heloísa Melo de Moraes
AMAZONAS Ana Lúcia da Silva Abraham
BAHIA Elizabeth Hazin
CEARÁ Horácio D. P. Barbosa Vieira
ESPÍRITO SANTO Francisco Aurélio Ribeiro
GOIÁS Maria Zaira Turchi
MARANHÃO Rosa Maria Ferreira Lima
MATO GROSSO Maurício Corrêa Leite
MATO GROSSO DO SUL Laura Battisti Nardes
e Celia Maria Puia Ferreira
MINAS GERAIS Vânia Maria Resende
PARÁ Maria da Conceição Paes Loureiro
PARAÍBA Ana Albertina Graça Branco
PERNAMBUCO Maria das Graças Vieira Lins
PIAUI Maria do Socorro Magalhães
RIO GRANDE DO SUL Maria Regina Rösler
RONDÔNIA Glória Valladares Granjeiro
SANTA CATARINA Nelita Bortholoto
SERGIPE Lygia Salles de C. Lume

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil FNLIJ, entidade de caráter privado criada em 1968, é a representante no Brasil do International Board on Books for Young People — IBBY — órgão consultivo da UNESCO para o livro infantil e juvenil, integrando atualmente o seu comitê executivo. Participa do Programa Interamericano de Literatura Infantil — PILI — da OEA, sendo ainda beneficiada pelo programa do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe — CERLALC — através da Rede Latino-americana do Centro de

Documentação em Literatura Infantil e Juvenil e Associados.

No Brasil está conveniada ao Instituto Nacional do Livro — INL — prestando assessoria às seções infantis das bibliotecas públicas.

A FNLIJ atua nas áreas de cultura, educação e pesquisa. Seu objetivo é incrementar a produção do livro infantil e juvenil, divulgá-lo e promovê-lo através de projetos de ação social. Desenvolve estudos e pesquisa sobre todos os aspectos do livro destinado a crianças e jovens.

SUMÁRIO

PIR LIM PIM PIM é uma publicação trimestral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, FNLIJ, com enfoque temático sobre assuntos que envolvem leitura e literatura nacional e internacional, dentro do universo da criança e do jovem do mundo inteiro

SECRETARIA GERAL

Eliana Yunes secretária geral
Elizabeth D'Angelo Serra,
secretária de administração
Sonia Salomão Khêde secretária
de planejamento

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA - CEDOP

Vilma Andrade Lemos Cordeiro
coordenadora

PRODUÇÃO EDITORIAL

Anna Claudia Ramos
Luciana Sandroni
Maria Alice Martins

COLABORADORES DESTE NUMERO

Clarissa Rollin P. Bastos
Domingo Gonzalez Cruz
Eliana Guimarães
Eliana Yunes
Equipe da Biblioteca Clara Luz
Geneviève Patte
Laura Sandroni
Leny Werneck
Luiz Raul Machado
Kátia de Carvalho
Maria Luiza Villela de Andrade
Marina Quintanilha Martinez
Nanci Gonçalves da Nóbrega
Ninfa Parreiras
Ruth Villela Alves de Souza

DATILOGRAFIA

Marcia Maia Martins Pereira
Maria de Fátima Silva

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Campo Visual Vera Benardes e
Maria Eugênia Duque Estrada

PADRONIZAÇÃO DE TEXTO

Leny Cordeiro

ARTE FINAL

Cooperarte

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Rua da Imprensa 16, 10º andar, sala 1006
20 030 Tel (021) 262 9130

Rio de Janeiro RJ Brasil

Apoio Fundação Nacional Pró-
Leitura/Instituto Nacional do Livro

APRESENTAÇÃO

- 3 *Eliana Yunes*

ARTIGOS

- 5 A biblioteca infantil pelos quatro cantos do Brasil
Ruth Villela Alves de Souza
- 6 Classificação novas idéias para uma questão antiga
Nanci Gonçalves da Nóbrega
- 11 Formação e uso de coleções como estímulo à leitura
Kátia de Carvalho
- 15 A leitura e o despertar do prazer de ler
Eliana Yunes

EXPERIÊNCIAS

- 21 Criança e livro: uma anarquia saudável
Luciana Sandroni
- 25 A cestinha de livros
Domingo Gonzalez Cruz
- 28 Biblioteca infantil: espaço vivo
Marina Quintanilha Martinez/Anna Claudia Ramos
- 31 A biblioteca do museu da República e o público jovem
Maria Luiza Villela de Andrade
- 34 Biblioteca-Oficina Clara Luz
Equipe da Biblioteca-Oficina Clara Luz
- 37 A saudável rotina da simplicidade na França
Leny Werneck
- 39 A biblioteca fora dos muros: algumas experiências
Geneviève Patte

PROJETOS

- 45 O início das atividades em áreas carentes
Equipe editorial

INFOBILA,

- 46 Ciranda de Livros, uma semente de biblioteca
Laura Sandroni
- 48 Salas de Leitura: o prazer de ler na escola
Walda Antunes
- 48 Livro Mindinho, Seu Vizinho
Eliana Guimarães
- 51 A viagem da leitura
Eliane Sonderman

ENTREVISTAS

- 53 Wladimir Murtinho
- 57 *Quem* frequenta a Maria Mazzetti

RESENHAS

- 61 A criança e o livro; *guia* prático de estímulo à leitura
- 61 Anais do I Ciclo de Estudos da Comissão Brasileira de Bibliotecas *Públicas* e Escolares
- 62 Atribuições de bibliotecários em bibliotecas *públicas*
- 63 O que é biblioteca
- 64 Revista interamericana de bibliotecologia
- 65 ONDE ESTÃO AS BIBLIOTECAS INFANTO-JUVENIS NO BRASIL?

68 BIBLIOGRAFIA

71 ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

APRESENTAÇÃO



Há um ano a FNLIJ alimenta a esperança de publicar sua revista, que afinal sai agora com os ares de *Pirlimpimpim*. O que ela tem de mágico? O fato de ser uma publicação brasileira voltada exclusivamente para a literatura infantil — com incursões por áreas afins, já que a literatura é arte, tão complexa quanto a vida em seu conjunto. Mas reconhecemos que falta ainda muito do pó lobatiano para levar-nos mais longe, viajando por outras terras e espaços em busca de conhecimentos novos que façam da revista texto indispensável para especialistas. Por isto estamos abertos a sugestões enquanto damos outro brilho ao segundo número.

A revista quer ter periodicidade trimestral e será temática, exatamente para poder funcionar como *documento* que reúna informações importantes sobre a área. Por que tratar de biblioteca infantil neste primeiro número? Porque elas praticamente não existem no Brasil e o excelente trabalho que se faz numas poucas é pioneiro e desconhecido. Além disto, o INL está hoje radicalmente empenhado na organiza-

ção de seções infantis nas bibliotecas públicas brasileiras, para as quais, com certeza, faltará material de reflexão. Procurando colaborar para que entre peripécias e aventuras chegue até elas um pouco de *Pirlimpimpim* capaz de transformar a realidade, a FNLIJ decidiu homenagear Monteiro Lobato: desde o título passando pelas imagens do primeiro número. A revista está comprometida com a difusão da leitura para crianças e jovens. Evidentemente foi pensada para o adulto - pais, professores, bibliotecários - este intermediário nem sempre mágico entre o pequeno leitor e o livro

Confiantes no nosso amadurecimento e no de nossos leitores, não tememos oferecer *PIR LIM PIM PIM* ao público, que vem reclamando junto à FNLIJ uma publicação capaz inclusive de veicular o rico acervo do CEDOP, além de investigar as novidades que entram no circuito da área.

Eliana Yunes

A biblioteca infantil pelos quatro cantos do Brasil

Ruth Villela Alves de Souza*

Um dos principais objetivos da FNLIJ sempre foi o incentivo à formação do hábito de leitura através de atividades várias e a criação e desenvolvimento de bibliotecas infantis e escolares, o que consta mesmo como ponto específico de seus estatutos. Segue o exemplo da grande educadora mineira Alexandrina de Magalhães Pinto, que já em 1917 publicava um *Esboço provisório de uma biblioteca infantil* contendo uma seleção de livros para diversas faixas etárias, com 19 títulos indicados como *Primeiros livros ilustrados para audição e análise de imagens*, o que patenteia seu interesse pela iniciação dos pequeninos no convívio com os livros. Em nota explicatória afirma: "A implantação de hábito de leitura subsidiária desde os bancos escolares primários é problema a pedir solução prática. Os diretores de colégios e de escolas muito poderiam concorrer para tal fim pela organização de bibliotecas para empréstimos, mediante pequena contribuição de cada pai."

Todo educador que tem real, viva e profunda noção de seu papel na sociedade não pode deixar de reconhecer a biblioteca como elemento indispensável ao aperfeiçoamento intelectual permanente do indivíduo.

Durante a gestão de Anísio Teixeira no comando da educação do antigo Distrito Federal, em 1934, foi criada pela poetisa-educadora Cecília Meirelles a primeira biblioteca infantil pública de que se tem notícia no Brasil. Estava instalada em amplo prédio em estilo mourisco, conhecido pela população da época co-



mo Pavilhão Mourisco, num recanto da enseada de Botafogo, no Rio de Janeiro. Sua decoração interna, a cargo do artista plástico Corrêa Dias, fornecia uma atmosfera de sonho colorido e muita fantasia num ambiente de Mil e Uma Noites.

Infundados motivos políticos desativaram a biblioteca ao final de quatro anos, em 1938. O Rio de Janeiro nunca foi muito feliz com suas bibliotecas para crianças. No bairro do

Méier, um casal de educadores, Maria Carolina e Wilson Bosdetein, doou na década de 1950 sua própria residência para, em memória de seu filho falecido prematuramente, oferecer às crianças da região um local de leitura e atividades culturais. Chamava-se Biblioteca Infantil Carlos Alberto — BICA. Por problemas financeiros foi entregue em 1977 à administração pública, sendo incorporada ao Centro de Artes e Criatividade do Méier.

Já São Paulo teve na entusiasta professora-bibliotecária Lenyra Fraccaroli o elemento propulsor que irradiou seu gênio criador para além das fronteiras de seu próprio estado. Iniciando modesta biblioteca em casa alugada de bairro residencial por volta de 1935, inaugurou poucos anos depois (1937) uma em prédio próprio, com instalações modelares, de dois andares, oferecendo salas de leitura, jogos, empréstimo, e uma seção especial com livros em braile. A Biblioteca Monteiro Lobato tem hoje uma rede de trinta sucursais nos bairros da capital e tem inspirado dezenas de bibliotecas no interior do estado e em outros cantos do país.

Fundamentada na concepção da biblioteca paulista, a professora baiana Denise Tavares organizou para o Departamento de Educação de Salvador uma biblioteca, a Monteiro Lobato, no bairro de Nazaré, que vem servindo desde 1950 a população infantil. Cabe, sem dúvida, a Lenyra Fraccaroli o título de "semeadora de bibliotecas infantis".

Em Porto Alegre a bibliotecária Lucília Missen, de volta de um estágio nos Estados Unidos em 1955, planejou uma rede de bibliotecas infantis tendo como centro a Biblioteca Pública Infantil, que tomaria seu nome após o seu falecimento. A única filial que ainda existe funciona no bairro de São João. Posteriormente, já sob a direção da bibliotecária Yvette Duro, foram criadas, por solicitação das respectivas comunidades, a Biblioteca Professor Romano Reiff e a Leopoldo Boeck. Para orientar as professoras primárias na escolha de livros para seus alunos, a Biblioteca Central enviava periodicamente às escolas públicas da

capital e do interior, como Caxias do Sul, listas de obras selecionadas. A mais antiga biblioteca infantil do estado, no entanto, é a da cidade de Bajé, organizada pela bibliotecária Leda Freire em moldes modernos e com várias atividades culturais.

Com intuito de oferecer oportunidade para um intercâmbio entre bibliotecas infantis de outros países, a FNLIJ, em colaboração com a Aliança Francesa, convidou em 1977 a bibliotecária francesa Geneviève Patte para relatar suas experiências em animação e trocar idéias com nossas bibliotecárias em palestras e cursos realizados em Belém, Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Rio e Porto Alegre.

Por solicitação de várias entidades educacionais do Rio de Janeiro, a FNLIJ promoveu entre 1980 e 1984 diversos cursos, coordenados pela professora Rejane Carvalho de França, para difundir técnicas e métodos de dinamização de bibliotecas infantis.

A grande realização da fundação nos anos 82-85 foi a Ciranda de Livros. Em colaboração com a Fundação Roberto Marinho e financiado pela Hoechst do Brasil, esse projeto proporcionou um contato direto com livros de literatura infantil a crianças totalmente desprovidas de recursos e cujo único objeto impresso conhecido teria sido uma cartilha de alfabetização.

Para esse projeto gigantesco, coube à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, sob a coordenação de Laura Sandroni, a seleção de sessenta títulos que foram doados, em quatro remessas anuais, a 30 mil escolas carentes ou da zona rural, constituindo minibi-bliotecas com 1.800 livros, atingindo 4.500 crianças.

Em boa hora a FNLIJ promove a divulgação de artigos e relatos sobre bibliotecas destinadas à infância atualmente em atividade, de maneira a se avaliar o progresso biblioteconômico nesse setor.

* Ruth Villela Alves de Souza é bibliotecária e fundadora da FNLIJ.

CLASSIFICAÇÃO

Novas idéias para uma questão antiga

Nanci Gonçalves da Nóbrega*

Originalmente, as idéias que compõem este artigo surgiram em forma de longas conversas comigo mesma, com professores, com companheiros de seara, até que se foram transformando em palestras, cursos e seminários. Deste modo, foi relativamente fácil expô-las porque fiz uso das estórias infantis — ferramenta maior de meu trabalho com as crianças. Assim, me transportava ao mundo mágico e, aos poucos, as palavras fluíam e eu sentia que conseguia (conseguia?) dizer o meu discurso com princípio, meio e fim.

No momento em que registro tais idéias, as dificuldades surgem e uma certeza: há que se buscar sistematização. Porém, seguindo o conselho de uma querida mestra, percebendo a necessidade de produção literária no campo das bibliotecas infantis, e, mais que tudo, obedecendo à vontade imperiosa de começar a refletir mais amplamente sobre o assunto, aceitei o convite da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil — FNLIJ. Assumo, então, o feito de *position paper* deste artigo e parto para a luta, já que emergente. A reflexão sobre biblioteca infantil me permite colocar questões ainda baseadas em experiência de seis anos aprendendo com as crianças; questões ainda baseadas na intuição, burilada por este convívio; na observação assistemática, porém apaixonada; e na memória deste aprendizado.

Para explicar minha "teoria" sobre a classificação do acervo bibliográfico infantil, analiso a biblioteca para crianças como ela deve ser; depois, vejo seu papel em relação ao da escola. Conto minha experiência prática e o que me levou a perceber a necessidade da in-

dexação de assuntos para atender meu usuário. Reconheço as limitações, em termos de nível de atendimento pela criança, deste vocabulário controlado. E apresento exemplos. E dúvidas.

BIBLIOTECA INFANTIL¹

É essencial que este trabalho seja executado em uma verdadeira biblioteca infantil: dinâmica, viva, alegre. A biblioteca tradicional não faz questão de chegar aos pequenos; o que ela quer é ser obedecida, impor leituras e cobrar "pesquisas". A concepção da criança como "o homem de amanhã" direciona-a a um excessivo e estéril acúmulo de informações. E, como na escola tradicional, a leitura-lazer é fadada ao abandono, passando despercebido todo o potencial pedagógico.

A "nova" biblioteca infantil tenciona alterar este modelo, já que atinge ao mesmo



tempo o adulto, quando o auxilia concretamente em suas finalidades pedagógicas e/ou psicológicas no trato com a criança, revelando-lhe a estória como terapia; e a criança, no momento em que a estória se torna um prazer.

Assim, o acervo que compõe a biblioteca aqui dita é baseado sobretudo no prazer. Livros de estórias são o fundamental. E é a partir deles que reflito.

Classificar é colocar sob um código, comumente numérico, o assunto principal de uma obra. Os sistemas tradicionais de classificação bibliográfica têm duas opções básicas para o acervo infantil de ficção: ou o codifica na classe de literatura (808.068 = literatura infantil)² ou na classe de obras gerais (028.55 = interesses e hábitos de leitura de crianças e jovens)³, destinada tanto às obras que tratam de vários assuntos ao mesmo tempo quanto às ciências emergentes, como biblioteconomia, museologia etc.

Isto foi suficiente enquanto a relevância da biblioteca infantil não se fazia tão transparente quanto hoje em dia: tal biblioteca não passava de um apêndice e, como tal, seu acervo refletia esta situação. Assim, todas as estórias infantis estavam situadas num ou noutro código mencionado.

Os bibliotecários, percebendo afinal que este sistema de classificação pressupunha a adição de arranjos, ao ver crescer quantitativamente a coleção, planejaram juntar aos códigos estabelecidos letras ou siglas, numa tentativa de minimizar os problemas que surgiam relacionados à recuperação da informação. Aos poucos, a substituição por classificações empíricas dominou e surgiram as classificações por cores ou outras, na esperança de atender principalmente o verdadeiro usuário deste acervo: a criança.

Uma outra linha de ação adotou a adaptação da tabela de literatura, dividindo-a como se segue:

- 810 Poesia infantil
- 820 Teatro infantil
- 830 Aventuras
- 840 Primeiras estórias
- 850 Contos de fadas
- 860 Contos e novelas
- 870 Histórias em quadrinhos
- 880 Romances
- 890 Ficção científica

Os erros e/ou acertos de tais soluções não serão aqui analisados profundamente. A biblioteca para crianças que eu proponho não clas-

sifica simplesmente todos os livros de literatura infantil sob um mesmo número; o que ela faz é tentar recuperar de fato a estória que atenderá um desejo, uma necessidade. Para tal, utiliza-se da *indexação*, também ela um código, mas que opera com palavras e possibilita a recuperação de todos os assuntos possíveis dentro de uma obra, além de não se preocupar com a localização física do livro no universo do acervo bibliográfico — atributo, por excelência, da classificação.

Assim, através de uma prática intensa, procuro uma teoria, que se fundamentará através do uso de uma linguagem controlada, criada a fim de recuperar a informação⁴ contida nas estórias infantis. Escolho então a indexação de assuntos, que possibilitará indicar, na coleção, os temas que ela contém.

Esta indexação não padece de experimentação. Já experimentei, experimentei, experimentei. Percebo que se destina mais aos adultos que às crianças. Afinal as crianças — mais sábias, com certeza — não querem saber de nada controlado. Especialmente palavras.

INDEXAÇÃO PARA O TRABALHO COM CRIANÇA

Na "minha" biblioteca, aos poucos, foi ficando claro que, através das possibilidades de estar à vontade, expor os desejos, brincar e ser feliz, as crianças iam arrebatando as amarras e se colocando como seres humanos que são. A partir desta abertura, os serviços do colégio onde a biblioteca funcionava foram nos fazendo solicitações a fim de conhecer a problemática de cada criança. Assim como os professores. Por exemplo: numa situação de separação dos pais, a criança se isolava na sala de aula, sem querer (ou poder) dizer de suas emoções. Na biblioteca, ouvindo uma estória sobre perda, solidão, ela conseguia a catarse para apreender o que se passa na vida, o que é o mundo. É óbvio que isto não se dá como num passe de mágica: é necessária muita paixão no trabalho, muito envolvimento, muita entrega e reflexão para obter o coração de uma criança.

Então o Serviço de Orientação Educacional, ou o Serviço de Orientação Pedagógica, ou o professor da turma tomava conhecimento dos efeitos conseguidos na biblioteca e lhe pediam ajuda: "tem uma estória aí que eu possa contar na minha turma que está com problema muito sério em relação a roubo?"; "tem uma estória aí que eu possa usar para trabalhar uma criança com medo de tudo?"; "tem



uma estória aí que me possibilite mostrar aos meus alunos que a violência é coisa má?" E assim por diante, numa compreensão de que o teor era o de ensinar a vida através de uma estória, porque é assim que uma criança consegue mais facilmente apreender o mundo.

Deste modo surgiu a consciência de que o trabalho teria que ser feito a partir de tentar indexar literatura infantil

Antigamente a literatura para crianças era mais diretiva: havia a "moral da estória" bem explícita, o que facilitava toda uma pesquisa de apreensão do tema. Hoje, esta "moral" a ser seguida é dita de maneira mais sutil, obrigando a um trabalho sensível de percepção do assunto principal.

Porém era necessário. Como, de outra forma, poderia recuperar as informações pedidas? A dificuldade maior, certamente, era lidar com o discurso poético, uma vez que ele possibilita variadas interpretações da palavra. Procurei então pesquisar os assuntos de cada livro anotando o tema, decodificando as imagens que o ilustrador me passava, lendo muito sobre desenvolvimento infantil, sobre a teoria do que deve ser e do que é a literatura infantil, sobre poética, sobre educação, sobre pedagogia. Porém em nenhum momento tive dúvida de que seria, mais que tudo, observando a criança, ouvindo-lhe o coração, entendendo-lhe o olhar e o gesto, escutando seu riso e so-

frendo com sua tristeza que "as portas da percepção" se abririam para mim. Portanto estou afirmando que são a *intuição* e o *afeto* os maiores aliados que podemos ter na lida com a alma infantil.

Assim, coloquei cada estória sob uma ou mais palavras que, de algum modo, fizessem perceber o universo daquele texto. E naturalmente os problemas de controle das palavras começaram a aparecer

EXEMPLOS E DIFICULDADES

Era uma vez duas avós, de Naumin Aizen, EBAL. Assim que entramos em contato com o livro, percebemos claramente que se trata de uma estória sobre família. Então, entendendo também que é assunto de máxima importância para o mundo infantil, indexei a palavra, que passou a fazer parte de um fichário de termos controlados:

X FAMÍLIA

Seguindo as regras de indexação, procurei acolher sob este termo geral todos os específicos que com ele estivessem ligados:

X FAMÍLIA

usada para Pai

Mãe

Avós

Irmãos

etc.

Desta forma, quando alguém procurava a biblioteca contando que uma criança estava com dificuldades para aceitar seu novo irmãozinho, íamos até o catálogo de assunto e descobríamos uma estória sob o termo X FAMÍLIA que poderia auxiliar na luta com o problema da criança.

Mas — ora, graças a Deus — uma obra literária não fica só no aparente. As entrelinhas são o verdadeiro âmago da questão no discurso poético. E aí compreende-se que o texto de Naumin quer, isto sim, falar sobre

X IDENTIDADE

Pois cada um é como é. E cada avó do texto mencionada era uma, à sua maneira. Diferenças de personalidade que nos mostram identificação de propósitos na vida: as duas, cada qual a seu modo, ensinaram ao menino que vale a pena viver.⁵

Muitas estórias foram colocadas sob este termo, mostrando que no desenvolvimento infantil este é um assunto da maior importância. Lembram do Patinho Feio? É ou não é uma estória que fala sobre identidade? Ser cisné, mas

demorar à beça a compreender isto e ter que sofrer muito como pato até chegar à compreensão do Eu verdadeiro...

Assim foi crescendo o vocabulário, sendo constantemente enriquecido pelas crianças com suas emoções, pelas estórias com sua poesia. Indexei também estórias do nosso folclore e da tradição oral de vários povos para valorizar tanto a literatura oral quanto a escrita.

Alguns livros eram menos complexos, seu ponto-chave facilmente apreendido. Mas outros... Mamããã! E aí acontecia todo um trabalho instigante de análise do texto, de descoberta do poder das palavras, de vislumbre da mensagem nele contida.

Preferi não colocar neste trabalho o produto desta indexação para bibliotecas infantis: o vocabulário propriamente dito. Estou ainda em fase de aprimoramento da linguagem. O propósito foi expor as idéias e o processo de executá-las.

Tenho muitas dúvidas. Algumas já consigo delimitar: a sistematização, a utilização do vocabulário também pela criança, a extensão e os limites de cada palavra-chave. Sistematizar se torna fundamental quando se percebe que esta experiência, para se solidificar, precisa ser definida, refletida, esmiuçada. Deve deixar o empirismo e buscar metodologia. (Mesmo que alguns possam estranhar a intuição e o afeto como elementos essenciais ao processo científico). Além disso, pergunto-me a quem venho dirigindo meu trabalho: ao adulto ou à criança? A criança, como usuária desta biblioteca infantil transformadora, é a propulsora da mudança. Mas não posso ter a ingenuidade de pensar que poderia facilmente controlar a linguagem da infância e a percepção que ela tem do seu uso. Assim, o que significará identidade para um pequeno de oito anos? No entanto, ao adulto preciso também falar — ao bibliotecário infantil, para que possamos refletir que tipo de profissional exige esta "nova" biblioteca. O profissional somente preocupado com o aspecto técnico da biblioteconomia? Certamente não. Este "novo" bibliotecário deve ser um feiticeiro, por hábito e paixão. Deve ter o espírito de curiosidade exacerbado em si. Precisa apreender o significado do ser humano criança. Perceber a sedução da estória infantil. Tem que ser *outro*, uma pessoa muito especial. Estarão, no entanto, preparando esses profissionais nossas faculdades de biblioteconomia; nosso sistema de

ensino nos habituou a tentar alçar estes vôos?

Tenho duas certezas: enquanto profissional, este vocabulário controlado me dá chances de provar, de alguma forma, o quanto é válido o trabalho de uma biblioteca infantil, e quanto nós, educadores seja de que seara for, precisamos estar juntos neste trabalho. Afinal, como conseguir que se desvelem os temas "escondidos" nas estórias sem convidar para a descoberta o bibliotecário, o professor, o psicólogo, o linguísta, o estudioso da literatura infantil etc.? Estou certa de que não basta deixar os assuntos de um acervo bibliográfico infantil de forma a mais correta possível para que tenhamos a "nova" biblioteca aqui proposta.

O encantamento que acontece dentro dela é o importante, afinal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ O termo biblioteca infantil é utilizado aqui com a acepção de *biblioteca para crianças*, não importa onde esteja fisicamente instalada, seja numa escola, como parte de uma biblioteca pública etc. Deste modo, não obedeço a terminologia técnica tradicional que diferencia biblioteca infantil e biblioteca escolar, já que acredito no *lúdico* como elemento básico do trabalho com a criança. Também na biblioteca infantil situada numa escola, acima da informação deve estar o *prazer*, a atividade lúdica como ponte para os objetivos, quer sejam pedagógicos, quer de outro teor. Creio que tudo o mais vem a reboque. Assim, "biblioteca escolar" é termo relegado por mim

² Cf. DEWEY, M. *Sistema de clasificación decimal*. Trad. e adapt. Jorge Aguayo 19. ed. Albany, Forest Press, 1980

³ *idem*, *ibid*.

⁴ Informação aqui entendida no seu sentido mais profundo, ou seja, tudo "informa" alguma coisa. uma notícia de jornal, um espirro, uma paisagem ensolarada, um desenho numa caverna, ou uma estória de risos e brincadeiras, ou bruxas e fadas, ou monstros e príncipes encantados. A seara do bibliotecário é justamente recuperar destes "documentos" a informação neles contida.

⁵ Ver análise sugerida em NÓBREGA, N.G. *Vamos brincar com Era uma vez duas avós*, de Naumin Aizen. Rio de Janeiro, Edutec/Inelivro, 1986. Série Brincando com o Livro.

* Nanci Gonçalves da Nóbrega é chefe da Divisão de Biblioteca do Museu Histórico Nacional, docente da Universidade Federal Fluminense e assessora de bibliotecas infantis da Federação Brasileira das Associações de Bibliotecários.

Formação e uso de coleções como estímulo à leitura

Kátia de Carvalho*

A biblioteca popular, especialmente a de natureza infantil e juvenil, é sempre tema de estudo e reflexão em função do papel que representa na comunidade.

Neste artigo pretende-se levantar algumas questões que conduzem a esta reflexão.

Inicialmente, enfatiza-se que a biblioteca infantil e juvenil é a principal responsável pela aproximação que deve ocorrer entre criança, adolescente e livro.

Pode parecer estranho que numa época em que proliferam as novas tecnologias da comunicação esteja-se a enfatizar o livro, a sua importância em uma biblioteca. Esta é a questão. O livro é a base da pesquisa, do aprofundamento do conhecimento, e é na infância e na adolescência que este hábito se configura de fato.

Outra questão que emerge com grande força é a necessidade de maior atenção aos

adolescentes quanto à orientação para a leitura em bibliotecas.

A biblioteca é um espaço aberto, não estabelece restrições quanto ao atendimento que dispensa ao usuário. Do ponto de vista físico, deve ser aconchegante, dotada de boas condições ambientais — luminosidade, silêncio, ventilação, mobiliário adequado. Quanto ao funcionamento, não se acredita mais em "fórmulas definitivas" que permitam a estas bibliotecas uma boa atuação, quer estejam isoladas, quer integradas em redes e sistemas de informação. Cada caso é particular e sendo assim será tratado em face do seu contexto social. O importante nestes casos é não absorver, sem



um posicionamento crítico, modelos importados, dissociados da ambiência brasileira.

É necessário que se estabeleçam prioridades neste contexto, cujas múltiplas diferenças possibilitem uma confluência na abordagem, em um país de dimensões continentais, para então formular uma Política Nacional de Informação — preservando e dimensionando o espaço das bibliotecas.

No âmbito das bibliotecas é preciso dar especial ênfase ao leitor popular. É na biblioteca pública que deve ser iniciada a relação do leitor com o livro. Este fato não vem ocorrendo. O freqüentador da biblioteca pública é o estudante. Quais as razões? Deficiência das bibliotecas escolares? Distorção das bibliotecas públicas? Inexistência de bibliotecas infantis? Para melhor dimensionar a atuação é preciso conhecer a comunidade onde está inserida a biblioteca e chegar a soluções ajustadas ao meio.

Para iniciar a abordagem deste tema tão complexo, convém lembrar que a relação entre biblioteca, editor e leitor no Brasil não ocorre de modo fluente e desejável. Além disto, convém definir os espaços de atuação das bibliotecas públicas (gerais e infantis) especializadas, especiais e escolares.

A biblioteca infantil e juvenil é o objeto deste trabalho e, neste contexto, sobressai a questão da formação do acervo — ponto de confluência da relação biblioteca-editora e biblioteca-leitor.

A formação do acervo é de primordial importância. Os critérios para aquisição de livros são bastante complexos. Na realidade, não há dotação orçamentária previamente estabelecida, o que torna impossível planejar a aquisição de obras. Quando surge uma verba extra, geralmente tem-se pouco tempo para prestar contas e então a aquisição é realizada, na maioria das vezes, sem obedecer uma seleção criteriosa dos títulos, pressionada por razões de ordem econômica, em detrimento da qualidade exigida no que tange ao conteúdo.

Entretanto, como instituição a serviço da comunidade, o acervo deve explorar vários pontos de vista de assuntos controversos, sem discriminação.

No aspecto relativo à aquisição de obras para compor a coleção, a biblioteca enfrenta, além das dificuldades apontadas, relativas ao seu próprio contexto, outras ainda mais problemáticas, como a sua relação com a editora. A editora encara a biblioteca como uma

concorrente em potencial. Não procura explorar este espaço como um local de exposição dos seus livros em direção a um público certo. Assim a relação se resume na remessa de catálogos pelo correio, participação em conclave e convenções de bibliotecas.

A aproximação entre biblioteca e editora somente enriquece ambas e este distanciamento é uma das barreiras que é necessário que se desfaçam.

A orientação cabível para a formação de coleções é que o acesso à produção editorial se dê através de fontes de informação especializadas. Além das fontes convencionais estrangeiras tais como *Library Journal*, *Publishers Weekly*, *Booklist*, *Scholl Library Journal* e das nacionais, como o artigo *Seleção de Livros para Infância e Juventude da FNLIJ*, pode-se citar as listas dos mais vendidos publicados nas revistas *Veja*, *Nova*, *Manchete*; jornais (*O Globo*, *Estado de S. Paulo*, *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Leia*, entre outros). Além de resenhas veiculadas pela imprensa especializada e ainda: catálogos de editoras; comunicação interpessoal — parentes e amigos; especialistas, pesquisadores do assunto; reembolso postal; mala-direta (realizada por editores e pelo Círculo do Livro); livrarias e bancas de jornais.

Além desses recursos, seria desejável a criação, em nível de redes e sistemas, de uma Central de Exposição de Livros. A Biblioteca Central do Sistema ou similar se encarregaria de, junto às editoras, reunir os títulos produzidos a cada mês e neste espaço os responsáveis e chefes das bibliotecas e setores competentes poderiam manusear, analisar as obras para uma escolha consciente. Este sistema de seleção de acervo é utilizado em países com tradição bibliográfica definida, tais como Finlândia e Dinamarca, mas é perfeitamente possível em países como o nosso, sobretudo porque viabilizaria a possibilidade de estabelecer uma aquisição planejada entre as bibliotecas que servem a uma mesma comunidade.

Deseja-se enfatizar que a formação de uma boa coleção é fundamental para o desenvolvimento do hábito de ler.

A motivação para a leitura está relacionada ao conhecimento do novo, à busca de informações.

A presença do livro na infância vai influenciar o seu uso, o seu entendimento ao longo

da vida. Existem barreiras ao uso do livro que precisam ser transpostas.

As dificuldades pessoais geralmente resultam do uso da linguagem, da leitura vagarosa, da abstração e da compreensão do texto. Estas dificuldades estão interligadas aos aspectos referentes à estética do livro (formato, tipo de letras, ilustrações, capa).

Outro fator que merece ser lembrado é a questão da disponibilidade de tempo na vida moderna.

Concorrem com a leitura na infância e na adolescência outras formas de lazer, como televisão, música, brincadeira, esportes, e se o livro não é devidamente apresentado como forma de lazer, esta aproximação leitor/livro não acontece. Esta relação se torna ainda mais difícil quando se tem como ambiência um país tropical que convida à vida ao ar livre, e em oposição uma arquitetura de bibliotecas de

.....
 qualidade discutível, que não é atraente.

A escola ocupa um espaço importante na apresentação do livro ao leitor. Mas em nosso contexto o livro é apresentado à criança e ao adolescente como um objeto que subentende uma avaliação nas suas tarefas escolares, o que é negativo. A leitura ajuda a estimular novas idéias, a redação, o domínio da língua, e aumenta o vocabulário — assim, precisa ser estimulada.

A criança incentivada para a leitura é receptiva e introjeta com facilidade o valor da leitura. Dentre as motivações do público infantil em relação à leitura estão aventuras, curiosidades, suspense, ficção.

O público adolescente é mais resistente à leitura, sobretudo se não teve a iniciação durante a infância. Alia-se a este fato a divisão entre o que sejam leitura infantil e leitura juvenil. Por esta razão é mais saudável não estabelecer livros presos à faixa etária, pois pode ocorrer que a idade mental esteja em desacordo com a idade cronológica do leitor.

Os estímulos a outras formas de lazer são grandes e soma-se a isto a escassa produção editorial destinada a esta faixa etária.

Na adolescência as preferências no campo editorial se definem: para os meninos, os temas mais escolhidos são os de terror e suspense; para as meninas, os religiosos ou de seita, os relacionados à psicologia e à ficção.

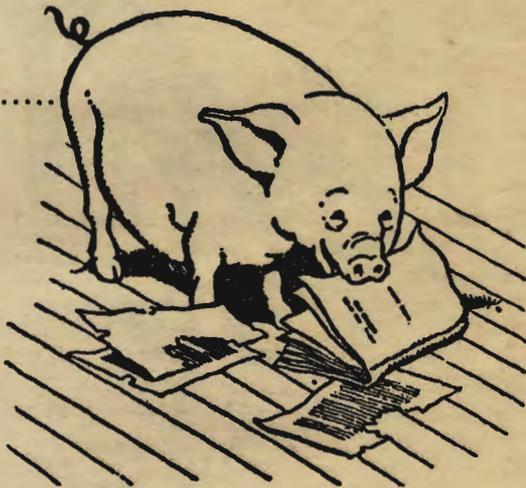
As expectativas dos leitores infantis com relação aos livros estão voltadas para:

- apresentação de ilustrações atraentes condizentes com o texto;
- linguagem acessível;
- uso de cores;
- texto apresentando início, meio e fim;
- texto não muito extenso;
- letras grandes e legíveis.

Enquanto o leitor adolescente espera que os livros tenham:

- ilustrações condizentes com o texto;
- aquisição de conhecimento;
- conteúdo transmitido.

No atual momento, a formação de coleções em bibliotecas passa por um processo de modernização. O uso de automação permite o registro, o processamento técnico e o controle do empréstimo de modo mais ágil e efi-



ciente no que tange à quantidade de livros que normalmente forma uma coleção.

Por outro lado, as bibliotecas estão se tornando mais alertas quanto a sua competência social.

O perfil do profissional da informação que atua nas bibliotecas é o de agente que intermedia a relação entre o acervo passivo e o leitor ativo, dinâmico. Como se pode observar, trata-se de uma função da maior relevância e que deve ser exercida com competência.

Convém lembrar aqui o crescente aumento do acervo audiovisual, que será abordado em outro momento, considerando as peculiaridades desses suportes mais voltados para a informação e, particularmente, para o seu uso na chamada informação comunitária. Na medida em que este espaço cultural se afirma como tal, a natureza dos serviços prestados se

concretiza e se torna atraente e, conseqüentemente, se volta para o texto impresso, suporte de onde se reproduzem os demais, como filmes, slides, fotos etc., que completam o ciclo fortalecendo o objeto cultural fundamental das bibliotecas — o livro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. Trad. de Octavio Mendes Lajado. Brasília, INL, 1977, 118p.
- DESSAUER, John P. *Tudo sobre publicação de livros*. São Paulo, Mosaico/Edusp, 1986, 2v.
- ESCARPIT, Robert. *L'écrit et la communication*. Paris, Presses Universitaires de France, 1973, 124p.

CARVALHO, Kátia de. Informação e contexto social. In.: *Anais do I Ciclo de Estudos da Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolas*. Vitória, 15-17 jul. 1985, Brasília, 1986, p.134-145.

_____. Ativação cultural em bibliotecas — pesquisa de transferência da informação. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, (63):97-105, out.-dez., 1983.

_____. Comunicação impressa, biblioteca, contexto social. *Ciência da Informação*, Brasília, (16):41-44, jan.-jun. 1987.

* Kátia de Carvalho é chefe do Centro de Documentação da Funarte e professora da Escola de Comunicação da UFRJ. É também mestre em ciências sociais e faz doutorado em comunicação.

A leitura e o despertar do prazer de ler

Eliana Yunes*

PRELIMINARES

São diversas as variáveis que se alinham quando se trata da questão do despertar do gosto pela leitura. Não há como fazê-lo sem recursos e estratégias para distribuição do livro, sem professores e bibliotecários que tenham descoberto o prazer de ler. Em outras palavras, do ponto de vista pedagógico há que se ter em mente uma opção política, mas sobretudo os prazeres da leitura.

Com isto são dois os fios que se puxam: o do acesso ao livro e o do interesse pela leitura. Para que um e outro se cruzem é preciso dispor de uma situação em que se reconheça a leitura como condição indispensável ao desenvolvimento social e à realização individual. Pouco adiantará o esforço de multiplicar a produção de livros se o homem não estiver convencido das vantagens de ler.

Contudo isto não é problema simples. Envolve diretamente, além dos organismos educacionais e culturais dos governos — que muitas vezes se atropelam e se superpõem em vez de se complementar na articulação das iniciativas — editores, livreiros, autores, bibliotecários, professores e leitores. A dispersão dos esforços e as necessidades e aspirações diversas estão a exigir uma estratégia integrada: falta-nos uma política da leitura.

O crescimento econômico das nações passa hoje necessariamente pelo desenvolvimento social, coisa de que não se apercebem os dirigentes políticos. Ou será que sim e isto não convém? Mas justamente no momento em que a sociedade brasileira atravessa um surto de discussões por uma democratização da condução dos destinos do país, é indispensável que se aborde a questão da participação so-



cial via erradicação do analfabetismo: uma sociedade bem informada é fundamento do desenvolvimento.

Não se pode propriamente dizer que a produção de livros no Brasil seja deficitária. Através da Câmara Brasileira do Livro e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, é possível acompanhar estatisticamente a produção e a tiragem dos títulos. Diremos que há problemas sim, que envolvem a interferência estatal na produção, o pagamento dos direitos autorais, a disponibilidade de matéria-prima, porém a crise mais aguda está na distribuição do livro. E não apenas no que toca ao mercado ou ao sistema cultural, mas sobretudo ao processo educacional: são os livros, mais que instrumentos de instrução funcional, o que permite ao alfabetizado não retornar ao analfabe-

tismo ou estagnar na decifração de letreiros e assinatura do nome.

Portanto não há escolha: é necessário um investimento maciço na formação de uma rede/malha fina de pequenas bibliotecas da zona rural à periferia urbana e na reciclagem dos recursos humanos com a leitura.

No caso brasileiro e em geral do Terceiro Mundo, a distinção entre bibliotecas públicas e escolares em grande parte das regiões do país já não pode subsistir. Isto é, a biblioteca escolar precisa ser também comunitária, transformar-se em salas de leitura, sob pena de que o zelo pelo objeto marginalize contingentes populacionais cada vez maiores. Elas precisam/devem funcionar no âmbito do grupo social em que se inserem. Só o preconceito é obstáculo intransponível na definição de mecanismos que operacionalizem tal ação: a ênfase tradicional da biblioteconomia na constituição e preservação dos acervos deve se deslocar para programas regionais e locais de estímulo à leitura. E sem se limitar ao período ou população escolar: só lendo o adulto tem a oportunidade de ampliar criticamente seus conhecimentos práticos, adquirir outros, enquanto vive o prazer da linguagem.

FORMULANDO O DESEJO

Carecemos de um ambiente favorável à leitura, que permitiria o nascimento de uma sociedade consciente das vantagens de ler, já que nos submetemos diariamente à avalanche dos meios eletrônicos de comunicação, que tendem a nos oferecer uma leitura acabada do mundo.

Um ambiente propício ao desenvolvimento da leitura é o que se tem quando um "livro desejado é colocado à disposição de quem o deseja no momento e local desejados".¹ Antes disto será necessário despertar o desejo.

Mas como um livro pode interessar a uma sociedade faminta, sem teto, sem emprego, semiletrada? E que condições existem para que ela própria venha discutir e reverter esta marginalidade? A consciência se forma no diálogo, na crítica: que fórum de debates está nas possibilidades dos horários, dos deslocamentos difíceis, das preocupações insanáveis? À mão, democraticamente, servindo a um, logo a outro, a muitos, o livro. Não qualquer livro, imposto: lógico que um produto adaptado aos gostos e necessidades pode ser o primeiro passo para uma boa vizinhança com a leitura. A

escolha é um fato de liberdade: tanto pode abarcar situações que sejam próximas do leitor e que lhe permitam a projeção pessoal como envolver a fantasia, a aventura que lhe propiciam reelaborar o real.

O despertar do interesse pelos livros passa obrigatoriamente pelos primeiros anos e pela escolarização. As crianças que não puderem se beneficiar deste estímulo estarão certamente penalizadas em relação às demais, que pelo meio familiar e escolar descobriram a leitura. Assim os adultos têm um papel decisivo na ini-



ciação, que poderá se transformar em prazer ou desprazer quase que definitivos. Doloroso é ver profissionais de leitura tão despreparados!

Evidente que, ainda que organismos privados e públicos se mobilizem — aí está o exemplo da Ciranda de Livros da FNLIJ na distribuição dos livros — o problema não se resolve aí: é na difusão de leitura que se reconhece o grande nó da comunicação autor/leitor. E como a interação entre eles é sempre mediada pelo professor, pelo bibliotecário, pela escola, há que se ver com que concepções de leitura se está trabalhando nestes contextos. E fica muito clara a dependência de formação de recursos humanos para a realização eficaz de qualquer projeto nacional de difusão da leitura.

DESPERTANDO O PRAZER

O que é ler? O dicionário registra: "ver o que está escrito, decifrar, interpretar um texto por meio da leitura; compreender o que está dito através dos sinais gráficos; tomar conhecimento do conteúdo de um texto pela leitura; reconhecer a mensagem do texto".²

Aí estão embutidas diferentes concepções do ato de ler:

- decifração do texto pela decodificação da

- combinatória gráfica de sinais;
- pela compreensão de seu significado;
- informação assimilada pela transmissão do conteúdo do texto;
- possibilidade de interpretação do conteúdo;
- recuperação do sentido "original" do texto.

Ler, na verdade, pressupõe o texto — tecido, trama, tessitura de palavras, arranjo, portanto, pelo qual se escreve o mundo. Um texto é pois uma representação de uma visão do real, uma encenação histórica na linguagem: como palavra expressa ele ganha o mundo, adquire autonomia, escapa do autor e se entrega ao uso, à leitura do outro. E daí em diante nunca mais será o mesmo.

Contudo é freqüente que este canto liberto volte a ser aprisionado por leituras — padrão, vozes autoritárias que insistem na interpretação canônica, como se fosse possível determinar com exatidão o que o autor quis dizer. Desenvolve-se toda uma estratégia e metodologia voltadas para o controle do sentido do texto e do encaminhamento da leitura: leitura silenciosa, identificações do vocabulário, síntese das idéias do parágrafo, indicação da idéia principal, questionário de interpretação do texto, exercício gramatical e redação: a leitura vai da decifração do texto à sua paráfrase — e uma vez vertido, esgota-se!

Mesmo os textos mais simples, da comunicação cotidiana pelos periódicos, têm outras implicações além das lingüísticas em seu tecido: políticas, históricas, ideológicas etc., isto é, um texto tem condições específicas de produção que precisam ser recuperadas para que se estabeleça o diálogo entre a voz do sujeito/autor e a do sujeito/leitor. Na verdade, todo texto fala de um contexto histórico e social, remete a outros textos, veicula uma série de valores e posturas que podem e devem ser recuperados, uma vez que o sentido dado pelo autor compõe a significação do texto. Mas não é esse deciframento que constitui o leitor — ao contrário, dele depende a grandeza dos textos para se revelar até que se substitua o modo pela atração da leitura.

É que a recuperação do possível sentido original se faz através de outro sujeito e não pela reprodução especular de uma mensagem. O leitor tem suas próprias coordenadas históricas e suas outras lembranças, sua visão das coisas e do mundo. Isto é, quem lê não se limita a parafrasear o significado emitido por outrem, mas insere na sua formulação o seu modo de perceber a mensagem: distância que vai do leitor ao leitor³ — um que lê ingenuamente em

busca de informação isolada; outro, maduro, capaz de fruir o texto e, colocando-se em interação com ele, rever todo o sistema de significação que estabeleceu com outras leituras. Com isto a leitura se transforma num jogo.

Dito de outro modo, ler é, além da "atribuição de significado à imagem gráfica segundo o sentido que o escritor lhe atribui, a relação que o leitor estabelece com a própria experiência"⁴ através do texto. Assim envolve aspectos sensoriais (ver, ouvir os símbolos lingüísticos), emocionais (identificar-se, concordar ou discordar, apreciar) e racionais (analisar, criticar, correlacionar, interpretar).⁵ Há portanto diferentes níveis de leitura que extrapolam do texto para o mundo. A crise da leitura abarca hoje muitos letrados, incapazes de ler a própria realidade no mundo. Aliás, Paulo Freire já chamava atenção para o fato de a leitura do mundo se fazer concomitantemente à leitura da palavra.⁶ Daí ser impossível uma leitura do consenso, uniforme, pois no conflito das interpretações se revela a diversidade rica de um texto e, através dele, a da realidade.

O despertar do prazer na leitura decorre de que ela não seja apresentada como um enigma, "bicho-de-sete-cabeças" (que ela efetivamente as tem), sem ser um "bicho-papão". Uma leitura que se revela como uma aventura pelo texto valoriza o aspecto cognitivo que carrega e desautomatiza o consumo mecânico da escrita; torna-se um convite à inserção do próprio leitor nas entrelinhas onde já se encontram as muitas outras vozes de outros textos lidos pelo autor, a cuja intertextualidade vem se somar a do leitor. A leitura e a escrita saem de sua solidão para um encontro, participação, troca de debate que se inicia no livro (um treino, como o brinquedo) e transborda para a sociedade.

PREPARANDO O ENCONTRO

Diante deste quadro de inter-relação, a leitura vai exigir algumas condições prévias do leitor. Está visto que sem a decodificação do sistema gráfico, sem estabelecer conexão das letras entre si e da cadeia sintático-semântica, a leitura será penosa e desanimadora.

A passagem de realidade à escrita exige o domínio do código específico, o dos sinais gráficos e suas combinatórias, isto é, carece de uma competência adquirida basicamente na escola.

Mas justamente aí onde o indivíduo se alfa-

betiza, "aprende a ler", deparamos com a situação paradoxal dos que não sabem, não gostam e não querem ler. A escola estimula anotações, a cópia, a memorização, mas se afasta da leitura porque ela pede diálogo, debate, criação.

O caráter oral da cultura brasileira, a marca "natural" de oralidade da primeira infância são estigmatizados pelo palavrório aborrecido da decodificação definida *a priori* e pelo silenciamento a que a leitura é submetida. Leitura e escrita reclamam expressão para que haja comunicação, tanto do autor quanto do leitor.

Acossado por fichas, questionários, provas, o aluno se vê compelido a ler com os olhos do professor, que também o avaliam no cumprimento de um dever: do texto resta um pretexto para atividades que se perdem na periferia de sua razão de ser.

Por isto imaginei uma espécie de roteiro que impedisse o professor de se desviar do essencial no estímulo à leitura.⁷ Despretensiosamente lembro que o hábito de leitura se forma "antes" mesmo do saber ler — é ouvindo histórias que se "treina" a relação com o mundo; daí a contar, recontar, inventar, sem que seja proibido falar, dramatizar, encenar; abaixo a teoria de que é assunto de especialista, pois leitura não é castigo, não exige resposta pronta nem se mede com provas; eleição de obra a ser lida é indispensável, pois leitura é co-produção autor/leitor "que tiram coisas velhas e novas de um mesmo tesouro".

Mas o que garante o exercício desta visão de leituras? Ou: o que pode favorecer este tipo de relação viva com a leitura?

Nada mais, nada menos que a literatura.

ENCONTRO MARCADO

Enquanto o texto comum, informativo, se apresenta e se quer como convergência e redundância, justo porque pretende univocidade e decodificação imediata, a obra nacional se constitui numa imagem simbólica do mundo que recusa a linearidade e assinala as contradições, a multiplicidade de visão e os vazios do discurso cotidiano. Como não pretende persuadir, ensinar, conformar, o texto literário não se fecha em si mesmo, mas se coloca na tangência de outros textos e do próprio contexto.

O texto literário não é autoritário nem dogmático pois não deseja apresentar a verdade do que trata. Quanto mais um texto almejar isto, tanto mais a voz do enunciado precisa si-

tuar seus referentes de modo inequívoco: é o cientista, o repórter, o pesquisador que se referendam e buscam referendar suas descobertas objetivamente.

No texto literário, quem conhece (o autor) e o que ele conhece (a vida) não têm a mediação de lentes e químicas: sujeito e objeto se confundem, se fundem numa percepção que os torna únicos. Ao mesmo tempo a literatura restaura o espaço da subjetividade — ela é a expressão de *um* que só se comunica plenamente quando comove o *outro* e o leva a expressar-se. O texto ficcional, mesmo tendo princípio, meio e fim, mesmo sendo história que se narra, refuta a superficialidade das seqüências aparentes e procura dar conta da complexidade do real através do discurso. Além da intertextualidade, trabalha deliberadamente com o implícito, com pressupostos e subentendidos, de modo que a obra resta aberta e, neste sentido, indeterminada, incompleta, assim como o sentimento de realidade que experimentamos.

Daí que seja surpreendente, estimulante, cativante como forma de conhecimento do mundo. É sempre nova a perspectiva, há sempre uma abordagem possível que vitaliza a narrativa da realidade. Os recursos da linguagem — as imagens, o ritmo, o jogo de relações — permitem que, sem esgotar o mundo, a obra literária o enuncie em sua diversidade. É sempre dele que os autores falam, sempre recriando o — nisto consiste a *mimesis* aristotélica.

É justamente pela multiplicidade de pontos de vista que o texto literário emite através de suas personagens, de seu contexto, de seu narrador que ele pode receber o leitor, não como um intruso estranho que adentra o mistério, mas como co-autor: "a literatura promove o espaço do leitor por sua própria expressão estética".⁸

Na medida em que descobre sua leitura, descobre-se o sujeito no gesto pessoal de dizer (escrever) o que lê, o que acerta, o que aprecia, o que discute. O texto vai sendo aproximado a leituras já feitas e começa a estender uma rede de significação sobre o mundo. É neste momento que, independente de classe social, do poder econômico, do grau de erudição, o homem toma posse do mundo, penetra seus segredos, nomeia o enigma. A pergunta se torna útil, íntima, e a resposta é uma postura de vida.

Mais que isto, o texto literário detona a condição de criador no leitor, já que ele, recebendo a palavra do outro, é convidado a expres-

sar seu sentimento, sua razão, e nisto afirma sua originalidade. Mais ainda, no diálogo da leitura lúdica, polêmica, polissêmica e crítica que a literatura pode oferecer, está a semente de sua condição de sujeito histórico, insubmisso à manipulação que dilui o gosto, a escolha e o prazer nas receitas e respostas prontas. Lendo o mesmo texto de formas diferentes, caminha ao encontro de outros leitores, socializa o saber e o sabor despertados individualmente. A literatura, permitindo extrapolar os limites de leitura parafrásica, comunicacional, da reprodução, para a leitura da "invenção", polissêmica expressiva, proporciona o desvelamento do mundo, a revelação do sujeito e garante permanente prazer de ler.

ENFIM...

Diante do quadro de desafeto entre leitor e livro, mais o país precisa de uma atuação renovadora das bibliotecas. Longe de estagnarem na conservação de coleções e tratamento técnico da recuperação de informações bibliográficas, é tempo de converter "estes lugares sagrados e silenciosos, de usuários passivos (...) em centros de documentação e informação como autêntico núcleo de comunicação cultural".⁹

Urgem os programas de difusão da leitura para a comunidade: projetos que dêem acesso aos livros, nas fábricas, nos sindicatos, nas associações comunitárias, nos bairros periféricos, nas igrejas, estimulando, cativando os não-leitores, com leituras de textos, debates interdisciplinares, cursos de leituras etc.

Não é a Tv ou os meios de comunicação de massa que afastam o homem da leitura: elas apenas redimensionam o uso do livro. A leitura tem afastado o homem da leitura, nas escolas, bibliotecas, nos livros didáticos.



Sem pretender simplificar uma história rica e bastante complexa, lembro aqui o percurso de Roland Barthes, que por um longo caminho de técnicas analíticas e elaboradas interpretações terminou por apontar a grande meta da escritura, assim como da leitura — O prazer do texto.¹⁰

No caso brasileiro, este circuito está dependendo com urgência de um trabalho sistemático e intenso de renovação das bibliotecas públicas. A leitura é um peso escolar de que todos se libertam ou por evasão ou pela obtenção de um diploma que permite ingressar no mercado de trabalho. E aí a maioria se transforma em alfabetizado não-leitor. Sem que haja um investimento sério, constante e competente de um programa nacional de difusão da leitura, em que se associem governo, entidades privadas, empresariado para organizar acervo e formar pessoal em bibliotecas públicas, não é exagero supor que o futuro da sociedade brasileira estará comprometido de maneira grave.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 UNESCO. *Por uma sociedade que lê*. Londres, 1982.
- 2 HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*.
- 3 SALINAS, P. *Lectores y lectores*. In: *Antologia de textos sobre lingua y literatura*. México, V.A.M., 1971.
- 4 COLED. *O livro didático e sua utilização em sala de aula*. Brasília, MEC, 1970.
- 5 MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* São Paulo, Brasiliense, 1982.
- 6 Entrevista Ezequiel T. Silva. In: *Leitura, Teoria & Prática* nº 0. Porto Alegre, Mercado Aberto/ABL, nov. 1982.
- 7 BOLETIM Ciranda de Livros. *Guia de leitura*. Rio de Janeiro, nº 4, 1985. Editor especial: FNLIJ.
- 8 AVERBUCK, Ligia. *Leitura e ideologia*. In: *Leitura: Teoria & Prática*. Porto Alegre, Mercado Aberto/ABL, nº 2, out. 1983, p. 11.
- 9 MELLO, José Marques de. In: *Leitura, Teoria & Prática*, Porto Alegre, Mercado Aberto/ABL, nº 2, out. 1983, p. 29.
- 10 BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo, Perspectiva, 1987.

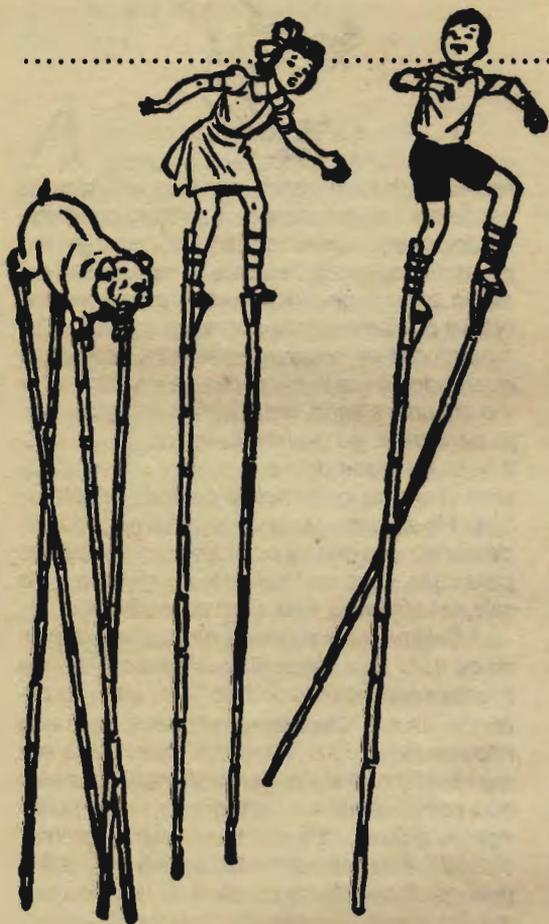
*Eliana Yunes é professora da PUC/RJ e UFRJ e secretária geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

NOTA:

Artigo já publicado nos Anais do I Ciclo de Estudos da Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares - Brasília, 1986.

A criança e o livro *uma anarquia saudável*

Luciana Sandroni*



nho do pequeno leitor, todas as Cirandas de Livros penduradas na parede e crianças por todo canto.

A BIMLC é coordenada pela educadora Marina Quintanilha (ver artigo pág. 28) e atende a crianças da escola em um determinado horário e em outras crianças da comunidade, que são em sua maioria de um nível social mais baixo.

O meu trabalho consistia em contar histórias e, a partir delas, elaborar alguma atividade com as crianças para mostrar que leitura é algo além do ato de decifrar códigos, que ela leva o leitor a pensar, a ter uma visão crítica, a brincar e a inventar novas histórias. Essas atividades eram geralmente com colagem, pintura, música e brincadeiras.

No começo, o que mais me preocupava na hora de ler ou contar as histórias era se eu conseguiria contar o livro todo sem as interrupções das crianças, que eram muitas, pois a maioria não tinha nenhum hábito de ouvir alguém contando histórias. Isso me frustrava profundamente. Achava que era falta de interesse decorrente de alguma incapacidade minha em atrair as crianças. Depois percebi que o que eu queria era impor uma ordem, um limite, o que não tinha nada a ver, já que elas eram as principais participantes. Fui notando

Minha primeira experiência como animadora de biblioteca foi em 1985, na Biblioteca Infantil Manoel Lino Costa — BIMLC, que funciona no Dispensário São Vicente de Paulo, na Lapa, Rio de Janeiro. Ao chegar lá fiquei muito espantada, pois o local era tenebroso. Ninguém pode imaginar que atrás daquela fachada cinzenta existe uma sala repleta de livros, cheia de almofadas coloridas pelo chão, mesas e cadeiras adequadas ao tama-



que podíamos deixar o livro a qualquer hora: no começo ou no meio, dependendo das crianças ou até de mim mesma, que às vezes parava para perguntar qualquer coisa como "o que vocês acham que vai acontecer agora?" Alguns diziam qualquer coisa, mas depois se irritavam e pediam que eu continuasse logo.

Sempre notei, nesses trabalhos em bibliotecas infantis que funcionam em escolas, uma grande excitação por parte das crianças. A BIMLC é um local muito bonito, colorido, e ir para lá significa uma hora em que não se tem que "aprender" nada. É uma espécie de recreio na cabeça delas. Isso também me incomodava, porque parecia que eu não tinha nenhuma autoridade perante as crianças. Com a prática é que eu vi que não era questão de autoridade mas sim de costume. Aquelas crianças não estavam acostumadas a brincar e nem a ouvir histórias em grupo. Quando eu conversava com uma ou outra, elas falavam em Bozo, He-man e em uma personagem chamada Ninon, da novela Roque Santeiro, que vivia às voltas com um lobisomem. Não estou fazendo apologia contra a televisão, mas só mostrando que elas não tinham mesmo outras opções de lazer e que a BIMLC era e é realmente uma novidade para aquela comunidade. A excitação vem em decorrência disso tudo, mas também pelo fato de que um trabalho que gira em torno da imaginação, da criação, nunca poderia ter uma ordem ou um silêncio estabelecidos, pois essas atividades convidam a uma certa anarquia, que aliás é saudabilíssima.

Uma ótima experiência na BIMLC foi o contato com crianças bem pequenas: trabalhava com idades de três a seis anos, uma idade que está completamente aberta à fantasia. Certa vez contei "João e Maria", dos irmãos Grimm, com aqueles fantoches de dedo e eles acompanharam atentamente. Eu, que aparecia todo tempo, perguntei se alguém poderia ajudar Maria já que o João estava preso. O André, um menino de cinco anos, se levantou, chegou perto do palquinho e disse: "Agora você tem que jogar a bruxa no caldeirão!" E voltou rapidinho para o lugar com um certo temor de que a bruxa ouvisse.

Uma das coisas boas da BIMLC é o fato de as crianças poderem se associar e levar livros para casa. Como a biblioteca, naquela época, estava no começo, tínhamos poucos sócios. Nós, bibliotecárias e animado-



ras ficávamos tentando atrair as crianças da escola para se associarem. Confesso que achava um pouco surrealista aquela cena: eu explicando coisas tão "sérias e complicadas" para um criança de cinco ou seis anos, que me olhava profundamente querendo entender. Na maioria das vezes as mães sempre apareciam querendo novas explicações. A escolha do livro era uma alegria, tanto para a criança quanto para mim: eu querendo indicar livros para a faixa de idade dela e a criança querendo livros imensos, com muitas páginas e fotografias. Havia uma certa decepção quando ela descobria que não se pode levar enciclopédias para casa, mas no final tudo se ajustava e ela saía satisfeita da vida com o seu livrão.

Realmente o que mais me fascinou foi esse contato com seres tão pequenos. Eu tinha muitos preconceitos do tipo "eles não vão entender nada". Depois, vendo bem, eu é que não compreendia o "entender" deles. Uma vez expliquei o que era um animal irracional e eles não compreenderam, até que um menino levantou e disse: "Já sei! É um animal internacional!" E todos adoraram aquela definição, pois era a mais lógica possível. O fato de a turma achar que o vocábulo "irracional" é sinônimo do vocábulo "internacional" dá margem a várias leituras. Além de os dois serem fonicamente parecidos, há uma relação entre eles em nível de significado. Algo ou alguém que seja internacional (no sentido de ser estrangeiro) tem uma outra cultura, uma outra língua, outros costumes. Todas essas características podem levar a criança a pensar que esta pessoa é completamente ilógica e irracional. Descobri que essas crianças são seres de um outro planeta.

A minha segunda experiência foi na Biblioteca Infantil do Centro Educacional da Lagoa — BICEL, no Jardim Botânico, um colégio da zona sul do Rio que atende a uma elite. Lá era completamente diferente da BIMLC: não havia um trabalho verdadeiro de equipe, cada animadora fazia a sua atividade sem ligação com a outra. As crianças não podiam tornar-se sócias, o acervo não era tão grande e a biblioteca não era aberta à comunidade. A única semelhança entre as bibliotecas era no atendimento, em turmas que vinham de meia em meia hora.

A minha tarefa consistia em despertar o gosto pela leitura através de brincadeiras e jogos. Além disso havia umas "folhinhas" sobre escritores e datas cívicas que nós tínhamos que ler. As crianças tinham de oito a dez anos e muitas, além de mostrarem uma bagagem cultural grande, tinham um hábito de leitura considerável. Elas eram mais exigentes, queriam escolher as histórias, as brincadeiras, mas o lado afetivo era tão carente quanto o das crianças da BIMLC.

Uma das fases que mais me marcaram na BICEL foi quando comecei a ler histórias de terror a pedido deles. Era uma alegria tremenda: eles davam risinhos histéricos, fechavam as luzes e as janelas, faziam a sonoplastia, enfim, não se continham de tanta ansiedade. A história que fez mais sucesso chama-se "Maria Angula" e está no livro *Contos de Assombração* (co-edição latino-americana). "Maria Angula" é um conto da tradição oral do Equador sobre a vida dessa menina que era muito alegre e viva, mas adorava fazer uma fofoca entre a vizinhança. De tanto falar sobre a vida alheia, não teve tempo para cuidar da sua própria vida. Quando casou, seus problemas começaram: não sabia cozinhar coisa alguma. Lembrou-se de que a sua vizinha, dona Mercedes, era uma cozinheira de mão cheia e aí todo dia pedia auxílio a ela. Como Maria Angula logo após as explicações sempre dissesse: "Ah! Mas isso eu já sabia!", dona Mercedes começou a se enfezar e lhe preparou uma lição. Um dia Maria Angula quis saber como se faz um caldo de tripas e bucho e dona Mercedes, muito sadicamente, respondeu: "Vá ao cemitério levando um facão bem afiado. Depois espere chegar o último defunto do dia e, sem que ninguém a veja, retire as tripas e o

estômago dele. Ao chegar em casa, lave-os muito bem e cozinhe-os com água, sal e cebolas. Depois que ferver uns dez minutos, acrescente alguns grãos de amendoim e está pronto. É o prato mais saboroso que existe." E como sempre Maria Angula respondeu: "Ah! Mas isso eu já sabia!" Ela fez exatamente como a vizinha disse e depois preparou o jantar que "sem saber, o marido comeu lambendo os beiços". De madrugada, não deu outra, o defunto apareceu implorando-lhe as tripas e o estômago. Desde então ninguém jamais soube o paradeiro de Maria Angula. Este conto tem vários elementos que chamam a atenção das crianças: o fato de o autor repetir várias vezes a mesma cena da personagem Maria Angula pedindo receitas para sua vizinha e sempre dando a mesma resposta é um recurso dos contos de tradição oral que faz com que as crianças/ouvintes participem da história, pois numa certa hora todos respondem em coro: "Ah! Mas isso eu já sabia!" Outro elemento, e o mais evidente, é o da assombração, que se manifesta mais na hora em que a personagem principal vai ao cemitério e arranca as tripas do defunto com as próprias mãos. Nessa hora o medo é traduzido de várias formas: eles começam a rir, a se apertar mutuamente, a dizer que estão morrendo de medo com cara de deboche e por aí vai. As ilustrações também agradavam. Há uma que mostra o defunto entrando no quarto da Maria Angula que as crianças deliravam e eu quase perdi um livro.

Trabalhamos esse tema o semestre inteiro: fizemos desenhos, monstros, esqueletes. Houve uma tarde em que as crianças contavam suas histórias de terror, mas geralmente eram filmes de horror que elas haviam assistido (sempre com um adulto do lado). Numa dessas tardes aconteceu uma cena muito engraçada: duas meninas (oito anos) começaram a contar a mesma história juntas, fazendo uma espécie de dueto. Elas estavam tão eufóricas que uma não agüentava esperar a outra acabar de contar. O mais incrível é que dava para entender tudo muito bem. Foi uma alegria sem tamanho.

Outra atividade marcante na BICEL foi uma exposição sobre o poeta Carlos Drummond de Andrade: recortamos várias fotos e caricaturas na época do seu falecimento e fizemos a biblioteca. Uma menina chamada

Letícia, de oito anos, quando viu a sala cheia de "Drummonds" disse: "Mas assim eu vou ficar com muito mais saudade dele!" Nós lemos algumas poesias como "Gosto de terra", "Brincar na rua", "Enleio", "Quero me casar" etc. No final propus que eles fizessem uma caricatura do Drummond e aí deu de tudo: Drummonds punks, no campo, na praia, Drummonds vampiros, Drummonds com pedras no meio do caminho, tinha de tudo.

Essas minhas duas práticas em bibliotecas infantis foram muito gratificantes. O contato permanente com o mundo da criança é um

aprendizado sem limite. O trabalho com o livro, com a imaginação e a fantasia fazem vir à tona tantas coisas que você se descobre uma nova pessoa a cada dia. E finalmente a tarefa de aproximar a criança e o livro de maneira dinâmica, sem regras ou provas, para que ela descubra que bibliotecas e livros são fontes inesgotáveis de bons momentos, foi para mim um momento mágico.

* Luciana Sandroni é graduada em literatura brasileira e redatora do setor de publicações da FNLIJ.

A CESTINHA DE LIVROS

Domingos Gonzales Cruz*

Eu acredito no desenvolvimento orgânico das bibliotecas infantis. Ou seja: uma biblioteca infantil nasce, cresce, desenvolve-se e "não deve morrer". Quando afirmo que "não deve morrer", refiro-me a sua essência evolutiva e cíclica, incluindo os recursos humanos devidamente treinados para mantê-la ativa. Uma biblioteca infantil viva existe num estado cíclico de evolução constante, porque ela cresce com o desenvolvimento do seu usuário que, no decorrer de quase uma década, passa por diversas fases de comportamento, desde a primeira infância até a primeira adolescência.

Os bibliotecários e outros educadores envolvidos com as atividades da biblioteca percebem que ela apresenta essa constituição orgânica e que essas mudanças chegam ou partem com o usuário. Por esta razão, a biblioteca infantil "não deve morrer". Sua estrutura celular é formada pelo convívio diário das crianças e dos adolescentes, descobrindo livros, obras de referência, periódicos e participando das atividades de animação cultural. Nesse encontro diário desenvolve-se o trajeto afetivo, lúdico, cognitivo e existencial do leitor e do ser em formação.

Mas se a biblioteca infantil "não deve morrer", ela pode perecer, como perece uma vida, em tudo o que ela representa enquanto vivência, sentimentos, comportamento individual, interferência no meio social, familiar e afetivo das pessoas que conviveram com ela.

Uma biblioteca infantil desativada torna-se um fantasma imprestável à comunidade. Interrompe-se, neste caso, o encadeamento cíclico dos grupos de freqüentadores no decorrer de uma década, saindo ou chegando. A prestação de serviços à comunidade fica paralisada. Perde-se a riqueza da individualida-



de multifacetada em cada criança, que é possibilitada pelo contato com o livro, formando um leitor crítico e responsável por seus atos.

Em nosso país o caso é complexo: as bibliotecas infantis são desativadas por falta de recursos financeiros e humanos. Sejam elas bibliotecas infantis escolares, de bairro, ou seções regionais administradas em âmbito municipal ou estadual. Se não temos uma rede nacional de bibliotecas públicas devidamente estruturada, também não temos experiências isoladas devidamente estimuladas em qualquer ponto do país.

Confesso que desejaria conhecer o sistema de bibliotecas públicas e escolares de Cuba, ou até mesmo o sistema existente na França, que recebe apoio comunitário por iniciativa dos cidadãos, sociedades civis ou empresas e é estimulado pelo governo, que dedica verbas razoáveis ao desenvolvimento do hábito de leitura das crianças e estimula a permanência do mesmo nos adolescentes.

Mas tendo que encarar a realidade brasileira, admito que o estímulo a qualquer iniciativa cultural que possa modificar o quadro de empobrecimento do gosto pela leitura é fundamental. Levando-se em conta a diversificação de circunstâncias das bibliotecas públicas e escolares, é essencial nesse trabalho integrado que exista o intercâmbio de informações, para que a comunidade infantil seja bem aten-

dida pelos acervos disponíveis em cada biblioteca e para que as mesmas não se tornem espaços inativos. Não devemos esquecer que, no sistema capitalista, o usufruto dos bens culturais depende do poder aquisitivo das camadas sociais. Por esta razão o intercâmbio das informações e sua transformação devem ocorrer em áreas carentes, sejam elas urbanas, suburbanas ou rurais. Isso implica a ação direta dos bibliotecários e demais educadores, como agentes geradores da comunicação social perante a comunidade atendida, não só colocando à disposição das crianças e adolescentes o acervo devidamente organizado, mas também acompanhando a evolução dos usuários da biblioteca. Além disso é importante que se considerem dois aspectos finais: o incentivo ao leitor em formação e à pessoa que se estrutura para ser participante dentro da sociedade em que vive.

Essas reflexões foram motivadas pela experiência profissional que venho desenvolvendo desde que surgiu, em 1979, a Biblioteca Infanto-Juvenil Maria Mazzetti — BIMM, mediante convênio entre a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil — FNLIJ — e a Fundação Casa de Rui Barbosa — FCRB. No decorrer de oito anos, a BIMM passou por diversas fases, esquematizadas da seguinte forma:

de 1979 até 1982

Corresponde este período à atuação da FNLIJ dentro da FCRB, coordenando as atividades de animação cultural, organizando o acervo com pessoal contratado e estimulando o gosto pela leitura no grupo de crianças. Algumas permaneceram na BIMM e hoje estão com 16 anos de idade mais ou menos. Diversas experiências feitas por Marina Martinez, com relação à hora do conto, e na área de musicalização por Rejane Carvalho de França foram realizadas inicialmente na BIMM.

Laura Sandroni, que estimulou a criação da BIMM, disse recentemente no seminário Criança e Literatura, promovido pela Biblioteca Infantil Manuel Lino Costa, citando um artigo de Geneviève Patte, que os bibliotecários franceses levam cestinhas de livros até as regiões rurais e esperam embaixo de uma árvore a chegada das crianças para emprestar os livros. Essa prática, em minha opinião, quer no campo, quer na cidade, corresponde ao processo cíclico referido anteriormente.

A biblioteca infantil quando surge em nosso país, seja qual for o limite geográfico, é uma "cestinha de livros". E essa "cestinha" será uma biblioteca no instante em que a criança possa escolher cada vez mais o livro desejado, com liberdade de opção, de acordo com a sua idade e opinião crítica a respeito do que leu anteriormente, num acervo bem diversificado (livros, revistas, jornais etc.), com oportunidade de chegar a participar de atividades teatrais, filmes e outras.

de 1982 até o momento atual

A "cesta de livros" transformou-se no organismo cíclico gerador de leitura. A BIMM passou a ser administrada pelo Centro de Documentação da FCRB, chefiado por Jerusa Gonçalves de Araujo, e integrou-se no organograma da FCRB como órgão de pesquisa e de lazer mediante a leitura.

Após cinco anos, ocorreram fatos importantes para a organização do processamento técnico e planejamento das atividades: os bibliotecários atuantes na biblioteca especializada em direito, filologia e história, chefiada por Beatriz A. Salles Coelho, fundamentaram as diretrizes efetuadas atualmente e a FNLIJ passou a assessorar a BIMM mediante solicitações específicas na área de literatura infanto-juvenil ou promovendo eventos como o "Duzentos Anos Grimm".

Quanto aos usuários, podemos identificar dois aspectos marcantes em todos esses anos:

a) a rede escolar do bairro é carente de bibliotecas, por isso a coleção de obras de referência e informação da BIMM cresceu paralelamente à coleção de literatura infanto-juvenil. Houve um desenvolvimento físico (seção de atendimento, de leitura, de lazer e de pesquisa) e um crescimento qualitativo (refletido no seu acervo de quase 4.000 volumes);

b) diante dessa evolução podemos especificar os tipos de leitores provindos da microcomunidade do bairro:

- sócios adaptados e participantes das atividades de animação cultural;
- sócios não participantes das atividades, mas associados para levar livros de literatura infanto-juvenil emprestados;
- crianças que não levam livros emprestados, mas aparecem para leituras das obras de referência ou de informação. Após algum tempo tornam-se sócias.
- crianças não associadas que aparecem para resolver seus trabalhos escolares.

Os profissionais responsáveis pelo planejamento da BIMM prepararam uma pesquisa de campo de comum acordo com o Museu da FCRB, em 1985, para conhecer mais de perto a situação dos hábitos de leitura e pesquisa dos alunos da 4ª série do 1º grau, 3º DEC, Rio de Janeiro. A equipe aplicou questionários (destinados ao professor, ao aluno e ao encarregado pela biblioteca) em quatro escolas particulares e quatro escolas públicas representativas de camadas sociais diferentes do bairro. O levantamento possibilitou à equipe uma visão mais próxima da realidade educacional da região e tornou mais objetiva nossa ação quanto às consultas bibliográficas na seção de pesquisa da BIMM.

Em 1986 avançamos pelo lado mais humano da biblioteca, realizando um evento sobre a adolescência, para atender às solicitações do grupo de frequentadores da BIMM entre 13 e 17 anos de idade. Teoricamente nosso acervo de literatura infanto-juvenil atinge o limite máximo na faixa de 14 anos de idade. Os adolescentes encontravam-se num dilema, pois os livros que serviram para estimular o gosto pela leitura alguns anos atrás não mais satisfaziam seus anseios. Já queriam atividades próprias para a idade.

Nessa ocasião contávamos com o auxílio do ator Flávio Cactus no atendimento aos usuários. De acordo com as solicitações, elaboramos um projeto que motivou um livro de redações, que abordava questionamentos comuns a todos. A única exigência de nossa parte era que fossem sinceros, expressando opiniões pessoais sobre os assuntos que escolhessem. O livro motivou a organização de um evento sobre a adolescência, contando com o apoio do Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Santa Úrsula e da Associação dos Moradores de Botafogo, bairro onde se situa a BIMM.

A participação dos adolescentes foi bastante dinâmica. "Amor e sexo na adolescência", "Conflito de gerações", "A comunidade escolar", "A participação política do adolescente" e "Cultura para adolescentes" foram temas escolhidos e discutidos por todos. Os adolescentes que participaram com seus depoimentos reuniram-se conosco na sede da Associação dos Moradores de Botafogo para questionar os temas que seriam debatidos na FCRB. O primeiro debate, sobre amor e sexo na adolescência, foi realizado na Escola de Teatro Tablado, dirigida por Maria Clara Ma-

chado. Na ocasião a profª Maria Clara Mourthé apresentava a montagem da peça O despertar da primavera, de Frank Wedekind. O tema principal do texto aborda os conflitos dessa fase do desenvolvimento humano. O elenco era formado por adolescentes entre 15 e 17 anos de idade.

Esse evento dissipou na cabeça dos adolescentes, pais e demais participantes uma série de dúvidas. E a BIMM, por sua vez, transformou a informação, levando aos usuários os temas que nem sempre são abordados no meio educacional com o devido afastamento de tabus e preconceitos.

Como saldo da experiência, vale acrescentar que o fato de os adolescentes se sentirem motivados a buscar externamente recursos para se aprofundar nos temas levou-nos a ampliar nosso acervo, incorporando a ele a literatura que lhes serviu de base. Os livros adquiridos são procurados atualmente por pais e adolescentes que não participaram do evento, mas encontram as informações sobre os assuntos abordados naquela ocasião.

Todas as semanas a BIMM oferece aos diversos grupos de frequentadores atividades de expressão plástica, dramática, escrita e a hora do conto para estimular o gosto pela leitura. As terças-feiras (parte da manhã) e as quintas-feiras (parte da tarde) estão reservadas para as atividades com as crianças das escolas do bairro e da favela do morro Dona Marta.

A divulgação da BIMM ocorre por intermédio do Barbosinha, jornal de periodicidade irregular e caráter informativo, com brincadeiras, entrevistas e histórias.

A "cestinha de livros" semeada em 1979 desenvolve-se não como um depósito de livros amontoados por trás de um balcão cinzento, em que a criança não tem livre acesso às estantes, mas como uma caixa de ressonância, onde a criança de cinco ou dez anos e o adolescente de 13 ou 17 transmitem suas vivências e adquirem um convívio gradativo com o livro e a criatividade de cada um.

*Domingo Gonzales Cruz é poeta, bibliotecário e coordenador das atividades da Biblioteca Infanto-Juvenil Maria Mazzetti

BIBLIOTECA INFANTIL

espaço vivo

Marina Quintanilha Martinez*
Anna Claudia Ramos**

.....
"A biblioteca pra mim é... uma cartola."

Nilson Carvalho, 10 anos

"Pra mim caiu uma vara de condão lá dentro "

Natali Lúcia, 11 anos

"É um armário cheio de fantasias "

Daniele Brittos, 10 anos

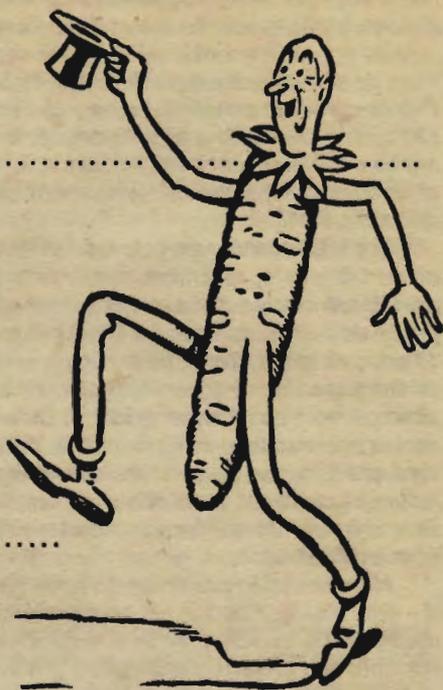
"É o meu quarto e o meu mundo de aventuras "

Andréa Carvalho, 11 anos
.....

Avenida Mem de Sá 271. Neste endereço, numa velha área comercial da cidade onde coexistem hospitais, órgãos de imprensa, Instituto Médico-Legal, hotéis de alta rotatividade, sobrados antigos transformados em cortiços, funciona o Dispensário São Vicente de Paulo, instituição de caráter educacional e assistencial. Lá dentro, uma salinha alegre e colorida recebe diariamente dezenas de crianças. É a Biblioteca Infantil Manoel Lino Costa, que nasceu de uma "semente de biblioteca" — a Ciranda de Livros.

Mas vamos ao começo da história. Em 1982 o presidente do Lions Clube do Rio de Janeiro — Centro (o Lions ajuda muito o Dispensário) me perguntou se não seria interessante doar uma Ciranda de Livros à pré-escola que funciona naquela instituição. Achei ótimo e me ofereci para levar pessoalmente e conversar com as professoras sobre a importância do contato prazeroso da criança com o livro.

A diretora do Dispensário mostrou interesse em formar uma biblioteca infantil, pois já tinha uma sala com algum material sem uso. A idéia ficou no ar, e eu me coloquei disponí-



vel caso a biblioteca abrisse também para as crianças da comunidade. Dois anos depois a idéia veio à baila. Criamos um convênio entre o Lions Clube — Centro e o Dispensário São Vicente de Paulo. A instituição cederia a sala e cuidaria da limpeza e o Lions se responsabilizaria pelas instalações e equipamento. Planejamos um espaço físico aconchegante, com estantes baixas permitindo o livre acesso aos livros, mesinhas redondas, tapete com almofadas coloridas, teatrinho de bonecos. Nas paredes, posters, trabalhos das crianças e, naturalmente, Cirandas de Livros.

Desde o início, porém, esbarramos com o problema dos recursos humanos — o Lions é um clube de serviços prestados, mas não remunerados, de caráter filantrópico. Eu estava com muita vontade de realizar esse trabalho. Como coordenadora do Projeto de Criação de Bibliotecas Infantis em Áreas Carentes, vinha de experiências bem-sucedidas, como a Biblioteca Infantil de Brasília Teimosa, em Recife,

e a Biblioteca Infantil A Bolsa Amarela, no morro dos Cabritos, em Copacabana, Rio de Janeiro. Aceitei o desafio, e me ofereci para assumir voluntariamente o projeto.

Na montagem contamos com a ajuda da comunidade. Uma senhora do Lions e mães de crianças da pré-escola costuraram as almo-fadas. Para aquisição do acervo, criamos uma campanha que ficou conhecida como a "campanha do envelope". Era assim: cada envelope tinha uma carta justificando o pedido e o nome de determinado livro, com o preço e editor. Cada doador podia comprar o livro e remeter à biblioteca ou simplesmente enviar dinheiro. Distribuimos os envelopes aos sócios do Lions, aos amigos, a donos de empresas, a diretores de escolas, aos pais de alunos da pré-escola. A resposta foi fantástica, e nos permitiu contar, de saída, com um excelente acervo.

Em maio de 1985 inauguramos a Biblioteca Infantil Manoel Lino Costa (BIMLC), com o objetivo de atender às crianças em suas necessidades de desenvolvimento, criando um espaço de lazer onde elas pudessem se expressar, possibilitando uma relação lúdica com o livro. E iniciar, a partir das atividades da biblioteca, um núcleo de ação cultural.

Formamos uma equipe de voluntários com pessoas interessadas em crianças e livros: uma bibliotecária e uma professora recém-formada, estudantes de biblioteconomia e letras, normalistas, criando um espaço de aprendizado. Constatamos que os jovens se identificam de imediato com uma filosofia que entenda a criança como sujeito do processo.

Esta equipe vem se renovando sempre, mas os que partem para novas experiências permanecem afetivamente ligados à biblioteca.

Um trabalho profissional não poderia ser voluntário a vida inteira. Decorrido um ano de funcionamento, criamos com o apoio do Lions a Associação dos Amigos da Biblioteca Infantil Manoel Lino Costa, entidade jurídica responsável por sua manutenção, funcionamento e preservação. Em seu Conselho Consultivo figuram pessoas da comunidade, membros do Lions, representantes de setores ligados ao livro (Eliana Yunes, da FNLIJ; Naumin Aizen, editor; Consuelo Chermont de Brito, bibliotecária e pioneira das associações de amigos de bibliotecas no país). No momento temos 71 sócios mantenedores e 168 sócios leitores.

As crianças que freqüentam a BIMLC são muito espontâneas e possuem grande riqueza de expressão. Haja visto a definição de biblioteca dos leitores Nilson, Natali, Daniele e Andréa, assíduos freqüentadores e devoradores de livros.

Naquela salinha colorida rola um grande respeito pela escolha das crianças e um encorajamento para as pessoas se mostrarem como são. Um sentimento igualitário, de profunda troca entre a nossa equipe e as crianças. Aprendemos sempre com elas. Na biblioteca as crianças têm vez e têm voz. Toda segunda-feira temos uma atividade que se chama "É conversando que a gente se entende", quando sentamos juntos para trocar idéias e ver o que vamos fazer. Temos sempre alguém contando histórias (crianças inclusive) e dias reservados para teatro, artes plásticas e música. Quando abrimos os caminhos do teatro, Andréa ficou tão encantada que passou a fazer teatro também no prédio onde mora e na praça Cruz Vermelha, reduto por onde transitam pessoas doentes da sociedade (não apenas doentes físicos).

Recebemos, com satisfação, crianças da pré-escola desde os dois anos de idade para ouvir histórias, contar as suas histórias, mexer livremente nas estantes e escolher o seu próprio livro. Vemos o livro saindo da biblioteca e entrando em casas onde não entrava antes, contagiando toda a família. Everton, leitor de 12 anos, escolhia sempre um livro para ele e outro para a mãe. A avó de uma menininha da pré-escola me disse um dia: "Eu até gosto desses livros."

Elizabeth Figueiredo, uma de nossas colaboradoras, é fonaudióloga e acha fundamental o caráter preventivo do nosso trabalho, porque investe na alegria, na liberdade de expressão, na fantasia, na imaginação. Cilene de Oliveira é professora e participa do nosso trabalho desde o início, quando ainda era normalista. Descobriu ali o seu caminho profissional e resolveu fazer biblioteconomia.

Paralelamente às atividades com crianças, oferecemos aos adultos estágios e cursos (A Arte de Contar Histórias, Criação de Livros de Pano, Biblioteca Infantil-Espaço Vivo). Estes cursos transmitem a nossa experiência e geram recursos para manutenção da biblioteca.

De lá, temos saído para seminários e congressos. Em outubro de 1986 participamos com um estande da I Feira do Livro Infantil e Juvenil promovida pela FNLIJ. Também com

.....

as crianças saímos dos limites da biblioteca, para passeios, visitas a exposições e a editoras. Ganhamos sempre ingressos para teatro. Quando não podemos ir com elas, a mãe do Nilson e da Andréa junta um grupo e leva de ônibus, o que evidencia mais uma vez a participação ativa da comunidade.

A biblioteca também promove eventos especiais abertos à comunidade. Em dezembro de 1985 montamos a peça "Natal de Jornal", escrita e dirigida por Sylvia Orthof, numa produção que envolveu toda a equipe e mais de cinquenta crianças. Realizamos, de vez em quando, a Tarde das Histórias, quando reunimos adultos e crianças à sombra das mangueiras do quintal do dispensário para brincar, ouvir e contar histórias.

Em nenhum momento nos faltou convicção de que este trabalho seria possível. O que ele tem de singular é o fato de se manter uma biblioteca aberta ao público exclusivamente com recursos da iniciativa privada. Não temos qualquer ajuda do governo — o que significa que nenhum canal burocrático emperra as nossas iniciativas.

Para quem quiser criar ou dinamizar bibliotecas, aqui vão algumas dicas: procurar o Lions ou outros clubes de serviço da sua comunidade. Os Lions Clubes têm sido grandes colaboradores de bibliotecas. A reforma da Biblioteca de Copacabana, a instalação do setor infantil da Biblioteca do Museu da República, a criação da Biblioteca do Grajaú são obras do Lions. A campanha do envelope e a sensibilização de amigos e de pessoas e entidades do bairro são alguns exemplos que funcionam.

Para terminar, confesso que me sinto feliz em procurar seguir os passos de Cecília Meirelles, que iniciou a vida profissional como educadora e criou a primeira biblioteca infantil do gênero no Brasil. Como Cecília, eu também acredito "que a vida só vale quando reinventada". Vamos lá!

* Marina Martinez é coordenadora da Biblioteca Infantil Manoel Lino Costa e do Projeto de Criação de Bibliotecas Infantis em Áreas Carentes. É também professora e escritora.

* Anna Cláudia Ramos é ex-estagiária da BIMLC e atualmente trabalha no setor de Publicações da FNLIJ.

A biblioteca do Museu da República e o público jovem

Maria Luiza Villela de Andrade*

Criada em 1976 por iniciativa do Museu da República, com o nome de Biblioteca Infantil do Lions Clube Laranjeiras, além do atendimento ao público infantil com orientação à leitura, a biblioteca desenvolvia atividades variadas, promovendo cursos de artes plásticas e de teatro, organizando projeções de slides e de filmes didático-recreativos e colônias de férias.

Seu nome foi escolhido em reconhecimento ao apoio financeiro dado pelo Lions Clube para as obras de instalação, compra do mobiliário e de parte do acervo.

Em outubro de 1983, o Museu da República desvinculou-se do Museu Histórico Nacional e tornou-se uma entidade da Fundação Nacional Pró-Memória. A partir dessa desvinculação, a Biblioteca Infantil passou a integrar a Biblioteca do Museu da República. Nesse sentido, o atendimento ao público infantil e juvenil expressa uma vertente das atividades do museu enquanto instituição voltada para a educação e a cultura. Esse atendimento é constituído de ações que estimulam o hábito de leitura numa perspectiva de lazer, oferecendo contato direto e espontâneo com os livros, de forma a favorecer o amadurecimento cultural do jovem leitor e desenvolver o seu senso crítico.

As crianças que procuram a biblioteca do Museu da República encontram um espaço voltado para a ampliação dos seus conhecimentos e para o lazer, na medida em que se integram a atividades como:

HORA DO CONTO - Uma das atividades tradicionais nas bibliotecas infantis, a hora do conto não obedece a horário rígido, sendo especialmente dirigida aos pré-escolares e aos recém-alfabetizados. Toda vez que percebe

um clima favorável, a bibliotecária convida as crianças para ouvir histórias com o auxílio do livro, ou para desenvolver enredos formados pelo grupo, num clima de brincadeiras em que criatividade e imaginação são o principal elemento.



A TRAÇA FAMINTA - A edição do jornal A Traça Faminta conta com a colaboração ativa de jovens frequentadores com idades que variam de sete a 15 anos e tem sido uma experiência enriquecedora tanto para os bibliotecários como para os leitores.

Cada número aborda um tema sobre o qual os colaboradores pesquisam, entrevistam ou fazem visitas, acompanhados de uma bibliotecária, a instituições culturais, em busca

de dados ou informes necessários à elaboração das reportagens. Por exemplo, na Copa do Mundo de 86, foi feita uma visita ao Museu do Esporte, no estádio do Maracanã, e também uma pesquisa sobre a cidade do México, sede da Copa.

A equipe visitou, em outras oportunidades, a editora Ebal, as obras de restauração do Museu da República, o Observatório Nacional, elaborando matérias específicas sobre essas instituições.

Além das seções temáticas, uma que desperta grande interesse é a de passatempo: palavras-cruzadas, caça-palavras, o que é o que é etc. Há espaço ainda para as colaborações espontâneas dos leitores, tais como opinião sobre os livros que mais gostaram; anúncio para troca de objetos de coleções (papel de carta, gravuras, selos, revistinhas); informações sobre esportes; poesias e historietas.

O jornal procura manter uma periodicidade trimestral, com uma tiragem de 800 exemplares.

FESTA DO LIVRO - A biblioteca organiza, uma vez por ano, um evento que abrange um número maior de crianças e adultos, com o objetivo de promover o encontro dos leitores em potencial com o mundo do livro, participando de atividades lúdicas e criativas.

A Festa do Livro, no parque do Museu da República, tem sido realizada nos últimos três anos, constando de feira de livros, com a presença de autores e ilustradores; leitura no parque, utilizando a coleção do projeto Ciranda do Livro, da FNLIJ; hora do conto, seguida de atividades de desenho e colagem relacionadas ao livro infantil e a apresentação de banda de música, que cria um clima festivo e de muita alegria.

A BIBLIOTECA E A ESCOLA - Em caráter experimental, foi implantado em 1986 um programa de trabalho conjunto com a Escola Municipal Vital Brasil, vizinha do Museu da República, objetivando oferecer aos alunos opções variadas de leitura, convívio com os livros e a biblioteca de forma sistemática e tentando suprir a falta de biblioteca nessa escola.

A proposta foi apresentada à diretora e às professoras daquela escola, tendo sido debatidos os objetivos e estabelecida a dinâmica para execução, com atendimento a duas turmas de 1.ª série e três de 3.ª série.

As atividades com os alunos de 1.ª série foram realizadas levando-se em conta as ca-

racterísticas da turma, constituída em grande parte por alunos repetentes, com idades que variavam de oito a 12 anos. A apresentação da biblioteca e do acervo, com exposição de livros selecionados sobre as mesas, foi uma forma eficaz de levar as crianças a um contato direto com os livros, estimulando a curiosidade e o interesse individual. Em seguida, escolhia-se um livro para ser lido, buscando desenvolver atividades diversas, inspiradas no tema. Na avaliação efetuada com a escola, foi observado pelas professoras que esses alunos da 1.ª série tornaram-se mais atentos em sala de aula após os primeiros meses da implantação do programa.

Com as turmas de 3.ª série, as atividades visavam a incentivar o gosto pela leitura e fornecer noções básicas sobre a utilização do acervo de referência. A inclusão desse objetivo deve-se à constatação das dificuldades apresentadas pelos alunos em usar dicionários, enciclopédias e catálogos na elaboração das tarefas escolares. Além de proporcionar o contato direto com as obras de literatura, contar histórias e ler poesias, foi estabelecido um sistema especial de empréstimo de livro. Ao devolver o livro, o aluno era estimulado a fazer comentários sobre o enredo, os personagens e as ilustrações, de forma a desenvolver o seu espírito crítico. Para instruí-los na utilização do acervo nas pesquisas, foram elaborados jogos, cuja solução era encontrada nas obras de referência, de tal forma que os familiarizassem com a ordenação alfabética e os levassem a descobrir a variedade de temas abordados pelas enciclopédias.

Observou-se, no desenrolar do programa, o interesse dos alunos em tornarem-se sócios da biblioteca, intensificando o movimento de empréstimos a domicílio, assim como ficou demonstrada uma maior habilidade na realização das tarefas escolares.

Para as atividades que envolvem muitas crianças, como a hora do conto, feira de livros, lançamentos e festa do livro, é utilizado o parque do museu, que com suas árvores, lagos e jardins oferece um espaço mais amplo e agradável.

O acervo, composto por cerca de 2.000 livros, compreende obras de literatura adequadas às diferentes faixas etárias, obras de referência e de informação, além de 90 caixas organizadas por assunto, contendo recortes de

gravuras e artigos, à disposição dos usuários para trabalhos escolares e para pesquisas de interesse específico de cada criança ou jovem.

Em razão da dificuldade na obtenção de verba institucional para a compra de livros, a atualização do acervo tem sido feita através de doações solicitadas às editoras, ao Lions Clube, aos leitores e funcionários do museu, além daquelas efetuadas pelos livreiros que participam da feira de livros.

As doações individuais passam por um processo de seleção cuidadosa, evitando que sejam integradas ao acervo obras inadequadas à faixa etária dos frequentadores, ou ainda o acúmulo de livros didáticos ultrapassados ou em mau estado de conservação.

Este acervo compõe uma coleção específica que se integra aos 6.000 títulos que formam a biblioteca deste museu. Basicamente

formada por obras de história do Brasil contemporâneo, a biblioteca tem atendido a pesquisas externas e, principalmente, aos pesquisadores da casa no desenvolvimento de linhas de pesquisa, nos estudos que têm propiciado a reformulação do circuito do Museu da República e nas consultas em geral. Integrada — junto com o Centro de Estudos de História da República e o Arquivo Histórico — à Divisão de Documentação e Pesquisa, a biblioteca objetiva o processamento técnico e a preservação de seu acervo, bem como a promoção de atividades que o divulguem e ampliem as atividades de pesquisa.

* Maria Luiza Villela de Andrade é chefe da Biblioteca do Museu da República, biblioteca e pesquisadora.

BIBLIOTECA-OFICINA CLARA LUZ

Equipe da biblioteca Clara Luz*

As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevisíveis aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas. Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. Uma vida não basta apenas ser vivida: também precisa ser sonhada

Mário Quintana

Ainda há pouco fizemos três novos sócios. O último quase nos escapa. Havia ficado no saguão, meio escondido atrás da mãe, emburrado, frustradíssimo, enquanto acompanhava o movimento dos irmãos maiores e de outros tantos meninos que remexiam as estantes.

A funcionária flagrou o problema:

— Minha senhora, e o menorzinho, não vai escolher um livro?

— Não, moça, ele ainda não sabe...

Não teve tamanho a alegria do garoto quando a mãe foi convencida de que "ele sabia sim", "ele podia sim".

E lá se foi o pequeno Diego, cinco anos de idade, não mais agarrado à mão do adulto ou do irmão maior. As duas mãozinhas estavam, agora, muito ocupadas, envolvendo o tesouro conquistado.

Quem trabalha em bibliotecas infantis terá vivido cenas parecidas e verificado o quanto os livros atraem as crianças e como os adultos às vezes atrapalham o encontro da criança com o livro. Eles vinculam leitura a certas iniciações que, estranhamente, se dariam sem livros e sem leituras.

Outros adultos, pais e educadores cerceiam, limitam a relação da criança com os livros, procurando determinar seja o tipo de

obra, seja o de abordagem que o leitor deverá realizar. Basta ver como, muitas vezes, a leitura é tratada nas escolas.

Sabendo disso, basta olhar o movimento do setor circulante para se ter a primeira suspeita da significação de bibliotecas onde o pequeno leitor se sinta importante, onde se respeite seu direito de escolha e acesso ao objeto de eleição.

Não basta, porém, oferecer acesso aos livros. Às vezes, desanimada pelo cerceamento dos adultos, ou prematuramente anestesiada pelo caótico mundo de informações que a cerca, a criança não tem vontade de ler. É preciso explorar formas de estimular a leitura. É preciso incentivar a leitura, já que, entre outras razões, acreditamos que ler é assenhorear-se de um terreno no qual estará sempre resguardada a liberdade de viver e pensar além do que nos permitem as circunstâncias e as informações que nos são transmitidas.

Acreditamos que essas preocupações definem e justificam nossa existência como biblioteca infantil e nos aproximam das outras bibliotecas infantis, cujo primeiro objetivo é propiciar e estimular uma relação cada vez mais profunda entre crianças e livros.

Nossa principal diferença talvez esteja no fato de que não atendemos apenas, diretamente, o público infantil. Recebemos também educadores, responsáveis em sua região pelo trabalho com livros e com crianças das escolas públicas.

A Biblioteca-Oficina Clara Luz integra o projeto Implantação e Implementação de Centros de Leitura desenvolvido pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), que visa a oferecer subsídios para que a leitura se

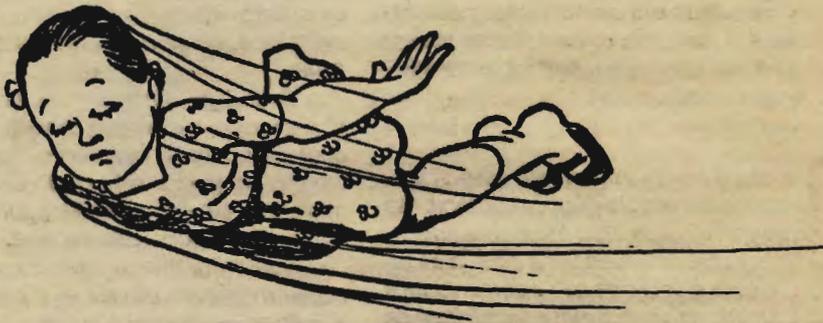
torne efetivamente uma prática nas escolas da rede estadual de ensino. O projeto envolve a seleção, organização e aquisição de acervos que são doados às escolas mediante concurso, além de orientação técnica aos responsáveis pela dinamização desses acervos.

Pensada como núcleo experimental, um laboratório do projeto, a Clara Luz tem entre seus objetivos: 1) testar a recepção de obras junto ao público infantil, visando a aprimorar os critérios de seleção dos títulos para os acervos; 2) experimentar atividades com leitura, de modo que a orientação oferecida aos responsáveis por leitura na rede de ensino possa contar com algum norteamento da prática; 3) sugerir alternativas para o trabalho com leitura e para a organização de centros de leitura nas escolas.

Como toda experiência, passamos por fases melhores e piores, tempos de muita atividade e momentos de indefinição. O que se pode garantir é que a biblioteca vem crescendo e se firmando como uma referência no bairro e na rede de ensino.

Nosso acervo tem cerca de 6.000 volumes e é constituído quase exclusivamente por obras da literatura infantil e juvenil. Já tentamos diversificar, mas as necessidades de concentração e aprofundamento da experiência nos trouxeram de volta ao terreno quase exclusivo das obras de ficção.

Em 1987 abrimos uma seção de obras (sempre de literatura) para adultos. Nossos sócios foram crescendo, virando mocinhas



Fundada em junho de 1984, chamou-se Biblioteca-Oficina porque em sua concepção estavam implícitos o experimental e a produção: que as crianças não fossem apenas consumidoras de livros, nem os educadores vistos como meros receptores de teorias e instruções, mas que todos tivessem um espaço onde pudessem construir sua relação com o livro e criar a partir da leitura.

A Biblioteca-Oficina foi batizada de "Clara Luz". Herdou o nome da personagem de Fernanda Lopes de Almeida em A fada que tinha idéias. No ato de batismo homenageava-se uma personagem da literatura infantil nacional e registrava-se o espírito que deveria orientar a vida da biblioteca: a criatividade, a curiosidade, o senso crítico da fadinha Clara Luz, que ousa sair do preestabelecido e buscar o novo.

As fadas madrinhas terão desejado um bom futuro à nova Clara Luz?

e mocinhos e, como esperávamos que fizessem, queriam continuar a ler, requisitando sempre obras mais complexas.

Além disso, é muito importante que a criança conviva com adultos que lêem. Portanto foi com alegria que vimos a biblioteca ser cada vez mais procurada por gente de todas as idades — mães, amigos, vizinhos, que seguiram nossos pequenos leitores. Abrir uma seção específica foi uma das medidas para atrair os leitores mais velhos e ampliar a presença dos livros no círculo social das crianças.

Para 88 a perspectiva é de expandir as atividades da biblioteca, o que implica a ampliação e diversificação do acervo. A idéia é ir além do livro e da escrita, trazendo com maior frequência o som, o vídeo, o desenho, ou seja, linguagens múltiplas para alimentar um trabalho dentro de uma concepção abrangente de leitura — como atribuição de significado a tu-

do o que é (e tudo pode ser) passível de significação, particularmente aquilo que, enformado pela linguagem, se reveste de função simbólica.

O público da Clara Luz se compõe, em sua maioria, de alunos das escolas de 1º grau do bairro. O bairro é o Bom Retiro, uma área antiga e deteriorada próxima ao centro da cidade. Em meio a um agitado comércio e dezenas de pequenas confecções, vemos modestas casas de trabalhadores e casarões antigos convertidos em pensões e cortiços. Aí vivem muitos dos nossos leitores, crianças submetidas às violências típicas da degradação das condições de vida nas grandes cidades: da poluição ao abandono.

No mesmo quarteirão da biblioteca existe uma escola pública, Escola Estadual de 1º e 2º graus Marechal Deodoro. Com essa escola mantemos uma produtiva relação oficiosa de trabalho. Seguindo um cronograma que estabelecemos em conjunto, os professores trazem as turmas à biblioteca para participar de atividades programadas.

Para nós é muito importante esse vínculo com uma escola pública, como base para nosso trabalho de atendimento a educadores interessados em vivenciar a prática da biblioteca. Visitas e estágios são oportunidades para os educadores verificarem a viabilidade da integração da leitura às práticas escolares; para conhecer (ou rever) obras da literatura infantil (e outras); para experimentar, junto conosco e com nossos leitores, possibilidades de abordagem dessas obras. São sobretudo oportunidades para discutirmos alternativas para o desenvolvimento da leitura na biblioteca e nas escolas.

Não temos normas a prescrever. Toda relação com os estagiários, assim como com as crianças, busca a troca de experiências, a elaboração conjunta de idéias e emoções. As formas concretas dessa relação vão se impondo e construindo a cada fase, a cada encontro.

No último ano atendemos cerca de 500 estagiários, entre professores, diretores de esco-

la, supervisores de ensino e estudantes, vindos das mais diferentes regiões do estado.

Um dos objetivos perseguidos nesse contato com os educadores é o da recuperação do lúdico que envolve a criação e a vivência do texto literário. E aqui "lúdico" não se confunde com divertimento puro e simples. Há divertimento sim, o que é bom, mas o que se procura é sobretudo ultrapassar o utilitarismo, a ânsia de resultados imediatos. É fazer o jogo que permite à ciência e à arte transcenderem o aqui e agora, projetando o futuro; que permite a cada ser humano a compreensão mais totalizante que o leva além da informação. Sem essa compreensão, qualquer dado pode tornar-se descartável porque desprovido de sentido.

Nossos pequenos leitores ficam em geral especialmente contentes quando há estagiários. Eles já sabem que nesse dia poderão ganhar novos amigos-educadores. E não fazem cerimônia: interrogam os visitantes, tecem comentários, contam de suas vidas e de suas leituras.

Cada adulto se vê rodeado de um grupinho ansioso e amoroso, para o qual e com o qual vai ler, trocar histórias e impressões. O livro é o elo para uma relação bem diversa daquela que se verifica entre adultos e crianças dentro da maioria das escolas.

Nesses momentos de encontro vivemos nossa mais cara utopia — a possibilidade de a ação educativa ser algo feliz. Uma ampla interlocução de livros, palavras, imagens, emoções e idéias — adultos e crianças descobrindo e construindo juntos.

Equipe Clara Luz: coordenadora - Cláudia de Arruda Campos; bibliotecária - Maria de Lourdes Leandro Bezerra; auxiliares - Lindinalva O. Pinheiro e Marlene Nóbrega; Gerência de Bibliotecas da FDE - Maria Aparecida Cerávolo Magnani

Fundação para o Desenvolvimento da Educação/Secretaria dos Negócios da Educação do Estado de São Paulo

A saudável rotina da simplicidade na França

Leny Werneck*



Uma coisa é a gente viajar e fazer visita a biblioteca infantil modelo, em cidade grande, em grande país do hemisfério Norte. Outra é viver lá, ser escritora (ainda que bissexta) e ir conhecendo, aos poucos e ao acaso, as bibliotecas das cidades pequenas, as pequenas feiras de livros, as "animações" nos centros culturais da periferia. Mambembando.

É o que tenho feito nestes últimos sete anos, na França. Quando posso e quando quero, aceito convite para conversar com crianças sobre minhas histórias, ou sobre livros em geral. Outras vezes vou ver exposições e ouvir histórias contadas por outros. Ou assistir teatro. Os amigos me convidam, quando são eles que fazem o espetáculo. A gente se diverte um bocado, aprende coisas e até ganha um dinheirinho. Que a vida é dura para quem escolhe de viver meio cigano...

Há uma intensa atividade em torno de livros, teatro, música e pintura nas pequenas bibliotecas das cidades da periferia de Paris. Saint-Denis, Montreuil, Aubervilliers, Cretéil, Arcueil, Gentilly, apenas para lembrar algumas

por onde andei. Cidades que têm sempre, durante o ano, alguma coisa nova para oferecer. Lembro, por exemplo, de uma engraçada exposição montada por Philippe Davaine sobre a obra de Rohald Dahl, o famoso escritor inglês de A fábrica de chocolate, Danny, o campeão e de muitos outros livros de humor, ilustrados por Quentin Blake. Foi em Créteil, uma "selva de pedra", na região sudeste de Paris. Uma exposição cheia de perguntas para o leitor dar respostas, pois a obra de R. Dahl havia sido trabalhada na biblioteca, um teatro de marionetes havia sido criado pelos meninos e meninas. E só podia curtir a exposição quem realmente conhecesse ao menos uma das engraçadas histórias de R. Dahl, com tanto quebra-cabeça e carta enigmática para resolver.

Outra vez, em Aubervilliers, fui conversar com crianças sobre a atividade de escrever histórias. Passando por cima do meu sotaque e de eventuais lapsos de vocabulário (que não interessam em nada às crianças, que querem mesmo é conversar e ouvir histórias...), cheguei à questão: deve o autor se expor ou ficar quieto escrevendo, já que o livro fala por ele? Coloquei a questão em direto, primeira pessoa do singular. E uma menininha soltou:

— Acho que é melhor ser modesta, não aparecer.

Mas um menino rebateu:

— Nada disso, se a gente escreve já está se mostrando, é melhor ir em frente. — E virou-se para mim:

— Afinal, se você escreve, não é à toa, não é?

Essas crianças, em geral, são filhos de operários, de empregados do comércio e funcionários públicos, a média e baixa classe média francesa. Têm suas idas regulares à biblioteca, à piscina, ao cinema e ao teatro, aos mu-

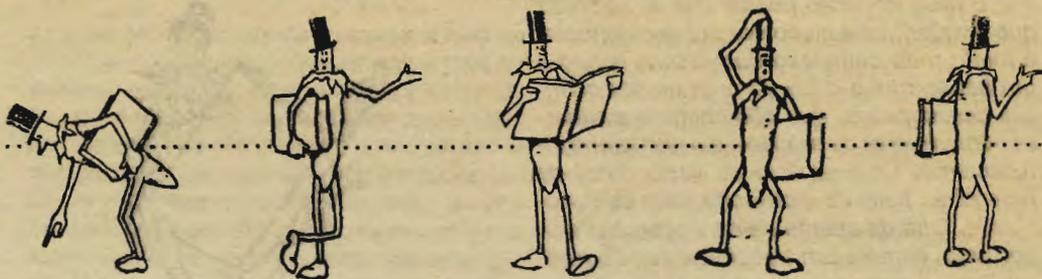
seus e às colônias de férias facilitadas pelas escolas e as comunidades. Que não são ricas (em geral com forte tradição de prefeitos eleitos pelos partidos de esquerda), mas que investem bastante nessas atividades. E que pagam, seguindo uma taxa estabelecida em consenso pelos interessados: ilustradores, escritores, contadores de histórias, animadores contratados.

Artistas reconhecidos, como Philippe Davaine, Frederic Clement (Prêmio Maçã de Ouro, Bratislava 85) e Beatrice Tanaka alternam o trabalho solitário de criação com o das animações em bibliotecas para crianças, não só na periferia de Paris como em toda a França. Beatrice Tanaka é uma contadora de histórias maravilhosa e uma excelente estimuladora de processos de expressão criativa com crianças e adultos. Davaine faz oficinas para ajudar as crianças a se expressar através da imagem. Trabalha com crianças pequenas. Já Clement gosta mais de trabalhar com público jovem que goste de discutir o trabalho dele, seus livros.

Esses eventos são rotina. Há períodos de maior e menor movimentação de acordo com as estações, mas as bibliotecas estão lá, abertas e disponíveis o ano todo. Simples e modestas, mas falando por si mesmas. Afinal...

Perto da minha casa tem uma assim, se chama L'Heure Joyeuse. Fica no primeiro andar de uma casa grande no centro de um jardim. Passo por ela a caminho da piscina ou da feira. Volta e meia entro para dar uma espiada. É tão doméstica essa minha biblioteca, acho que um dia desses vou fazer uma animaçãozinha. Versailles, minha cidade, tem uma forte população de imigrantes portugueses. Acho que as crianças vão achar engraçado eu contar histórias com sotaque do Brasil.

* Leny Werneck é autora de livros, jornalista e sócia-fundadora da FNLIJ, a qual representou no comitê do International Board on Books for Youth - IBBY.



A BIBLIOTECA FORA DOS MUROS

algumas experiências

Geneviève Patte*
Trad. Laura Sandroni*

Foi preciso lutar muito na França nos últimos vinte anos para que até mesmo as paredes das bibliotecas existissem. Hoje todo projeto municipal inclui pelo menos uma biblioteca com um setor reservado às crianças e com pessoal formado e remunerado.

Desde 1978, uma circular ministerial prevê que toda construção de escola nova tenha um espaço reservado para a biblioteca. Mas não é suficiente que as paredes sejam construídas para que uma biblioteca exista de verdade.

Desde o início as bibliotecas infantis sonham em colaborar com entidades de fora e essa colaboração se realizou principalmente com as instituições que se ocupam especificamente com crianças e em primeiro lugar com a escola. Falando claramente: a escola monopoliza o tempo, a energia das bibliotecárias do bairro e não tenho certeza de que se trata de uma colaboração no verdadeiro sentido da palavra — duas parceiras trabalhando juntas de igual para igual. Muito freqüentemente o trabalho com a escola consiste em receber ao longo do dia — é perfeito para as estatísticas! — grupos de alunos vindos por obrigação. Perguntamo-nos freqüentemente se as pesquisas feitas são motivadas pelo trabalho escolar ou por interesse pessoal ou se, pelo contrário, não se finge ter necessidade da biblioteca e dos livros.

É infelizmente a esse gênero de serviço que se limita a "colaboração com o exterior" de muitas bibliotecas.

Gostaria de lembrar aqui algumas experiências que desenvolvemos em Clamart. Mencionarei também algumas experiências realizadas em outros países e que tendem a fazer o livro sair da biblioteca de maneira mais eficaz.

COM OS MAIS CARENTES

Situada no subúrbio parisiense, a região da planície de Clamart comporta uma cidade predominantemente operária sem vida associativa, onde o nível escolar é muito baixo, e outra cidade, dita de trânsito, isto é, habitada por pessoas que são obrigadas a viver aí porque não puderam adaptar-se à cidade H.L.M. (habitations à loyer modéré — habitações populares). São populações mais ou menos marginalizadas, populações subproletárias rejeitadas pela população operária da cidade vizinha. Pode-se prever que, nessas condições, a relação com o livro seja aqui uma relação excepcional, muito rara, e por isso mesmo muito preciosa.

Aqui, como em muitos subúrbios, os que "ousam" empurrar a porta da biblioteca ou são leitores especialmente motivados — e então sabem muito bem o que podem esperar dos livros e da leitura — ou então crianças que não sabem para onde ir! Muitas vezes os pais proibem que elas voltem para casa na ausência deles, de medo que elas sejam ou venham com amigos. Uns andam pelos bares, outros vão às bibliotecas.

É falso portanto pensar que as crianças que freqüentam a biblioteca já sejam leitores: é muito mais complexo que isso. A leitura é um hábito muito difícil de criar nessas crianças desocupadas, que não chegam a situar-se num universo de solidão e que sentem, confusamente, uma espécie de vazio difícil de preencher. Falta de motivação, falta de curiosidade, falta de apetite de conhecer. Haverá, portanto, sempre um trabalho difícil de realizar junto a essas crianças que vêm à biblioteca sem estarem verdadeiramente presentes nela, que não sabem servir-se desse instrumento e que por isso adotam muitas vezes um comportamento agressivo. Essas crianças nos monopolizam, em detrimento de outro público marginalizado e oprimido e que espera muito da leitura sem ter meios de chegar a ela. Nós então tentamos uma experiência com as crianças da cidade de trânsito, que quase nunca vêm à biblioteca. Além do mais a biblioteca é relativamente afastada do bairro, o que complica a vinda delas. Tem ainda a carga intimidante de ser uma instituição cultural, portanto não é para elas. Por isso decidimos ir buscá-las fora, no bairro, todas as quartas-feiras, entre 10:30 h e 12:00 h, chova ou faça sol, para mostrar livros e contar histórias para elas.

Todos os que trabalharam em países em desenvolvimento podem afirmar: os mais carentes são os que mais esperam do livro e, mais genericamente, do saber — fonte de troca e comunicação. Por isso nos parece importante ir ao encontro deles prioritariamente. Tivemos ocasião de trabalhar muitas vezes com a legibilidade dos textos com pesquisadores e eles se mostram muito dogmáticos, afirmando com muita facilidade que as crianças, especialmente as mais carentes, só podem ter acesso a livros muito simples, escritos com vocabulário limitado. Estruturas de frases muito elementares muitas vezes estão associadas a uma grande pobreza de conteúdo. É preciso "dar histórias pobres às crianças pobres"?

A experiência de Clamart com o público mais carente contradiz esta hipótese.

Para levar adiante este trabalho, é essencial sujeitar-se a uma grande regularidade: as crianças dessas cidades de trânsito passaram por muitas mudanças e desenraizamento. É importante que elas tenham referenciais estáveis: o lugar, a hora, os bibliotecários. Isto per-



mite que se preparem melhor para esse encontro e, ao mesmo tempo, prova o interesse que se tem por elas, sempre consideradas "gente sem importância". Elas apreciam também a estabilidade no caráter imutável dos textos que podem ser lidos e relidos à vontade. Sentem-se felizes ao reencontrar neles as mesmas emoções.

Nós vamos geralmente em dupla, depois de escolher livros bem variados, dentre os melhores, os que fazem mais sucesso na biblioteca e os que são mais pedidos pelas crianças do bairro. Sugerimos o que nos parece mais interessante (não necessariamente o mais simples) porque sabemos que a motivação e o prazer da história são estímulos essenciais que levam à leitura. Elas muitas vezes nos pedem os álbuns de Babar e dos Smurfs, mas também toda sorte de obras recentes. Aos álbuns e livros de histórias juntamos livros informativos sobre diversos assuntos, pois o prazer de conhecer pode ser tão forte quanto o de escutar histórias fantásticas ou malucas. Entre os livros informativos, privilegiamos os que contam histórias de crianças em outros contextos: pigmeus, nômades etc. Propomos também livros e histórias que têm ligação com suas culturas de origem e constatamos que os adultos que passam perto se interessam muito por esse tipo de obra.

Partimos pois com uma cesta de padeiro cheia de livros e a cada vez nos surpreendemos ao constatar que, chova ou faça sol, as crianças estão lá nos esperando.

Assim que chegamos elas correm para buscar em casa os livros emprestados na vez anterior. Daí a instantes as vemos surgir de todos os lados, devolvendo escrupulosamente o livro que levaram. Em seguida, elas mexem na cesta, agrupam-se em torno de nós para nos escutar ler ou contar uma história. Tudo se organiza do modo mais espontâneo. Algumas

crianças vêm somente para escutar a história ou folhear os álbuns. Outras se isolam para ler sozinhas; outras — as maiores — gostam de ler para as menores, outras enfim pedem-nos para escutarmos atentamente a sua leitura hesitante. Quando chega a hora de ir embora, cada um vem devolver seu livro ou pegar um emprestado. Nós os emprestamos sem nenhuma formalidade e nenhuma caberia nesse contexto. Apesar disso, alguns pais proíbem as crianças de levar livros emprestados. Eles temem que seus filhos os percam ou estraguem e que eles sejam obrigados a pagar os prejuízos. Nós achamos, no entanto, que o empréstimo é essencial. É uma ponte que se lança entre a experiência de rua, vivida com outras crianças, e aquela que se vive só ou com a família. Isso favorece também este aspecto importante da leitura infantil: ler e reler uma história que se aprende pouco a pouco a melhor dominar.

Um estudo foi feito há muitos anos pelo movimento ATD — Quart Monde, um movimento que se preocupa em proporcionar, por todos os meios, o acesso ao saber às camadas mais desfavorecidas da população. Esse estudo prova que, dentre todas as atividades e divertimentos propostos, o livro e a leitura obtêm maior sucesso. Ora, nós sempre estamos tão certos de que a leitura é difícil e inacessível, de que ela só interessaria a uma categoria de crianças, os "bons alunos". Por que essa atração pelo livro? Sem dúvida porque ele é o símbolo do saber, mas também porque, ao contrário de outras formas de expressão, ele tem a vantagem de estar sempre à mão. Depois de ter vivido com os outros o prazer de ler, pode-se levar o livro para casa, debaixo do braço, e lê-lo e relê-lo à vontade. Enquanto que depois do intenso prazer de representar ou de manipular marionetes, a criança, depois da partida do animador, sente-se muitas vezes dolorosamente só.

Minha fonte de espanto mais constante é a disciplina que se instala espontaneamente sem que tenhamos que intervir nunca. Chegamos, nos instalamos numa pequena mureta com nossa cesta de livros e as crianças escolhem... É interessante notar que elas encontram logo os livros que já conhecem. Elas têm pontos de referência, um início de cultura nesse domínio, que vem em grande parte da escola maternal próxima, particularmente ativa, com a qual temos trabalhado muito, o que, en-

tre parênteses, mostra bem o impacto de uma colaboração feliz com a escola.

Quanto às crianças que levam livros emprestados, são unicamente as estrangeiras: árabes, portuguesas, iugoslavas.

Será que é tão importante manter essa experiência fora dos muros da biblioteca? Parece-nos essencial e por diversas razões. Na rua as crianças têm essa liberdade de vir ou não, de escutar ou de ir embora; elas têm uma liberdade que não têm as que entram numa biblioteca e que se sentem obrigadas a observar suas leis, se comportar como leitores exatamente como na escola, onde elas devem se comportar como alunos. Na rua, fora de qualquer instituição, não se espera dela um comportamento determinado e isto é realmente muito liberador. Ela é ela mesma, simplesmente, e eu também não preciso representar um papel ou um personagem, sinto-me mais livre e mais tranqüila. Eu não tenho, de repente, que representar uma certa calma, que fazer respeitar um regulamento. O contato que se estabelece entre nós se torna muito melhor.

Um outro aspecto desse trabalho ao ar livre: as pessoas nos vêem. Os pais passam. Os pais desempregados, as mães que voltam do mercado. Eles vêem os filhos muito interessados ouvindo histórias, crianças concentradas e atentas, ou ainda ocupadas lendo, e eles não imaginavam que eles fossem capazes de se interessar por alguma coisa que é considerada muitas vezes austera e desagradável. Os adultos percebem então que a leitura não é uma coisa tão terrível e complicada como imaginavam. E vez por outra eles param também, pois



quem resiste ao prazer de ouvir uma história? Eles descobrem seus filhos numa relação com a leitura que não é uma relação de fracasso, mas de participação ativa e feliz.

É claro que temos o cuidado de abrir às crianças as portas da biblioteca propriamente dita. Nunca deixamos de dizer a eles: "se você quiser pode devolver o livro na biblioteca", de explicar-lhes que a biblioteca é também para eles.

Nós observamos até que o comportamento dessas mesmas crianças pode ser muito diferente, tornando-se agressivo dentro da biblioteca.

Preferimos por enquanto não ter um local nesse bairro para não transformar essa experiência selvagem numa ação institucionalizada. Desejamos que ela continue informal, o que nos obriga a, quando chove, refugiarmos com as crianças nos vãos das escadas. Acontece que, espontaneamente, alguns moradores oferecem suas casas para nos instalarmos. Nós aceitamos o convite, é claro.

O que desejamos de fato é que o livro e a leitura não sejam mais considerados elementos exteriores à vida, nas mãos de especialistas. Os pais, através de uma atitude interessada, têm um papel essencial. Tudo o que favorece a participação da população adulta deve ser encorajado.

Não há dúvida de que este trabalho é ainda muito insuficiente: ocorre apenas uma vez por semana durante duas horas e o contato, embora muito rico, continua limitado. No momento consiste essencialmente em levar à descoberta de álbuns e informativos simples. Seria bom ir mais longe, ajudar as crianças a dominar melhor a leitura, a superar o medo de começar a ler um livro "de verdade", ter mais tempo para escutá-las falar, discutir o que elas fazem com tanto prazer. Um trabalho com as famílias é indispensável mas difícil de ser feito em razão da falta de tempo e de disponibilidade de espírito. Uma colaboração estreita e confiante com algumas associações seria muito útil.

Trabalhamos assim com o movimento ATD - Quart Monde. Trata-se de uma verdadeira colaboração, uma troca, na qual La Joie par les Livres (Centro Nacional do Livro Infantil, subordinado ao Ministério da Educação da França) propõe alguns títulos, indica determinadas obras, e a associação permite

maior penetração dos livros em meios em geral difíceis de se conhecer e depois transmite informações preciosas sobre o modo como os livros são lidos, sobre as dificuldades que a leitura de tal ou qual história apresenta, e permite melhor compreensão de certas atitudes.

Do mesmo modo, La Joie par les Livres trabalha com outras organizações, como a Âge d'Or, associação de aposentados. Com esta associação foi empreendida uma ação de envigadadura em torno da transmissão de histórias. Ela atravessa as fronteiras, apaixonando os bibliotecários e os aposentados. Bibliotecários e contadores de histórias se formam mutuamente, colocam-se a serviço uns dos outros para um maior enriquecimento mútuo e maior benefício das crianças.

COM OS MENORES

Há uns vinte anos, só as crianças capazes de provar que sabiam ler podiam se inscrever nas poucas bibliotecas existentes. Hoje sabemos que é fundamental que a criança tenha uma experiência feliz de leitura antes mesmo da aprendizagem técnica e essa experiência feliz se vive de maneira privilegiada em casa, no seio da família. Hoje se assiste a um desaparecimento progressivo do limite da idade inicial: se um pai ou mãe deseja vir com a criança de um ano, pode perfeitamente inscrevê-la; é mesmo encorajado a fazê-lo. Uma colaboração, uma troca de experiência pode e deve se instaurar com os pais das crianças pequenas ou com as pessoas que, por razões profissionais, vivem com elas.

É nesse espírito que La Joie par les Livres inicia atualmente a operação "tenra infância", junto aos pais de crianças pequenas e também



com instituições que não têm aparentemente vocação cultural nem educativa mas que acolhem por razões de higiene ou de saúde pais que, muitas vezes, não imaginam que suas crianças possam freqüentar livremente uma biblioteca, que possam comprar um livro e gostar de lê-lo. Ora, é talvez essa parcela da população que tem maior necessidade da biblioteca.

Há ainda as pessoas que cuidam de crianças nas casas, que se chamam hoje ajudantes e antigamente eram chamadas amas ou babás. Elas tomam conta de duas ou três crianças geralmente todo o dia. Elas estão freqüentemente muito isoladas. Muitas não têm idéia de que os livros possam interessar às crianças; para elas, como para muitos pais e educadores, sua tarefa consiste em "ocupar" as crianças para que elas fiquem tranqüilas. Trata-se naturalmente de uma generalização um pouco injusta pois, como em toda parte, há entre essas pessoas uma grande diversidade de personalidades. Cada vez que tivemos a oportunidade de mostrar-lhes livros, álbuns e contos, elas demonstraram um imenso prazer em descobrir um universo insuspeitado. É preciso dizer que muitas têm, a priori, uma grande dificuldade com livros, em razão de lembranças de experiências dolorosas e marcadas de fracassos na escola. Há portanto um trabalho importante e urgente a desenvolver.

Nós não somos os primeiros a fazê-lo. Existe há muito tempo na Inglaterra serviços de empréstimo bem organizados para pessoas que tomam conta de crianças a domicílio. Mas isso não é suficiente. Um trabalho de informação e sensibilização torna-se necessário pelas razões que já mencionamos. É preciso portanto "cativar" os adultos, conseguir que venham a esse lugar público que é a biblioteca. Isso supõe um trabalho porta a porta, com entrevistas pessoais. É preciso ainda usar o audiovisual, sempre sedutor, ou a história contada, pois um e outro podem levar irresistivelmente ao livro, se bem que não seja essa sua função principal.

Nossa experiência convenceu-nos de que os cursos teóricos de formação, nesse campo, não servem para muita coisa senão complicar e inibir os que desejamos cativar de maneira pessoal e sensível para as leituras das crianças. Preferimos fazê-las conhecer diretamente as obras, seja recontando-as, seja apresentando-as eventualmente com a ajuda de slides ou filmes.



Esse projeto deveria permitir que as pessoas que se ocupam dos pequeninos saiam do seu isolamento. Elas devem ser acolhidas na biblioteca com suas crianças do mesmo modo como acolhemos as professoras com suas classes. (Por que restringir o acolhimento e a colaboração ao mundo da escola?) A biblioteca é um lugar público aberto a todos. Os Estados Unidos desenvolvem experiências muito interessantes, como o centro da primeira infância da Biblioteca Pública de Nova York. Lá, mães e pais ou ajudantes vêm com suas crianças passar o tempo num universo tão mais rico que aquele da praça pública. Um bibliotecário fica, discretamente, à disposição deles, organiza eventualmente e a seu pedido encontros com tal ou qual especialista que vem falar com eles, em termos simples, sobre seus problemas. Uma das características dessa experiência — a razão de seu sucesso — é a simplicidade do encontro e a atenção para com os problemas concretos que se colocam, a consciência de que os problemas divididos com os outros podem ser melhor colocados e, portanto, melhor resolvidos. O que nos parece interessante, e que é dado como acréscimo, é que descobrindo o interesse pela leitura para as crianças, os adultos podem descobrir também o interesse da leitura para eles mesmos e comunicar-se de maneira mais interessante com as crianças. Eles também se interessam do papel importante que podem ter.

À MARGEM DA INSTITUIÇÃO

Gostaria enfim de citar uma última experiência, que *La Joie par les Livres* não desenvolve diretamente mas segue com o maior interesse e desejaria promover. É aque-

la que os ingleses chamam de home libraries e que nós traduzimos para "bibliotecas a domicílio". Trata-se de pequenas bibliotecas acolhidas por particulares. Elas nasceram nas grandes cidades industriais americanas como Cleveland e Chicago, onde as bibliotecas públicas enchem literalmente com tanta procura. Encorajava-se então os particulares a abrir pequenas bibliotecas em suas casas e que recebessem ali entre vinte e 25 crianças de um modo quase familiar.

A mesma coisa poderia acontecer em Paris, onde, por iniciativa dos pais, pequenas bibliotecas são criadas nos imóveis, infelizmente sem ajuda do poder público. O interesse dessas experiências depende muito da pequena dimensão das unidades, do espírito de iniciativa de seus promotores, dos pais que tomam nas mãos o problema da leitura das crianças e se comportam não mais como simples consumidores, mas como participantes ativos.

Evidentemente os grandes prédios conservarão sempre sua utilidade, mas parece interessante que sejam de alguma forma complementados por pequenas realizações familiares adequadas ao modo de vida da criança. Os livros penetram assim de maneira mais eficaz no tecido do bairro — a instituição pública assegurando a aquisição das coleções de livros, formação e, eventualmente, a remuneração dos animadores. Uma colaboração semelhante supõe que a instituição pública e os bibliotecários diplomados confiem nos adultos não especializados, e, em particular, se libertem dessa espécie de sentimento de fragilidade que os faz duvidar que "outros" venham a acampar em seu território. Quantos moradores de bairros que desejariam batalhar pela leitura foram repelidos pelas instituições públicas que temiam, erradamente, uma invasão de seu domínio.

As diversas experiências que acabo de relatar têm alguns pontos em comum: elas se passam fora da instituição e, no entanto, com o apoio da biblioteca. Elas permitem um reco-

nhecimento muito mais concreto e diversificado de crianças vivendo em contextos diferentes, conhecimento que nos deveria ajudar a sair do dogmatismo que nos ameaça e nos faz dizer, com muita certeza, que tal livro é ou não bom para crianças.

Todos esses contatos e experiências deveriam conduzir a um trabalho mais próximo da realidade e, portanto, mais eficaz, já que nos fazem descobrir os caminhos mais diversos que levam ao prazer inteiramente pessoal e único de uma leitura em liberdade.

É importante saber que cada pessoa faz a seu modo o itinerário do leitor. Isto dá a nosso trabalho a indispensável perspectiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- "Un combat pour la culture, expérience du pivot culturel à Stains", Igloos, *Le Quart Monde*, Editions Socience et Service, 1975.
- HILL, Janet, "Children are people", H. Hamilton, Londres, 1973.
- PATTE, Geneviève, "Library work for children and young adults in the developing countries", K.G.Saur, Munich, New York, Londres, Paris, 1984 (IFLA Publications, 28). (Particularmente o capítulo de Bruno Renaud: "La mini-bibliothèque en secteur populaire au Venezuela", e o de Ellen Waugana, "Children's storytelling and reading activities in Zimbabwe.")

*Geneviève Patte, formada em biblioteconomia em Paris, é organizadora da biblioteca de Clamart e membro da diretoria de La Joie par les Livres.

**Laura C. Sandroni, mestra em literatura brasileira, é fundadora e ex-diretora da FNLIJ e crítica de O Globo.

Este artigo foi publicado em *Livres, lecture et enfants*, anais do Colóquio Internacional sobre a Promoção da Leitura, organizado em Genebra, entre 9 e 10 de fevereiro de 1984, publicação da Fundação Simon I. Patiño, Genebra, dezembro de 1984.



O início das atividades em áreas carentes

Equipe editorial*

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil — FNLIJ — criou em 1981 um projeto intitulado Criação de Bibliotecas Infantis em Áreas Carentes para que pudesse iniciar um movimento comunitário que visava atender às crianças das famílias dessas áreas e satisfazer uma necessidade das mais prementes na periferia dos grandes centros urbanos.

Desse projeto nasceram duas bibliotecas: uma no Rio de Janeiro, a Biblioteca Infantil A Bolsa Amarela, e outra em Pernambuco, a Biblioteca Infantil de Brasília Teimosa.

A Bolsa Amarela começou a se organizar como um espaço alternativo para as crianças da favela Euclides da Rocha, em Copacabana, a partir da realização do projeto Artes na Biblioteca, da FNLIJ, em convênio com o projeto Fazendo Artes da Funarte. O projeto Fazendo Artes foi criado em meados de 1981 para apoiar experiências em arte-educação que pudessem trazer subsídios a professores e educadores de maneira geral. A idéia era favorecer uma prática educadora inovadora, no sentido de esclarecer as reais possibilidades de arte na educação, reconhecendo e valorizando a grande riqueza cultural do povo brasileiro.

Durante dois anos consecutivos, A Bolsa Amarela contou com a participação de três professores de arte-educação com especialização em teatro, artes plásticas e música sob a orientação da coordenadora Rejane de Carvalho França, da FNLIJ.

Na primeira fase do projeto, a proposta baseou-se no desenvolvimento de linguagens artísticas, em que crianças buscariam sua própria expressão, auto confiança e segurança emocional. Na segunda fase, o prioritário foi o relacionamento da criança com o adulto e o levantamento da memória social da comunidade como fonte de criação para propostas

novas e lúdicas. O ponto de partida era a valorização da própria cultura da comunidade através de uma motivação com atividades com música, artes plásticas, teatro, expressão oral e escrita.

A Biblioteca Infantil A Bolsa Amarela passou a ser o centro de todo o trabalho em que as atividades criativas foram motivação para um interesse maior no encontro com o livro, quer pela sua leitura, quer pela sua recriação através de outras linguagens, com o que a criança demonstraria seus interesses, suas angústias, sua visão do mundo.

O trabalho teve, como é natural, momentos positivos e negativos. Um dos pontos deficientes do projeto foi a descontinuidade na frequência das crianças nos trabalhos, motivada, muitas vezes, pela responsabilidade de cada um nos afazeres domésticos, pois os pais viam o trabalho da biblioteca apenas em seu aspecto lúdico, permitindo o comparecimento dos filhos somente nas "horas vagas".

As crianças cresceram enquanto grupo, cresceram como pessoas, na valorização do trabalho, no seu conjunto e, em particular, na capacidade de inventar saídas, transformando em criações suas pequenas coisas tomadas habitualmente como sucata. O grupo cresceu no respeito ao trabalho e aos próprios companheiros; na valorização do que é de cada um e de todos. Cresceram também no convívio com os livros, na descoberta de novos mundos e no prazer de conviver com eles.

No ano de 1983 não foi renovado o convênio com o Fazendo Artes e a biblioteca foi mantida pela FNLIJ ainda sob a orientação de Rejane Carvalho de França. Em 1985 criou-se um convênio entre FNLIJ e a Obra Social da Paróquia de Santa Cruz — OSPSC — transferindo as atividades de administração, orga-

nização e manutenção da biblioteca para a área de responsabilidade da OSPSC.

Em Recife, a área escolhida foi a favela de Brasília Teimosa. A biblioteca foi inaugurada no dia 30 de abril de 1981. Os livros foram doados pela FNLIJ e pela Biblioteca Pública Estadual Presidente Castelo Branco. A frequência diária era de trezentos usuários, na faixa etária de cinco a 13 anos, fazendo pesquisas, leituras dramatizadas e com empréstimos domiciliares.

Além de grande aceitação por parte dos moradores de Brasília Teimosa, a criação da biblioteca teve grande repercussão ao ser divulgada pelos meios de comunicação, o que motivou outras comunidades carentes a manifestarem também o seu interesse em instalar uma biblioteca infantil.

Por determinação do secretário de Educação do estado de Pernambuco, sr. Joel de Holanda Cordeiro, a coordenadora estadual do projeto, sra. Margarida de Andrade Mathias de Lima, procurou estabelecer contatos com elementos da FNLIJ solicitando um estudo de viabilidade para a criação de novas bibliotecas in-

fantis em outras áreas carentes de recursos.

Desde 1981 a Biblioteca de Brasília Teimosa vem trabalhando junto a Secretaria de Educação de Pernambuco, sendo o convênio entre uma e outra assinado em 1982. Este convênio teve como objetivo a transferência das atividades de administração, organização e manutenção da biblioteca para área de responsabilidade da secretaria, que contratou três auxiliares de biblioteca e realizou a supervisão e orientação técnica da biblioteca através de sistema de Bibliotecas de Pernambuco. Na época, a FNLIJ forneceu informações para atualização do acervo e assessorou a biblioteca quanto às técnicas de atendimento à clientela.

Em resumo, a experiência mostrou que o êxito de um projeto depende primordialmente dos recursos humanos. O sucesso da experiência de Brasília Teimosa se deve principalmente à atuação da coordenadora, que dirigiu as ações otimizando os reduzidos recursos financeiros disponíveis e obtendo a participação efetiva da comunidade para alcançar e manter os objetivos traçados.

CIRANDA DE LIVROS

uma semente de biblioteca

Laura Sandroni*

O Projeto Ciranda de Livros nasceu do esforço conjunto da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e da Fundação Roberto Marinho e contou com o apoio financeiro da Hoechst do Brasil. Cada Ciranda constitui-se de um *display* plástico contendo 15 livros de ficção adequados às primeiras séries do curso primário. Foram distribuídas quatro Cirandas, uma a cada ano, entre 1982 e 1985.

A Ciranda de Livros difundiu-se rapidamente por todo o país, buscando proporcionar o estímulo à leitura para crianças na faixa etária de sete a 12 anos, diretamente no ambiente escolar ou, indiretamente, através dos meios de comunicação, principalmente da televisão.

A base do projeto foi a escolha de títulos adequados às faixas de interesse clesse públi-

co que se deseja atingir mais diretamente. Assim, a FNLIJ estabeleceu alguns critérios a partir dos quais selecionou, entre os livros publicados de autores brasileiros para crianças e jovens, aqueles que comporiam cada uma das quatro etapas do projeto. O primeiro deles foi evidentemente a qualidade do livro. Essa qualidade se aferiu pelos prêmios recebidos por seus autores, pelo sucesso junto ao público através das sucessivas edições e ainda pelas críticas que vêm obtendo de especialistas.

Outro ponto considerado foi a não repetição de autores e editoras, a fim de dar ao projeto a maior amplitude possível. A variedade de ilustrações também foi procurada para se evitar a criação de estereótipos e limitar a imaginação da criança.

Quanto ao texto, buscou-se o equilíbrio entre autores novos e consagrados, varia-

de de temas e estilos, trabalhos de prosa e poesia e ainda uma representatividade regional. A qualidade gráfica também foi observada: os livros são todos agradáveis à vista, com capas bonitas e boas ilustrações, de modo a atrair o (futuro) leitor.

Não podemos deixar de registrar aqui o apoio dado pelas editoras, que providenciaram a tiragem praticamente a preço de custo, e pelos autores, que concordaram em receber os direitos autorais sobre esse preço, e não sobre o preço de venda nas livrarias. Isso possibilitou uma sensível redução nos custos do projeto, possibilitando à Ciranda de Livros atingir as 30 mil escolas previstas.

Outro apoio imprescindível foi o das secretarias de Educação dos diversos estados do Brasil, sem o que seria de todo impossível a realização do projeto Ciranda de Livros. Com o objetivo de chegar às escolas da rede oficial de ensino, visitamos todos os secretários de Educação para explicar os objetivos da iniciativa e pedir colaboração no sentido de receber os conjuntos de livros e distribuí-los às escolas previamente selecionadas, por nível de carência, em lista fornecida pelo Ministério da Educação.

As secretarias assinaram com o projeto um convênio de colaboração em que se comprometiam a distribuir as Cirandas e dar seu apoio no sentido de avaliação permanente do mesmo.

A Ciranda de Livros é uma semente de biblioteca e deve funcionar como tal. Todo o material foi pensado e adequado à precariedade das nossas escolas rurais. Cada conjunto, de envio anual, contém 15 livros, etiquetas de identificação, fichas de controle e carteiras de sócio, para que tanto professores quanto alunos se habituem com este sistema e possam aprender a encontrar nas bibliotecas de suas comunidades os livros que não puderem comprar.

A FNLIJ elaborou ainda um *Guia de leitura*, específico para cada conjunto, que orienta o professor quanto à sua melhor utilização. Não podemos esquecer que ele, o professor, nem sempre costuma ler. Precisar-se-á, portanto, ser trabalhado para poder orientar bem seus alunos. O *Guia* contém informações sobre os livros e seus autores, dá sugestões para atividades de classe baseadas nas histórias e, principalmente, procura demonstrar que a Ciranda de Livros não é material didático nem deve ser utilizado como tal. Solicitamos também a ajuda do professor no sentido de orientar os

pais de seus alunos, mostrando-lhes que o livro é um alimento necessário para o bom desenvolvimento de seus filhos.

Pensando na precariedade das instalações das escolas atingidas pelo projeto, elaboramos um mostruário em material plástico para cada conjunto, que deverá ser afixado na parede da sala de aula, acondicionando e protegendo os livros e expondo suas capas multicoloridas como elemento de atração.

O ponto de apoio mais importante do projeto foi a divulgação. Podemos dizer que, pela primeira vez, a televisão colocou-se como aliada do livro. A Fundação Roberto Marinho, utilizando a cadeia nacional de emissoras da Rede Globo de Televisão, assegurou os meios necessários para sustentar a campanha de divulgação do projeto a aproximadamente 90% da população do país. Nos poucos municípios onde não há Tv, as mensagens chegam pelo rádio e por jornais e revistas. Cada conjunto da Ciranda de Livros teve quatrocentas chamadas veiculadas durante os seis primeiros meses após o lançamento. Estas mensagens foram criadas para sensibilizar diferentes públicos (crianças, professores, pais). Foram feitas mensagens genéricas, informativas sobre o projeto, dirigidas ao público em geral; mensagens especiais para os professores informando da chegada da Ciranda nas escolas brasileiras e, finalmente, 15 mensagens diferentes, uma para cada livro, dirigidas especialmente às crianças, procurando estimular nelas o interesse pela leitura. Estas últimas, veiculadas um maior número de vezes, são o nosso principal trunfo. Utilizando a ilustração do próprio livro com truques de animação e contando um pequeno trecho da história, despertam a curiosidade da criança para um livro específico, para todo o conjunto e para a leitura em geral. Podemos afirmar com segurança que os resultados têm sido altamente positivos. Alguns dos livros anunciados tiveram seus estoques esgotados nas livrarias. Um novo bloco de mensagens, com a mesma veiculação maciça, foi colocado no ar a cada uma das etapas do projeto. Portanto, durante quatro anos consecutivos tivemos um apelo constante em relação ao livro sendo veiculado pela televisão.

A campanha de divulgação despertou a curiosidade do público em geral. A coordenação do projeto recebeu uma média de setecentas cartas por mês solicitando doação de conjuntos de livros, informações em geral e, principalmente, informações sobre hábito de leitura.

Ao término do projeto foi realizada uma ampla pesquisa de avaliação que, junto com os informes recebidos durante toda sua duração, indicaram os excelentes resultados obtidos. Através dela pode-se traçar um diagnóstico da situação do ensino de leitura e do acesso ao livro no Brasil, bem como da situação do professorado que atende às escolas rurais e de periferia urbana.

A partir desses resultados poder-se-á planejar uma segunda etapa do Projeto Ciranda de Livros, com base em quadro real pela primeira vez levantado no Brasil.

*Laura Sandroni foi diretora e uma das fundadoras da FNLIJ. É crítica de literatura infanto-juvenil do jornal *O Globo* e programadora cultural da Fundação Roberto Marinho.

SALAS DE LEITURA

o prazer de ler na escola

Walda Antunes*

A primeira ação formal creditada à escola como agência de formação centra-se sem dúvida na leitura. A pré-escola também não perde de vista este objetivo maior quando, através de seus programas e da diversidade de atividades que propõe à criança, busca levá-la à prontidão, desenvolver-lhe as potencialidades essenciais para a aprendizagem, torná-la "pronta" para ler. Mas esta preocupação não existe na realidade do contexto dos currículos escolares e das escolas, e ao longo do tempo se tem perdido de vista esta ação primeira. Ler passa a ser tarefa, a leitura é escolarizada, a criança lê por obrigação, em hora e dia certos, na "aula de biblioteca". Lê para elaborar a ficha de leitura que precisa devolver ao professor como produto do livro lido, lê buscando a palavra adequada para preencher a lacuna do livro de exercícios, lê, afinal, porque é obrigada a ler, mas certamente não por prazer. Portanto, tão logo pode se divorciar dos livros.

Por outro lado, a precariedade das escolas brasileiras é quase absoluta no que se refere a fontes de informação dentro da escola. E isto se agrava quando o enfoque e o tratamento dados à questão da leitura não são prioritários.

O que assistimos no cenário onde se insere o nosso alunado é a total dependência a ação e informações oriundas do professor e do livro didático. Essas duas fontes vêm satisfazendo a expectativa (tão minguada no caso) de se oferecer uma educação renovada — a

tão decantada educação democrática.

Para o aluno é fundamental ler. Ler por prazer, espontaneamente, buscar livremente suas leituras, suas informações. Entretanto o professor habitualmente não usa os recursos da biblioteca em suas aulas, com o agravante de que ele próprio não é um bom leitor. Talvez por isso não valorize, na medida necessária e indispensável, o prazer e o uso da leitura como base de sua ação docente. Ainda assim, tudo está centrado na pessoa do professor. Este deveria ser uma das fontes, o estimulador, o impulsionador de uma ação ampla, para que o aluno tivesse oportunidades de acesso a vários mananciais de informação para a construção do seu conhecimento. Só então seria possível falar em educação democrática.

Em 1983 a Fundação de Assistência ao Estudante — FAE, preocupada em dotar a escola de um espaço próprio para a leitura, onde a conquista do prazer de ler fosse buscada através do contato informal com o livro, da escolha livre do texto, de atividades lúdicas de animação, iniciou a implantação do programa Salas de Leitura em escolas públicas. Planejado inicialmente para atingir um número restrito de escolas, em pouco tempo foi ampliado e chegou a todos os estados brasileiros, em razão do interesse despertado e da grande aceitação por parte de alunos e professores.

Fugindo à diretriz assistencialista que caracteriza grande parte dos projetos voltados à escola, o Salas de Leitura é uma proposta de desenvolvimento real que dará aos alunos,

através da leitura, o instrumental básico de acesso à informação.

Por outro lado, o acompanhamento do projeto nos seus três anos de funcionamento tem confirmado a idéia de que o passo inicial é o Salas de Leitura e que a sua evolução natural é o surgimento da biblioteca escolar.

Freqüentemente recebemos depoimentos de professores oriundos das mais diversas localidades onde o projeto foi implantado. Relatam que o aluno — após a utilização da sala de leitura, após o estabelecimento desse contato direto, livre, prazeroso com o livro — tem buscado não só novas leituras recreativas, como leituras informativas relacionadas com seus trabalhos de sala de aula. Tentando atender a essa demanda emergente, a FAE tem complementado o acervo das salas de leitura com dicionários, atlas e outros materiais de referência da sua linha de publicações.

O sucesso do projeto nesses três primeiros anos — contando com apoio das secretarias estaduais de Educação e de algumas universidades — demonstrou que, a despeito das dificuldades surgidas, esse é o caminho a ser seguido.

Com o propósito de atingir as escolas públicas municipais, e mais efetivamente as instaladas em zonas rurais e áreas de periferia, onde se situam os bairros mais carentes, a FAE se preocupa este ano com a municipalização do programa Salas de Leitura. Para que se ava-

lie mais uma vez o interesse despertado por um trabalho de estímulo e desenvolvimento da leitura e de acesso à informação na escola, basta dizer que numa primeira etapa da municipalização pretendida 1.270 municípios se engajaram, gerando um cadastro de mais de 45 mil salas de leitura a serem implantadas. Atualmente a FAE se empenha no trabalho de definição dos recursos necessários para o desenvolvimento deste programa de tanta relevância. Os percalços com que deparam a implantação e implementação de um programa desta natureza são imensos e diversos.

Entretanto nossa esperança é que a educação um dia seja entendida como o maior investimento no futuro de uma nação, e que a escola, como legítima agência de educação, seja prioridade. Nesse dia, independente de qualquer crise que venha a se abater sobre o país, teremos recursos suficientes para levar a leitura a tantos brasileiros que hoje têm suas aulas apoiadas até mesmo em jornais velhos.

Uma nação bem informada saberá sem dúvida gerir suas crises, definir por si seus valores, selecionar alternativas e encontrar as melhores soluções.

*Walda de Andrade Antunes é gerente do Programa Salas de Leitura — MEC/FAE, assessora do diretor do Instituto Nacional do Livro e presidente da Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares

Livro Mindinho, Seu vizinho

Eliana Guimarães*

A grande maioria da população brasileira não tem acesso aos bens culturais e sociais. No momento em que se pretende transformar este quadro, é preciso fortalecer a área cultural, na tentativa de elaborar políticas sociais mais justas. Este acesso permite o esclarecimento quanto a nosso papel como indivíduo ou elemento de uma comunidade. Por esta razão a cultura não pode ser exclusividade de uma elite. Socializar o acesso aos bens culturais é dar oportunidade de crescimento para todos os cidadãos.

A produção cultural expressa-se por diversas linguagens. Não deve haver priorização em relação a determinada linguagem, mas sim uma visão de que cada linguagem completa a outra. No livro infantil convivem pelo menos duas delas: a verbal e a plástica. Aí temos um grande acervo nacional e internacional que necessita ser conhecido, vivenciado e trocado.

É essencial que se democratize o acesso a esse acervo através de uma melhor difusão das obras

O projeto Livro Mindinho, Seu Vizinho é uma alternativa encontrada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, com o apoio de White Martins, através da lei Sarney, para suprir uma das carências da população de baixa renda. Começou em 1987 no Rio de Janeiro e agora vai se estendendo aos estados brasileiros de modo gradual, mas firme.

No Rio estão implantadas vinte minibibliotecas comunitárias, com orientação para atividades culturais, sob a responsabilidade das associações de moradores de diversas localidades menos privilegiadas do grande Rio: Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Nilópolis, Niterói, São Gonçalo, Itaboraí e Paracambi. A idéia era dotar estes centros de mobilização comunitária de um espaço para a leitura de crianças e jovens das vizinhanças.

Para a fase de implantação do projeto, cada associação de moradores teria que ceder uma sala para uso exclusivo da biblioteca (na sede ou fora dela, desde que em local de acesso público) e que pudesse permanecer aberta com um horário fixo diário, inclusive aos sábados e domingos. Cada associação indicou duas pessoas da comunidade que, voluntariamente, passaram a se responsabilizar pelo funcionamento da minibiblioteca.

Estes voluntários participaram de um curso de treinamento a cargo da FNLIJ (com vinte horas de duração), onde foram abordadas com simplicidade as diversas habilidades necessárias e os mecanismos básicos para lidar com o funcionamento de uma biblioteca: registro de livros, fichamento, organização de acervo, empréstimo, consulta e orientação para atendimento à pesquisa escolar. Mas se enfatizou sobretudo o papel do livro na libertação da consciência individual e a força de formação do senso crítico, em que a obra literária aposta.

Diversas possibilidades da atração ao livro — histórias, tradição oral, teatralização de textos, músicas, brincadeiras — foram apresentadas.

O projeto Livro Mindinho, Seu Vizinho pretende ser um foco irradiador de promoção cultural, não apenas da comunidade diretamente beneficiada, mas de outras vizinhas, numa troca constante que se quer ampliar cada vez mais. O projeto prevê atividades de animação interdisciplinar e tem um programa mensal envolvendo contadores de histórias e grupos cênicos que, de três em três semanas, sempre aos domingos, visitam todas as comunidades beneficiadas, com uma festa ao ar li-

vre próximo à biblioteca Livro Mindinho. Outras atividades culturais que a comunidade possa oferecer também são articuladas. Assim, o livro é o detonador de um processo maior.

Nos seis meses de implantação do projeto, técnicos da FNLIJ vêm realizando um acompanhamento sistemático *in loco*. Durante as visitas, o supervisor — profissional especializado em técnicas educacionais de incentivo à leitura — terá condições de vivenciar como estão sendo desenvolvidas as atividades das minibibliotecas e orientar a comunidade com sugestões e troca de informações, garantindo um acompanhamento individual para cada comunidade.

O acervo é composto de setecentos títulos, com obras de literatura infantil e juvenil — a que o projeto pretende dar prioridade durante as atividades das minibibliotecas. Além de textos informativos para pais sobre educação e de ficção para adultos, há outros títulos que servem inclusive de apoio à pesquisa escolar.

A avaliação do projeto é feita a partir do acompanhamento sistemático (já mencionado) e de encontros entre voluntários, supervisores e coordenação, para troca de informações sobre as experiências de cada comunidade. No final dos seis meses acontecerá um grande encontro, com a elaboração de um relatório final que permitirá que os envolvidos no projeto tenham uma visão de conjunto do processo detonado.

A inauguração da primeira minibiblioteca comunitária do projeto foi em Campo Grande, no dia 29 de novembro de 1987. Ela fica instalada na Escola Estadual Alzira Araújo, no bairro Adriana, e marcou a implantação do projeto.

Em muitas comunidades a biblioteca está cumprindo, além de seus próprios objetivos, o papel de unificadora, permitindo um maior entrosamento entre a população. Abre assim um canal de participação e discussão sobre os problemas do bairro e seu encaminhamento.

Ao fazer um balanço das etapas já superadas — inauguração, funcionamento e animação nas bibliotecas — pode-se constatar que o projeto Livro Mindinho, Seu Vizinho está realmente alcançando os objetivos propostos, desde o mais geral, como a implantação de vinte minibibliotecas experimentais, até os específicos, tais como: favorecer a oferta de espaços alternativos de lazer, tendo o livro como motor de crescimento individual e social; favorecer o intercâmbio de produção cultural entre as diversas localidades; criar espaços que possibilitem o fortalecimento da vida comuni-

tária; sensibilizar as comunidades para a importância de se divulgar sua produção cultural; engajar as associações de moradores na democratização dos bens culturais.

O sucesso que vem sendo alcançado só está se tornando possível com a participação da comunidade, que teve capacidade de intuir no livro uma forma de crescimento social. E

com trabalho coletivo e vontade de expandir a leitura. A experiência mostra que os envolvidos no projeto estão alargando os horizontes estreitos em que a leitura foi concebida em quase quinhentos anos de história brasileira.

*Eliana Guimarães elaborou este texto a partir do projeto Livro Mindinho, Seu Vizinho.

A Viagem da Leitura

Eliane Sonderman *

Não é à toa que o projeto *Viagem da Leitura* tem esse nome: a partir dele, jovens de todo o país estão ganhando a possibilidade de iniciar um trajeto em suas vidas, só possível graças ao passaporte à cidadania que o livro proporciona. É que cerca de 3100 bibliotecas públicas, a maioria das quais não possui seção infantil, vêm recebendo 60 novos títulos com o que há de melhor em literatura infantil. A distribuição anual, em quatro fases, inclui 250 mil livros, numa ação conjunta do Instituto Nacional do Livro (INL), Ripasa S.A. e Papel e Fundação Roberto Marinho. Trata-se de um dos mais importantes projetos do gênero na América Latina, resultado de um investimento de US\$ 1 milhão.

A escolha dos livros ficou a cargo da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, preocupada em destacar aqueles de linguagem coloquial e mais capazes de despertar o prazer da leitura entre os jovens de 10 a 17 anos, faixa etária a que se destina o projeto. Coube

também à Fundação a preparação de um manual com sugestões de trabalho aos bibliotecários pois, sem eles, impossível estimular o jovem a ler, difícil tornar a biblioteca um espaço vivo onde acontece mais do que o decifrar do alfabeto.

As bibliotecas premiadas com o projeto, que começaram em maio a receber a primeira parcela de livros, são as conveniadas do Instituto Nacional do Livro e Ministério da Cultura. O projeto foi lançado oficialmente no mesmo mês, em São Paulo, na biblioteca Sérgio Milliet, uma das mais modernas do Brasil, e se encontra atualmente em pleno vôo. Resta manter vivo o movimento cultural dentro das bibliotecas, para que os adultos — antes das crianças — continuem a treinar seu papel de incentivadores do gosto pela leitura.

* Eliane Sonderman é assessora de imprensa da FNLIJ



WLADIMIR MURTINHO



Nesta entrevista o embaixador Wladimir Murtinho, diretor do Instituto Nacional do Livro — INL — e presidente da Fundação Pró-Leitura, fala sobre os objetivos do Projeto Viagem da Leitura e da importância do encontro da criança com a biblioteca.

FNLIJ: O trabalho que o senhor realiza no INL está voltado prioritariamente para a questão da leitura e da sua divulgação; para a questão do livro, para a necessidade de assegurar às bibliotecas públicas o acervo necessário e informações precisas e atualizadas sobre a produção editorial no país. O senhor poderia falar desta preocupação do INL?

W. M.: O INL entrou num acordo com o Ministério da Educação para trabalharem juntos na área de bibliotecas públicas. Criou-se então uma coordenadoria nacional de apoio às bibliotecas públicas para haver um trabalho integrado com as bibliotecas estaduais e municipais, a fim de propiciar informações atuais e regulares, formar bibliotecários e manter estas bibliotecas ativas e atualizadas.

FNLIJ: Falando de projeto de leitura, especificamente do Projeto Viagem da Leitura, qual a sua participação nesta nova proposta de incentivo à leitura através das bibliotecas públicas?

W. M.: O que eu poderia dizer é que é um projeto fechado. Ele tem como característica o fato de que, pela primeira vez, um projeto de leitura se dirige às bibliotecas e não às escolas. Julgou-se que era mais fácil fazer um projeto através das

bibliotecas, por ser um universo menor, e conseqüentemente mais viável, diretamente ligado às pessoas que vão executar o projeto. Isso é o primeiro ponto. O segundo é o fato de as bibliotecas públicas brasileiras não serem nem adequadas e nem atuantes.

FNLIJ: Como se desenvolve o projeto em linhas gerais?

W. M.: O material que utilizaremos é composto de sessenta títulos de literatura para jovens entre romances e historietas; contudo, será insuficiente para despertar o interesse. Já houve um precedente, que foi a Ciranda de Livros (teve êxito em nível de repercussão, mas muito pouco em nível de conseqüência). O projeto ficou aquém do que se esperava pela extrema dificuldade que se tem de manter um diálogo verdadeiro com quem recebe o livro.

FNLIJ: Como será a atuação do projeto nas bibliotecas?

W. M.: Na biblioteca o livro está mais acessível do que na escola. A sala de aula é curiosamente um lugar muito fechado. É muito difícil para o professor ou diretor controlar o acesso dos alunos, enquanto que na biblioteca pública existe, ao menos teoricamente, mais facilidade de diálogo entre o leitor em potencial e o responsável pela biblioteca. As seções infanto-juvenis contam com leitores automáticos — a criança deixa de ler quando cresce. O que se quer fazer não é apenas despertar para a leitura, pois isso já existe. O interesse pelo livro infantil já existe, por isso se

vende tão bem. O que se quer é manter e incentivar este interesse.

FNLIJ: O senhor acredita que esse interesse existe realmente?

W. M.: Ah, existe e se vende muito bem.

FNLIJ: E quem é que compra?

W. M.: São os alunos. A criança lê muito. Ela deixa de ler aos 13/14 anos, quando passa a ter outros interesses e a leitura já não preenche seus desejos. Nós temos uma boa literatura infantil. O mesmo não se pode dizer da literatura juvenil. Vende-se muito mais a infantil do que a juvenil. Estou falando de um grupo social que vai à escola e que por causa da escola frequenta a biblioteca pública. Para os que têm um nível econômico que não permite comprar livros, esse projeto é inviável. Num país em que você não tem dinheiro nem para comprar jornal, o problema de incentivar a leitura é secundário.

O problema é incentivar a leitura daqueles que poderiam ler se tivessem desejo de ler. Porque se não, você só lê para fins de complementação dos seus estudos. A leitura de lazer é algo que existe muito quando criança e que desaparece depois. Então se ela desaparece é por algum motivo. A criança lê com a maior naturalidade, e lê muito. Se você observar um recanto infantil de uma biblioteca, você verá que todo mundo lê, e lê com prazer, se diverte. É uma coisa muito curiosa. Observem o seguinte: a criança quando está no pré-escolar é inteligente, acertada, feliz. Quando entra na primeira série, começa a bitolação e a criança começa a ficar infeliz, a ser reprovada, a não ter condições de seguimento. Mas não há criança que não possa seguir um pré-escolar. Em relação à leitura é a mesma coisa: uma vez alfabetizada, a criança naturalmente quer ler.

FNLIJ: Então por que a criança se desinteressa da leitura?

W. M.: Porque ficam amoladas. A leitura é uma coisa que teoricamente dá prazer. Mas se elas não encontram prazer na leitura, não há razão para ler. Acho importante criar na criança o hábito da leitura. Isto não é difícil. A dificuldade está quando ela

cresce e mais ainda se não tem condições econômicas para continuar lendo. Existe a teoria de que se houver livros em casa a pessoa lerá mais. Não é verdade. Eu tenho a prova na minha casa, que é rodeada de livros. Minha filha passa a vida lendo, fez duas faculdades. Os netos já não lêem porque acham chato, e se acham chato o que está errado é o livro. É o livro que está chato e não eles.

FNLIJ: A que se deve isso?

W. M.: A qualidade da produção não se adapta mais aos interesses de uma pessoa de 13/14 anos. Se você quiser organizar uma biblioteca pública atuante, será necessário possuir um acervo adequado aos interesses do jovem. É viável fazer isso se começarmos a incentivar a produção de livros que são de agrado do público jovem. Por exemplo, você cria um produto maravilhoso, extremamente nutritivo: um leite de soja. Por que a pessoa não toma leite de soja? Porque não gosta. É uma obsessão pensar que todo mundo vai adorar o leite de soja porque é nutritivo. Não, a pessoa bebe, não gosta e não vai repetir. Temos uma geração que é capaz de gostar profundamente de poesia — o rock é muito poético, pelo uso da palavra sincopada, pela insistência melódica —, então a literatura atual não está correspondendo.

FNLIJ: O que se poderia fazer?

W. M.: É necessário retomar. As pessoas que fizeram a música popular contemporânea acertaram muito mais do que os escritores — que são extremamente convencionais. Acho que há uma grande dificuldade de se fazer o incentivo à leitura porque não há razão explícita para a pessoa ter vontade de ler. Televisão é um vício. Ler também é um vício. Você lê um jornal, uma revista, um livro e vicia. Quando você está fazendo uma análise ou está querendo ter fatias do conhecimento, da sensibilidade, aí é outra coisa. Então você já não está lendo por lazer.

FNLIJ: Diante de tudo que o senhor falou, gostaria de saber qual o verdadeiro objetivo do projeto Viagem da Leitura.

W. M.: Não pensem que vamos resolver

o problema da leitura com este projeto. O que pretendemos é aumentar o interesse pela biblioteca. Você faz propaganda na televisão dizendo: "ler é bom e se você não tiver dinheiro para comprar o livro, leia na biblioteca".

FNLIJ: Esta é uma das propostas do projeto?

W. M.: Sim. Vamos fazer, durante um ano em nível nacional, uma chamada deste teor. Clips que vão sair o tempo todo e provavelmente terão muita repercussão.

FNLIJ: Por que o alvo é a biblioteca pública?

W. M.: A biblioteca pública não é deficiente. Poderia ser melhor, ser acolhedora. Mas não é deficiente. Ninguém é contra a idéia de biblioteca pública. Então há uma tendência a aceitá-la. Outro elemento é que, curiosamente, a biblioteca pública é a única instituição cultural absolutamente gratuita. Isso é muito curioso. O ensino não é sempre gratuito, a saúde não é sempre gratuita. Portanto, você vê que há um interesse muito grande em relação a essa entidade cultural. O que se espera deste processo é uma pressão social maior sobre a formação e a adequação da biblioteca. Quando perceberem que a biblioteca que freqüentam não é tão boa quanto aquelas que eles vêem na televisão, vão exigir coisa melhor. Nesse sentido, acredito que haverá uma pressão da comunidade para obrigar a uma melhoria nas bibliotecas. Melhores e mais adequadas.

FNLIJ: Quando se deve iniciar o hábito da leitura?

W. M.: O gosto pela leitura tem de ser criado no início da vida, quando ainda há disponibilidade. A possibilidade de manter ou não esse gosto vai depender (volto a repetir) da quantidade do material apresentado. No momento em que houver objetivamente o livro que você quer ler, você vai ler. O pressuposto é que você tenha ou o dinheiro para comprar o livro, ou o acesso à biblioteca pública. Sem uma das duas condições, não há a meu ver possibilidade de fomentar a leitura.

FNLIJ: Qual seria então a solução do problema da leitura?

W. M.: Acho que a abertura vai se dar em nível das bibliotecas. A pessoa que vai fazer uma pesquisa pode pegar um livro para lazer, para distração... Por isso é importante que a biblioteca esteja na onda, atualizada.

FNLIJ: Fale um pouco mais sobre o surgimento deste projeto.

W. M.: O projeto é um fenômeno de convergência. Curiosamente Eliana Yunes, da FNLIJ, eu e Laura Sandroni tivemos exatamente a mesma idéia, com pequenas modificações.

O projeto é direcionado às bibliotecas públicas e não às escolas. A diferença que há entre esse projeto e o projeto Ciranda de Livros é o nível de leitura das obras a serem remetidas: a faixa etária é um pouco mais velha; o outro ponto é a ênfase na formação de recursos humanos especializados para o atendimento deste público. Ele é financiado pela Ripasa — firma que produz papel e que se interessa em incentivar a leitura. Em nível comercial, o apoio é da Tv Globo, e a Fundação Roberto Marinho executa o projeto. O Instituto Nacional do Livro, cuja função é incentivar a leitura, melhorar as bibliotecas e facilitar a produção de livros, acolheu a idéia, lhe dá apoio e coordena as ações. O governo entra apenas com a coordenação em nível nacional, que envolve a FNLIJ e a Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares — CBBPE.

FNLIJ: E a escolha dos livros?

W. M.: A escolha dos livros foi feita pela FNLIJ, coordenada por Eliana Yunes e uma equipe de especialistas de nível nacional, com minha supervisão.

Um outro ponto que gostaria de colocar é a questão do treinamento de recursos humanos em nível das coordenadorias de bibliotecas. Será criado o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, reunindo as coordenadorias estaduais, e através desta entidade daremos o treinamento. É uma grande vantagem orientarmos o trabalho numa biblioteca pública através de uma fase de treinamento de como se incentiva

a leitura e como se cria um setor juvenil na biblioteca.

O projeto terá a duração inicial de um ano e, se tiver êxito como se espera, será prorrogado. Outro interesse que existe é que é o primeiro projeto deste gênero em nível nacional a ser realizado, beneficiando-se da lei Sarney, ou seja, a Ripasa abate parte da doação. Nós também estamos dando muita importância, porque está se trabalhando com um instrumento novo, que é a lei Sarney — que é complexa e exige portanto muito cuidado em relação aos projetos ligados a ela.

FNLIJ: Através desse tipo de projeto será possível existir uma difusão da leitura no país?

W. M.: Certamente, porque se alguém vai à biblioteca movido por uma campanha nacional "vá à biblioteca" acabará lendo. Então o importante nisso — mais do que a distribuição de sessenta livros, que vai ajudar muito porque é o elemento pretexto — é a ida à biblioteca, o que teoricamente vai incentivar a leitura na prática.

FNLIJ: O que se espera do projeto?

W. M.: O nosso desejo é ampliar o número de bibliotecas, aperfeiçoar a qualidade do acervo e torná-las mais adequadas através do treinamento do pessoal responsável. Estamos em véspera de uma grande

mudança, porque se alguém recorda de como eram as bibliotecas universitárias há 15 anos atrás e as de hoje... Elas melhoraram profundamente. Se nós fizermos algo semelhante com as públicas, vamos dar um pulo para a frente. Acho que são necessários de dois a três anos para lançar a idéia e torná-la adequada.

FNLIJ: O que o senhor diz do seguinte problema: quem vai à biblioteca é aquele que lê; e os que não vão à biblioteca?

W. M.: Estes não vão à biblioteca porque não há razão de ir à biblioteca. A não ser quando têm de fazer uma pesquisa. Esperamos que a publicidade feita em cima da biblioteca incentive a ida à biblioteca para fins escolares, e que diante desta nova realidade a biblioteca esteja adequada aos interesses do público.

FNLIJ: Então o fator televisão é importante nisso, não?

W. M.: Teoricamente a propaganda na televisão terá muito efeito. Se o Dicionário da Xuxa vende... Você vê que é um produto ruim, mas vende. Por que não vai vender a idéia das bibliotecas? Só saberemos isso daqui a um ano. Vamos ver qual vai ser o resultado. Juntamos uma série de entidades para dar apoio a esta idéia. Agora, se vai surtir o efeito esperado saberemos daqui a pouco.



Quem frequenta a Maria Mazzetti



Quando pensamos em entrevistar jovens que cresceram em bibliotecas infantis, lembramos imediatamente da Biblioteca Infanto-Juvenil Maria Mazzetti, que funciona na Casa de Rui Barbosa.

Há um grupo que frequenta a biblioteca desde os 11 anos e está sempre "agitando" alguma coisa: um jornal mensal, *O Barbosinha*, feito por eles e pelos coordenadores da biblioteca, palestras, debates, peças e até exposição de autores.

Numa encalorada manhã de janeiro fomos entrevistá-los na própria biblioteca, que como sempre estava repleta de mães, babás e crianças.

FNLIJ: Como é que vocês descobriram a Biblioteca Maria Mazzetti?

Soraia: Através de amigos. Um foi falando para o outro.

FNLIJ: Vocês moram aqui por perto?

Adriana: A gente mora aqui em frente, todos no mesmo prédio.

FNLIJ: Quantos anos vocês tinham quando começaram a frequentar a biblioteca?

Ana Paula: Uns dez, 11 anos

FNLIJ: E agora vocês estão com quantos?

Soraia: Com 15, 16, 17 anos.

FNLIJ: Vocês vinham sozinhos ou alguém trazia vocês?

Adriana: A gente vinha sozinho, porque era só atravessar a rua.

FNLIJ: Além de vocês há outros jovens?

Adriana: Vários.

FNLIJ: E onde eles moram?

Roberto: Todo mundo mora por aqui

FNLIJ. Há alguém que mora no morro Dona Marta?

Roberto: Tem um amigo da gente que mora no comecinho do morro.

FNLIJ: Ele ainda participa das atividades?

Roberto: Ele não tem vindo, mas até ano passado ele vinha

FNLIJ: Quando vocês chegaram aqui o que mais chamou a atenção?

Ana Paula: Os livros.

Adriana: As atividades extras também. No sábado, tinha desenho, iniciação a artes e outras atividades. E era tudo gratuito

FNLIJ: E como eram os adultos da biblioteca? Era o Domingo¹ desde o começo?

Roberto: Era o Domingo e a Marina Martinez. Depois veio também o Flávio e agora o Edmar

FNLIJ: Vocês notavam alguma diferença entre os adultos da biblioteca e os outros adultos? Eles tinham algum jeito diferente de tratar vocês?

Soraia: Não.

FNLIJ: O que é ler para vocês?

Ana Paula: Acho que é legal, porque cada vez mais você está descobrindo uma nova maneira de se expressar, de escrever. Eu gosto de ficar descobrindo, existem certos macetes. Pelas histórias também, porque eu tenho muita curiosidade. Tem vezes que eu pego um livro e não paro até acabar.

Roberto: Gosto de livro de poesia e de teatro. Quando eu estou lendo estou trocando uma idéia com o livro. Quando eu leio, tento ver o que serve para minha vida. É mais um trocar de idéias com o livro.

FNLIJ: Quando vocês chegaram aqui com dez anos, tinham algum hábito de leitura? Como era a relação dentro de casa? Vocês estavam habituados a ver os pais lendo?

Ana Paula: *Eu lia mais os livros do colégio.*

Adriana: *Eu tinha uma coisa engraçada porque eu gostava de pegar enciclopédia e folhear. Minha mãe compra muita enciclopédia, porque ela acha importante para o estudo. Então, eu ficava folheando. Tinha também alguns livros e uma coleção de livro infantil. Como livro infantil é sempre muito bonito, a gente olha a figura e tem curiosidade de ler. É diferente quando se trata de um livro para adulto.*

FNLIJ: Vocês ficaram sócios?

Soraia: *É. E a gente também levava livro para casa.*

FNLIJ: Vocês escrevem?

Soraia: *Eu tenho o costume de escrever sempre.*

Adriana: *A gente fez um livro de poesia e contos aqui na biblioteca. Tivemos de fazer um livro através de uma espécie de concurso de escrita. A gente fez e saiu o livro Papos e leros em xerox. Pequeno, mas nasceu aqui.*

FNLIJ: De quem foi a iniciativa?

Soraia: *Partiu de alguém da biblioteca.*

FNLIJ: Vocês têm biblioteca em casa?

Adriana: *Agora tenho bastante livros, porque a gente está fazendo teatro, então tem muito livro de teoria.*

FNLIJ: Os pais de vocês têm biblioteca em casa?

Roberto: *Meus pais têm poucos livros.*

Ana Paula: *Os meus também, fui eu quem dei a idéia de botar mais livros em casa.*

FNLIJ: Vocês lêem gibis/quadrinhos?

Roberto: *Eu leio até hoje, às vezes eu compro, leio aqui na biblioteca ou quando aparece um na minha frente.*

FNLIJ: Quais?

Roberto: *Mônica, Garfield.*

Adriana: *Atualmente eu leio Chiclete com banana.*

FNLIJ: Como surgiu o *Barbosinha*? Partiu de vocês ou foi uma proposta do pessoal da biblioteca?

Soraia: *Quando a gente chegou já estava rolando. Entramos e começamos a escrever.*

FNLIJ: Quer dizer que já existia antes de vocês?

Roberto: *Não. Quando a gente chegou ainda não existia o *Barbosinha*. Existia um jornal que tinha um único exemplar feito por colagem e que deixavam aqui na biblioteca para o pessoal ver. Depois de um tempo a gente foi fazendo o jornal mesmo. Fazia matéria, tirava xerox, mandava para os sócios, para outras bibliotecas, para os colégios. E está aí até hoje.*

FNLIJ: Vocês têm algum livro especial?

Soraia e Ana Paula: *Morangos mofados.*

Adriana: *Morangos mofados, Pequeno príncipe e Triângulo das águas.*

Roberto: *Mais ou menos os mesmos, e alguns livros do Chacal.*

FNLIJ: Vocês ainda fazem teatro?

Adriana: *Agora a gente está meio parado. A Soraia vai fazer a faculdade e eu estou tentando.*

FNLIJ: Em que ano vocês estão?

Adriana: *Eu estou fazendo o vestibular.*

Roberto: *Eu vou fazer vestibular para o ano.*

FNLIJ: Como o Flávio² apareceu aqui? Vocês pediram um professor de teatro?

Soraia: *Não. Ele veio para ser animador da biblioteca. Quando chegou aqui a gente estava fazendo a montagem da Rapunzel. Ele viu que existia um lance de teatro, resolveu fazer um curso e a gente entrou.*

FNLIJ: O curso tinha dia específico?

Roberto: *Era sábado. Era um pouco separado da biblioteca, não era vinculado.*

FNLIJ: Como é a relação de vocês com as crianças menores que freqüentam a biblioteca?

Soraia: *A gente se relaciona muito bem. Tem criança de dez anos que eu conheci aqui e hoje freqüenta a minha casa.*

FNLIJ: Vocês contam histórias para esse pessoal? Fazem atividades?

Adriana: *De vez em quando. Agora mesmo a gente estava fazendo um balãozinho para o Andrezinho. Eu já fiz uma exposição sobre Clarice Lispector, porque eu tinha interesse em trabalhar com Clarice. Eu já tinha lido um livro e adorado (Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres). Como uma amiga do Flávio tinha feito a peça A via-crucis do corpo (texto também da Clarice), a gente teve a iniciativa de*

fazer a exposição. Em vez de fazer para adulto, preferimos fazer para criança. Fizemos uma coisa mais visual, com figuras e com todos os livros infantis dela.

FNLIJ: Soubemos que vocês promovem uns debates.

Soraia: É. A gente fez um círculo de debates sobre o nosso livro Papos e leros, porque ele aborda amor e sexo, conflitos de gerações:

FNLIJ: Quem vocês chamaram?

Adriana: Cora Rónai, Eliane Maciel e uns outros. Teve um outro debate com Maria Clara Mourthé, que apresentava a peça O despertar da primavera no Tablado.

FNLIJ: Quem organizou esses eventos?

Ana Paula: A gente junto com o Flávio.

FNLIJ: Vocês vêm todos os dias à biblioteca?

Roberto: Agora a gente vem de vez em quando ou quando tem filme, como hoje.³

FNLIJ: A escola de vocês tem biblioteca?

Soraia: Tem.

FNLIJ: E é diferente da Maria Mazzetti?

Adriana: É, porque não tem empréstimo. Você só pode levar livro para o recreio. Lá tem inclusive uma pilha de publicações do Teatro Tablado que não pode ser emprestada.

FNLIJ: Em que escola vocês estudam?

Adriana: No Princesa Isabel.

FNLIJ: Mas não existe um jeito de reivindicar isto?

Adriana: Não existe o sistema de empréstimo, mas a bibliotecária quebra um galho e anota o seu nome.

Ana Paula: No Pedro II, ano passado, os alunos mandaram cartas para o diretor e falaram com a professora de português pedindo livros de literatura, que era o que interessava.

FNLIJ: O que vocês vão fazer como profissão?

Roberto: Teatro e jornalismo.

Soraia e Adriana: Teatro.

Ana Paula: Biologia, jornalismo. Ainda não me defini, mas tenho certeza que vai ser qualquer coisa na área das ciências humanas.

NOTAS

¹ Domingo Gonzales Cruz é o bibliotecário responsável pela Maria Mazzetti.

² Flávio Cactus.

³ *Flicts* (de Ziraldo, direção de Liviu Norbert Spiegler) e um painel da obra de Ziraldo (direção de Tarcisio Vidigal).

RESENHAS

SANDRONI, Laura & MACHADO, Luiz Raul, (orgs.) *A criança e o livro; guia prático de estímulo à leitura.* São Paulo, Ática, 1986, 144p (Série Educação em Ação)



"É na infância pré-escolar que se formam as atitudes fundamentais diante do livro. A criança que toma contato com o livro pela primeira vez ao entrar na escola costuma associar a leitura com a situação escolar, principalmente se não há leitura no meio familiar. Se o trabalho escolar é difícil e pouco compensador, a criança pode adquirir aversão pela leitura e abandoná-la completamente quando deixar a escola. É conveniente então que o livro entre para a vida da criança antes da idade escolar e passe a fazer parte de seus brinquedos e atividades cotidianas" Barker e Escarpit, p.122

Laura Sandroni e Luiz Raul Machado reuniram textos contando experiências que deram certo e que envolvem a relação criança/livro, numa tentativa de mostrar como pode se tornar gostoso esse encontro. Livro para professores, bibliotecários, educadores, enfim, para todos que lidam com o universo infantil.

O hábito de leitura é abordado em três espaços: casa, escola e biblioteca. O hábito é algo a ser adquirido, e para isso deve-se apresentar ao aprendiz da leitura o objeto a ser lido. Para isso é importante a participação da família na formação do leitor e necessário que o hábito seja fonte de prazer e não uma atividade obrigatória e ameaçadora. "Para ler é preciso gostar de ler."

O livro traça caminhos da relação criança/livro desde o ambiente familiar, passando pela sala de aula, feiras de livros, salinha de leitura, Programa Escola-Biblioteca, Fazendo o Livro, Clã do Jabuti, até chegar na Ciranda de Livros. São experiências vividas por profissionais da área, e que podem ajudar nas atividades para atrair e tornar bom o contato do livro com o leitor. Apresenta também a questão da literatura infantil.

Além disto, percorre o reino da fantasia, onde tudo é possível. Real e imaginário entram na brincadeira dos livros, do mundo das palavras e da poesia.

As últimas páginas são destinadas a bibliografia sobre hábitos de leitura e literatura infantil e juvenil.

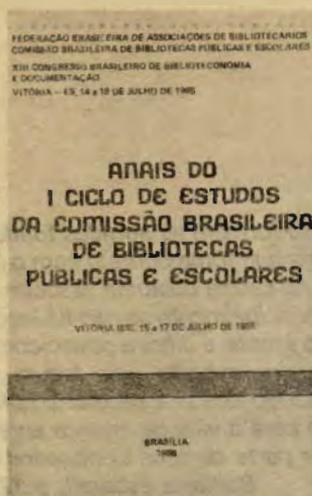
É um bom livro e, sem dúvida, não deve faltar em sua biblioteca particular.

Anna Cláudia Ramos

Anais do I Ciclo de Estudos da Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares: Vitória (ES), 15 a 17 de julho de 1985. Brasília, FEBAB/CBBPE, 1986. 223p.

Reunião de vários artigos apresentados no ciclo de estudos sobre biblioteca e leitura. A biblioteca é enfocada sob vários aspectos, desde o planejamento do desenvolvimento, passando por relatos de experiências, até chegar à relação biblioteca/escola.

Estes Anais apresentam textos de profissionais que trabalham na área e que vão ajudar os que estão começando a trabalhar neste campo. Os que já dominam o assunto encontrarão



questões sempre discutidas, pois a relação criança, livro e biblioteca é tema inesgotável e necessita de constante reciclagem.

Aqui vai uma amostra de um dos artigos, onde Regina Zilberman aborda "Leitura, biblioteca e escola". Ela apresenta a biblioteca como um universo constituído de livros que reúnem o saber acumulado pela civilização e afirma que "a leitura tem sido acompanhada por outras disposições que impedem o progresso científico e intelectual, imprescindível para o crescimento e a autonomia de um povo". Neste sentido questiona a política de leitura emanada do Estado, entidade que pode ou não viabilizar a atuação das bibliotecas. Aborda ainda questões metodológicas envolvendo o livro didático, e encerra o artigo lembrando que "a biblioteca é um lugar de popularização da leitura e difusão do saber, ambos, como se disse, pontos de partida para o fortalecimento de uma postura autônoma e emancipada da sociedade".

Ainda percorrendo esta diretriz de trabalho, os Anais apresentam suas conclusões com ênfase na importância da integração professor/bibliotecário/aluno e da interação biblioteca escolar/comunidade, que se daria, por exemplo, através de um centro cultural que programasse debates, palestras, cursos, entrevistas. Frisam também o quanto é indispensável que a descoberta dos livros se dê inclusive entre bibliotecários e professores, pois só assim vão conseguir transmitir o que é ter prazer na leitura.

É um material importante para quem quer (re)pensar biblioteca e leitura tanto em nível cultural quanto político.

Anna Cláudia Ramos

SPONHOLZ, Regina M. Lamas Pegoraro.

Atribuições de bibliotecários em bibliotecas públicas.

São Paulo, Pioneira; Brasília, INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984. 66p.

O presente estudo constitui-se na dissertação de mestrado em educação da autora.

Em 1925 iniciou-se um esforço pioneiro no sentido de determinar as atividades desempenhadas por bibliotecários, para aplicação à formação profissional. A literatura biblioteconômica é rica em textos expondo opiniões e reflexões sobre o bibliotecário ou relatando fatos e vivências da profissão, mas a pesquisa sobre o assunto é escassa. Logo, investigou-se quais as atribuições que cabem aos bibliotecários no âmbito das bibliotecas públicas, visando a um melhor atendimento deste setor dentro do panorama nacional. Elaborou-se um modelo referencial de pesquisa, denominado Modelo de Atribuições do Bibliotecário em Bibliotecas Públicas, que permitiu arrolar 120 atribuições em dois diferentes níveis de pesquisa e, através de um instrumento de coleta de dados com diferentes pesos, tornou-se possível avaliar a relevância das atribuições propostas. Concluiu-se que há carência deste modelo de atribuições proposto, o que prende-se à necessidade de facilitar as relações técnico-administrativas numa biblioteca pública e de definir quais as atribuições que devem ser nela desenvolvidas.

A autora sugere que sejam oferecidos treinamentos e reciclagens periódicas aos profissionais que atuam em bibliotecas públicas, visando a seu aprimoramento e com isso maior colaboração no processo educacional e no desenvolvimento do país. Sugere-se também que o currículo dos cursos de bi-



MILANESI, Luís.
O que é biblioteca.
 São Paulo, Brasiliense, 1983.
 107p. (Col. Primeiros Passos,
 94).



blioteconomia atenda ao modelo proposto, o que proporcionaria uma visão mais ampla das necessidades reais e práticas com que irão defrontar os futuros profissionais.

Ninfa Parreira

Logo no primeiro capítulo de *O que é biblioteca* sentimos qual é a proposta do livro. Além de explicar minuciosamente o que é e como funciona, o autor nos transmite o prazer de estar em uma verdadeira biblioteca: "O estudante entra na biblioteca e dirige-se ao balcão de informações. Ele expõe o problema: quer saber o que existe ali sobre Villa-Lobos. Quem o atende aciona alguns botões, faz perguntas, manipula um teclado, fazendo surgir num visor uma série de indicações. Biografias do músico? Existem cinco no acervo. Quer consultá-las? Vai levar alguma para casa? Só para consulta, não pode ser levado para casa. Quer uma cópia? (...) Há também um documentário em vídeo, além das partituras, claro. O consultante, além de todos os livros que retirou, vai ver na Tv o bailado Manducarará" (págs. 7, 8 e 9).

Eis uma biblioteca que ainda não existe no Brasil, pois se a população não tem o que comer como vai ler, alegam os administradores.

O grito de alerta de Luís Milanesi também se propõe a investigar os primeiros passos da história da biblioteca no mundo e no Brasil. Seu início está ligado à história do registro da informação: quanto mais o homem se aprofunda no conhecimento das coisas, maior sua necessidade de guardar todas as informações. Os reis assírios utilizaram inicialmente placas de argila para registrar os acontecimentos, depois o papiro: "Foi um avanço significativo. Era um material mais leve, mas flexível, ainda que frágil. O papiro é uma planta das margens do rio Nilo e foi utilizada pelos egípcios já antes do terceiro milênio a.C. através de uma técnica de entrelaçar as suas fibras formando uma superfície apta a receber inscrições a tinta" (pág. 17). Logo depois entrou na moda o pergaminho. A maioria das obras assim registradas perdeu-se com o passar dos séculos. Os cristãos, depois da queda do Império Romano, contribuíram para a preservação do conhecimento, da cultura, formando seus acervos e, é claro, preservando principalmente os livros litúrgicos.

Na Idade Média os reis iniciaram a criação de bibliotecas particulares, pois as obras literárias — trabalhos artísticos feitos por copistas — eram extremamente caros e somente os mosteiros e os homens que detinham o poder possuíam livros.

Com o aparecimento da universidade a produção dos manuscritos aumentou muito, mas o principal passo foi a invenção do tipo móvel (século XV) por Gutenberg, que fez com que um maior número de pessoas tivesse acesso ao pensamento humano. A partir do século XIX, com a Revolução Industrial, a "biblioteca/museu" ganhou uma companheira, "a biblioteca/serviço", que a população poderia usufruir.

Os primeiros livros que aportaram no Brasil na época da colônia tinham um único intuito: nos evangelizar. O resto era barrado no baile. Em 1536 qualquer impressão de livros passava rigorosamente por três censuras: o Santo Ofício e Ordinário (da Igreja Católica) e o Desembargo do Paço (poder civil)

Nesse período os livros importados tinham destino bem definido: os conventos

Além de analisar a história da biblioteca no Brasil, Luís Milanesi expõe sua ligação com a escola, analisa a situação das bibliotecas pública, universitária e especializada

No último capítulo o autor projeta a biblioteca do futuro "A biblioteca poderá ser a ampliação do acervo cultural que se abre ao público. Por isso, em certo sentido, ela é uma alternativa a todas as formas impositivas de saber" (pág. 99).

Com uma linguagem clara e objetiva, Luís Milanesi, que atualmente é professor de biblioteconomia na Universidade de São Paulo, dá o seu recado. *O que é biblioteca* é um livro muito abrangente, pois além de analisar a história da biblioteca, faz uma ótima avaliação da relação entre sistema de ensino e bibliotecas, mostrando como se transformou a concepção de livro com o passar dos séculos: o prazer da leitura deu lugar à visão do livro como objeto didático destinado somente a pesquisas escolares. Vale a pena lê-lo

Luciana Sandroni

SUAIDEN, Emir *Biblioteca pública e comunidade*. Medellín, Escuela Interamericana de Bibliotecología, 10 (1): 33-46, jan /jun 1987



Trata-se de palestra proferida no Pré-Seminário sobre Bibliotecas Públicas realizado em Bogotá em agosto de 1985, cujo tema, que versa sobre a biblioteca pública e a comunidade, é tratado sob dois pontos de vista: o da experiência brasileira na área e o da experiência pessoal do autor

Assim, num primeiro momento relata-se a experiência brasileira desde a criação do Instituto Nacional do Livro — INL, em 1937, até os dias atuais. É um relato sucinto que perpassa várias décadas e aponta não só as diversas diretrizes que nortearam e norteiam a formação de bibliotecas em todo o território nacional como indica os fatores que têm dificultado o desenvolvimento das bibliotecas públicas.

Nessa primeira etapa o autor ainda menciona a criação do Serviço Nacional de Bibliotecas (1961), a sua incorporação ao INL (1968); aborda timidamente a questão do futuro do livro, versa sobre a conseqüência da falta de bibliotecas; propõe soluções para os problemas e apresenta o programa e a competência do INL para a estruturação de um Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas

Na segunda parte o autor narra situações experienciadas, em que procura mostrar a dificuldade do diálogo do bibliotecário com o poder na obtenção de recursos financeiros; a importância do diálogo com a comunidade; a relação da biblioteca pública com a indústria editorial e a biblioteca pública como centro de aspirações da comunidade, citando como exemplo o que ocorre nas bibliotecas públicas da Venezuela, onde a seção de referência se transformou num serviço de informação à comunidade.

Em todo o texto a biblioteca pública é vista "como uma condição indispensável para a formação educacional e cultural, para o aperfeiçoamento da qualidade de vida e para a tomada de decisões em todas as escalas da vida administrativa e econômica do país"

Clarissa Rollin

ONDE ESTÃO AS BIBLIOTECAS INFANTO-JUVENIS NO BRASIL?



BAHIA

GANDU

Biblioteca Infantil da Cidade de Gandu
Praça Rui Barbosa s/n°

FEIRA DE SANTANA

Biblioteca Infantil de Feira de Santana
Praça da Matriz s/n°

IPIAU

Biblioteca Infantil de Ipiaú
Secretaria da Educação e Cultura, Centro de Educação

ITAPETINGA

Biblioteca Infantil de Itapetinga
Praça Doutor Guilherme Dias

JITAUNA

Biblioteca Infantil de Jitaúna
Rua Manoel Alves Meira s/n°

LIVRAMENTO DO BRUMADO

Biblioteca Infantil de Livramento do Brumado
Praça Senador Tanajura s/n°

NAZARÉ

Biblioteca Infantil Denise Tavares
Praça da Matriz s/n°, Edifício da Prefeitura

SALVADOR

Biblioteca Infantil Monteiro Lobato
Rua da Graça 292, Jardim Nazaré

SANTA CRUZ DA VITÓRIA

Biblioteca Infantil de Santa Cruz da Vitória
Rua Manuel Novaes s/n°

VITÓRIA DA CONQUISTA

Biblioteca Infantil de Vitória da Conquista
Praça da República s/n°

ESPÍRITO SANTO

CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM

Biblioteca Professor Francisco A. Ribeiro
Colégio Jesus Cristo Rei
Avenida Monte Castelo 4

VILA VELHA

Biblioteca Infanto-Juvenil do Colégio Maristas
Avenida Champagnat s/n°

VITÓRIA

Biblioteca Infanto-Juvenil do Colégio Sagrado Co-
ração de Maria (Sacré Coeur)

MINAS GERAIS

CAMPINA VERDE

Biblioteca Comunitária da Escola Estadual Nossa
Senhora das Graças*

CAMPOS ALTOS

Biblioteca Comunitária da Escola Estadual Padre
Clemente Maletto*

PERDIZES

Biblioteca Comunitária da Escola Estadual de
Perdizes*

UBERABA

Biblioteca Comunitária Professor Santino Gomes
de Matos, da Escola Estadual América*
Biblioteca Comunitária do SESU*
Biblioteca Pública Municipal Lúcio Mendonça
Azevedo (setor infantil)*

*Bibliotecas comunitárias jurisdicionadas à 25ª
Delegacia Regional de Ensino, registradas no INL

PARAÍBA

CAMPINA GRANDE

Biblioteca Infantil Coração de Estudante
Centro Cultural Parque do Povo

JOÃO PESSOA

Biblioteca Infantil da Fundação Espaço Cultural da
Paraíba
Avenida Presidente Kennedy s/n°, Tambauzinho

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVICH, Fany. *O estranho mundo que se mostra às crianças*. São Paulo, Summus, 1983, 164p. (Novas Buscas em Educação v. 13).
- Anais do Congresso Brasileiro de Literatura Infantil e Juvenil*. Niterói, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Universidade Federal Fluminense, 1985.
- Anais do 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, Unicamp, ALB, 1981
- Anais do 4º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, Unicamp, ALB, 1983.
- Anais do 5º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas, Unicamp, ALB, 1985.
- ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato, escritor e pedagogo*. Rio de Janeiro, Antares; Brasília, INL-Fundação Pró-Memória, 1982, 84p., il.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo, Ática, 1985.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. São Paulo, Brasiliense, 1986, 89p., il (Col. Primeiros Passos n° 163)
- CAGNETI, Sueli de Souza & ZOTZ, Werner. *Livro que te quero livre*. Rio de Janeiro, Editorial Nórdica, 1986.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil, visão histórica e crítica* 2ª ed. São Paulo, EDART, 1983, 314p (Moderna Escola Brasileira).
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil, história, teoria, análise*. São Paulo, Quíron, Brasília, INL, 1981, 418p
- _____. *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira*. São Paulo, Quíron, 1983, 963p
- _____. *Panorama histórico da literatura infantil e juvenil, das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo* 3ª ed. São Paulo, Quíron, 1985, 232p
- CUNHA, Maria Antonieta. *Como ensinar literatura infantil* 3ª ed. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1971
- _____. *Literatura infantil, teoria e prática*. São Paulo, Ática, 1983, 143p
- DINORAH, Maria. *O livro na sala de aula*. Porto Alegre, L&PM, 1987
- 200 Anos Grimm; Boletim Informativo FNLIJ, Edição Especial. Rio de Janeiro, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, 1987.
- ECO, Umberto & BONTAZZI, Mariza. *Mentiras que parecem verdades*. São Paulo, Summus, 1980, 133p. (Novas Buscas em Educação. v.6).
- Encontro de Professores Universitários de Literatura Infantil e Juvenil, 30 junho/4 julho 1980*. Anais. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, 1980, 347p.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *Literatura infanto-juvenil: arte ou pedagogia moral?* São Paulo, Cortez; Piracicaba, Universidade Metodista de Piracicaba, 1983, 155p.
- FONSECA, Edson Nery da. *A biblioteconomia brasileira no contexto mundial*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília, MEC/INL, 1979.
- FRAIBERG, Selma H. *Os anos mágicos; a primeira infância — compreensão e educação*. Trad. Marina Celedônio, São Paulo, Brasiliense, 1980.
- FRANZ, Marie Louise Von. *A interpretação dos contos de fadas*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1981, 215p. (Coleção Psicologia Arquetípica).
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler; em três artigos que se completam*. São Paulo, Cortez-Autores Associados, 1982, 96p. (Col. Polêmicas do Nosso Tempo n° 4)
- Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Rio de Janeiro. *Bibliografia analítica da literatura infantil e juvenil publicada no Brasil 1965/1974*. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1977, 384p.
- _____. Rio de Janeiro. *Bibliografia analítica da literatura infantil e juvenil publicada no Brasil*. Porto Alegre, Mercado Aberto, v.2.
- GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil*. São Paulo, Pioneira, 1984.
- HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder, as crianças e a literatura fantástica*. Trad. de Carlos Rizzi. São Paulo, Summus, 1980, 239p (Novas Buscas em Educação v.7)
- KHÉDE, Sônia Salomão (org.). *Literatura infanto-juvenil; gênero polêmico*. Rio de

- Janeiro, Mercado Aberto, 1983, 125p.
 _____. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo, Ática, 1986, 96p. (Série Princípios).
- LAJOLO, Marisa (org.). Ana Maria Machado. *Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico*. São Paulo, Abril Educação, 1983, 112p. (Literatura Comentada).
- _____. *Monteiro Lobato*, São Paulo, Abril Educação, 1981. (Literatura Comentada)
- _____. *O que é literatura*. São Paulo, Brasiliense, 1982, 99p. (Coleção Primeiros Passos nº 53).
- _____. *Usos e abusos da literatura na escola. Bilac e a literatura escolar na república velha*. Porto Alegre, Globo, 1982.
- _____. & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira, histórias e histórias*. São Paulo, Ática, 1984, 109p.
- MACHADO, Maria Clara. *A aventura do teatro*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1985, 67p., il.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1982, 93p. (Coleção Primeiros Passos nº 74).
- MEIRELLES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. il. de Sir Jolm Termiel e outros. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, 155p., il.
- MELO, Veríssimo de. *Folclore infantil*. Rio de Janeiro, Cátedra; Brasília, INL, 1981, 301p.
- MILANESI, Luís. *O que é biblioteca*. Capa e il. de João B. da Costa Aguiar. São Paulo, Brasiliense, 1983, 107p., il. (Coleção Primeiros Passos nº 94).
- _____. *Ordenar para desordenar; centros de cultura e bibliotecas públicas*. São Paulo, Brasiliense, 1986, 262p.
- MORAES, Antonieta Dias de. *A violência na literatura infantil*. São Paulo, Global, 1984, 117p. (Global Universitária, Série Crítica e Teoria Literária).
- PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo, Ícone, 1986.
- PONDÉ, Glória Maria Fialho. *A arte de fazer artes, como escrever histórias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1985, 217p.
- RESENDE, Vânia Maria. *Literatura infantil e juvenil, relatos de experiência na escola*. Belo Horizonte, Comunicação, 1983, 291p. *Resenha de livros para a infância e juventude* (antiga seleção de livros para a infância e juventude). Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Rio de Janeiro, nºs 1, 2, 3, 4, 5, 6 e especial, 1987. Publicação mensal.
- REVISTA LEITURA: teoria e prática, revista da Associação de Leitura do Brasil. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982/1987 Semestral.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Leitura/ensino: uma problemática*. São Paulo, Ática, 1981, 286p. (Coleção Ensaaios nº 77)
- RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. Trad. de Antônio Negrini. São Paulo, Summus, 1982, 159p. (Novas Buscas em Educação v. 11).
- SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga, as reações renovadas*. Rio de Janeiro, Agir, 1987.
- SANDRONI, Laura & MACHADO, Luiz Raul (orgs.). *A criança e o livro; guia prático de estímulo à leitura*. São Paulo, Ática, 1985.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leituras e realidade brasileira*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983, 104p. (Série Novas Perspectivas nº 4).
- _____. *O ato de ler; fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo, Cortez-Autores Associados, 1981, 104p. (Coleção Educação Contemporânea).
- SILVA, Lilian Lopes Martin da. *A escolarização do leitor; a didática da destruição da leitura*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986, 84p.
- VASCONCELLOS, Cida Maria Carvalho de. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo, Traço, 1982, 172p.
- WORNICOV, Ruth. *Crianças, literatura, livro*. São Paulo, Nobel, 1986.
- YOLANDA, Regina. *Educar é criar, uma experiência em currículo de 1º grau*. Rio de Janeiro, Primor-Instituto Estadual do Livro, 1977, 126p.
- _____. *O livro infantil e juvenil brasileiro - bibliografia de ilustradores*. São Paulo, Melhoramentos; INL/MEC, 1977, 151p., il.
- YUNES, Eliana (coord.). *A leitura e a formação do leitor; questões culturais e pedagógicas*. Rio de Janeiro, Antares, 1984, 72p.
- _____. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro, Divulgação e Pesquisa, 1982, 64p.
- _____. & PONDÉ, Glória. *Realidade para crianças e jovens*. Belo Horizonte, Comunicação, 1982, 59p.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo, Global, 1981, 104p. (tese, 1)
- _____. (org.) *A produção cultural para a*

criança. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982, 192p., il. (Série Novas Perspectivas n° 3).

_____. (org.). *Leitura em crise na escola; as alternativas do professor*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982, 164p. (Série Novas Perspectivas n° 1).

_____ & LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo, Global, 1986.

_____ & MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil; autoritarismo e emancipação*. São Paulo, Ática, 1982, 160p. (Ensaio n° 82).

LUYTEN, Sônia M. Bibe (org.). *Histórias em quadrinhos; leitura, crítica*. São Paulo, Paulinas, 1984, 91p.





ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

- Capa LE BLANC
pág. 101 Memórias de Emília, 5ª edição,
Editora Brasiliense, 1955
- pág. 3 autor desconhecido
pág. 24, O pó de pirlimpimpim, 1ª
edição, Companhia Editora Nacional,
1930
- pág. 5 LE BLANC
pág. 5, D. Quixote das crianças,
5ª edição, Editora Brasiliense, 1955
- pág. 7 LE BLANC
pág. 72, Emília no país da gramática,
4ª edição, Editora Brasiliense, 1955
- pág. 9 LE BLANC
pág. 85, Emília no país da gramática,
4ª edição, Editora Brasiliense, 1955
- pág. 11 BELMONTE
pág. 168, O poço do Visconde, 2ª
edição, Companhia Editora Nacional,
1944
- pág. 13 BELMONTE
pág. 54, A reforma da natureza,
1ª edição, Companhia Editora
Nacional, 1941
- pág. 15 BELMONTE
pág. 9, O poço do Visconde, 2ª edição,
Companhia Editora Nacional, 1944
- pág. 16 J. U. CAMPOS
pág. 9, Os 12 trabalhos de Hércules,
2º tomo, 5ª edição, Editora
Brasiliense, 1955
- pág. 19 LE BLANC
pág. 302, Aritmética da Emília, 4ª
edição, Editora Brasiliense, 1955
- pág. 21 LE BLANC
pág. 43, Caçadas de Pedrinho, 4ª
edição, Editora Brasiliense, 1955
- pág. 22 J. U. CAMPOS
pág. 229, Os 12 trabalhos de
Hércules, 1º tomo, 4ª edição, 1955
- pág. 25 BELMONTE
pág. 38, A reforma da natureza,
1ª edição, Companhia Editora
Nacional, 1941
- pág. 29 J. U. CAMPOS
pág. 289, Os 12 trabalhos de
Hércules, 1º tomo, 4ª edição, Editora
Brasiliense, 1955
- pág. 31 LE BLANC
pág. 5, Geografia de dona Benta, 5ª
edição, Editora Brasiliense, 1955
- pág. 35 BELMONTE
pág. 55, A reforma da natureza, 1ª
edição, Companhia Editora Nacional.
- pág. 37 VOLTOLINO
pág. 25, A menina do narizinho
arrebicado, 1ª edição, Monteiro
Lobato e Cia, 1290 - Edição fac-
similar, Metal Leve, 1982.
- pág. 39 BELMONTE
págs. 34, 62, 65, 67, 70, 113. O poço
do Visconde, 2ª edição, Companhia
Editora Nacional, 1944
- pág. 40 LE BLANC
pág. 256, Aritmética da Emília, 4ª
edição, Editora Brasiliense, 1955

- pág. 41 BELMONTE
pág. 109, Geografia de dona Benta,
2ª edição, Cia Editora Nacional 1939
- pág. 42 LE BLANC
pág. 93, Viagem ao céu e O saci, 5ª
edição, Editora Brasiliense, 1955
- pág. 43 LE BLANC
pág. 163, Viagem ao céu e O saci, 5ª
edição, Editora Brasiliense, 1955
- pág. 45 LE BLANC
pág. 1, Emília no país da gramática,
4ª edição, Editora Brasiliense, 1955
- pág. 51 BELMONTE
pág. 113, O poço do Visconde, 2ª
edição, Companhia Editora Nacional,
1944
- pág. 53 LE BLANC
pág. 1, O poço do Visconde, 4ª
edição, Editora Brasiliense, 1955
- pág. 56 BELMONTE
pág. 29, A reforma da natureza, 1ª
edição, Companhia Editora Nacional,
1941
- pág. 57 LE BLANC
pág. 55, Viagem ao céu e O saci, 4ª
edição, Editora Brasiliense, 1955
- pág. 66 J. U. CAMPOS
pág. 5, Os 12 trabalhos de Hércules,
2º tomo, 5ª edição, Editora
Brasiliense, 1955
- pág. 71 LE BLANC
pág. 75, O poço do Visconde, 4ª
edição, Editora Brasiliense, 1955
- pág. 72 LE BLANC
pág. 187, Aritmética da Emília, 4ª
edição, Editora Brasiliense, 1955
- pág. 73 LE BLANC
pág. 185, Aritmética da Emília, 4ª
edição, Editora Brasiliense, 1955



